



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Jéssica de Moura Pereira

**GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: ASPECTOS DA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA A PARTIR DAS TESES E DISSERTAÇÕES (2013 – 2018)**

Brasília – DF
2019

Jéssica de Moura Pereira

**GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: ASPECTOS DA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA A PARTIR DAS TESES E DISSERTAÇÕES (2013 – 2018)**

Dissertação apresentada à banca examinadora para defesa em nível de Mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília na linha de pesquisa Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer. Orientadora: Profa. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida.

Brasília – DF

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dp436g de Moura Pereira , Jessica
GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: ASPECTOS DA
PRODUÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DAS TESES E DISSERTAÇÕES (2013 ?
2018) / Jessica de Moura Pereira ; orientador Dulce Maria
Filgueira de Almeida. -- Brasília, 2019.
136 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação Física) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Estudos de Gênero. 2. Dissertações e Teses. 3. Produção
de Conhecimento Científico. 4. Educação Física. 5. Softwares.
I. Filgueira de Almeida, Dulce Maria, orient. II. Título.

Jéssica de Moura Pereira

**GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: ASPECTOS DA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA A PARTIR DAS TESES E DISSERTAÇÕES (2013 – 2018)**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.

Brasília-DF, 04 de Dezembro de 2019.

Prof. Dr. Pedro Fernando Avalone Athayde
Coordenador do PPGEF

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida
Orientadora
Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Jaciara Oliveira Leite
Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Raquel da Silveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo
Suplente
Universidade de Brasília

À *Nêga Véia* encarnada, vovó do meu coração, Saturnina Xavier.
Pelos carinhos e exemplos de fé, humildade e resignação.
In memoriam de Antônio Camargo de Moura e Edith de Oliveira
Moura, vovô e vovó do meu esqueleto, com todo **amor** e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Zambi [Olorum; Deus] pela oportunidade desta vida, pela proteção diária, pelos desafios e por permitir que, diariamente, eu possa experienciar tão sublime Amor.

Agradeço à minha mãe, Ionice Munis de Moura, pelos cuidados, carinhos, lanchinhos e por todo amparo concedido durante o processo de produção desta dissertação. Amo você, obrigada!

Agradeço às minhas irmãs, Helenice e Ana Paula; ao meu irmão, Paulo Victor; ao meu sobrinho Henrique; ao meu pai, Emivaldo; as minhas tias, Edilene e Fátima e ao meu padrinho Alício. Muito obrigada por estarem ao meu lado nos dias difíceis, por fazerem tudo o que estava ao alcance de vocês e até mais. Que bom que vocês existem.

Agradeço à família Ismaelina, em especial ao Lênin por todos os bons conselhos; à Simone e Filipe por me acolherem; à Priscilla, Keila, Beto, Rodrine, Paula, Andersinho, Geane, vovó Nilda, Célio(s), Caio, Emanuel, Ana Karolina, Joabe, Viviane, Izabela, Cláudia, Luciano, Luciana, Aline, Thaissa, Valleria, Tia Elaine, Sissília, Anegleyce, Pedro, Giovana, Fernanda, Júlia, Elenice, Iasmine, Aninha, Tales, Lucas, Margareth, Brianne, Leonardo, Nysia, Edilayne, Dona Lourdes, João, Sr. Vagner, Sandra, Marcelo, Tatiana, Miguel, Anderson Lino, Tia Nelza, Tio Zuzu, Rony, Patrícia, entre outras/os (são tantas pessoas). Muito obrigada por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis, pelas orações, mensagens, visitas e alegrias compartilhadas.

Agradeço à Profa. Dulce por ter aceitado esse desafio de orientação, pelos saberes compartilhados e por toda paciência. Muito obrigada!

Agradeço às Profas. Ana Márcia Silva; Eliane Gonçalves e ao Prof. Pedro Athayde por terem aceitado compor a banca de qualificação desta dissertação e por terem contribuído por meio dos importantes apontamentos que fizeram. Muito obrigada!

Agradeço à Profa. Raquel da Silveira por ter aceitado participar, via vídeo conferência, da banca de qualificação e por se deslocar do Rio Grande do Sul para compor a banca de defesa. Muito obrigada pelas ponderações imprescindíveis que fez a respeito deste trabalho.

Agradeço à Profa. Jaciara Oliveira Leite e ao Prof. Pedro Osmar Flores por todas as contribuições e pelos grandes incentivos. Muito obrigada!

Agradeço ao grande amigo, Oromar Augusto, pelas caronas, pela companhia e pelas conversas produtivas, engraçadas, sérias e afetuosas que tivemos nestes anos da pós-graduação.

Agradeço a todas/os pesquisadoras/es que optaram por escrever sobre a temática de Gênero antes de mim e cooperaram para que esta pesquisa existisse. Gratidão!

Agradeço à Graci, Aline Schons, Sara Nunes, Simone Leonel, Walquiria Melo, Adriano Passos, Elis, Pâmela(s), Claudinha, Dani, Augusto, Marcel, Bartô, Daniel Saran, Alisson, Andressa, Lívia, Islândia, Maria Denise, Aline Gomes, Tanísio, Mariluce, Carmem entre outras/os, que sempre foram pessoas muito queridas, prestativas e carinhosas. Obrigada por se fazerem presentes!

Agradeço às/aos colegas do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza: Eugênia, Letícia, Thiago, Marcelo, Reigler, Raul, Julia, Vanessa, Paulo, entre outras/os “neconianas/os” que passaram pelo grupo ou que chegaram recentemente. As contribuições do NECON para minha formação como pesquisadora foram indispensáveis.

Agradeço às/aos funcionárias/os terceirizadas/os que prestam serviços na Faculdade de Educação Física e à equipe que trabalha na secretaria do PPGEF, se não fosse a colaboração de vocês as coisas seriam um bocado mais complicadas. Muito obrigada por tudo!

Agradeço às/aos professoras/es e colegas das disciplinas que cursei durante a Pós-graduação. Todas (os) cooperaram para que eu ampliasse a minha visão acerca do mundo e do conhecimento.

Agradeço à Jacyara, psicóloga da Diretoria da Diversidade (DIV/UnB), e a Juliana pelos atendimentos dispensados a mim, pelas conversas fraternas e encaminhamentos.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Eu sou fruto das universidades públicas brasileiras, com muito orgulho”.

Desconfiai do mais trivial, na aparência de singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

[*Bertolt Brecht*, 1898 – 1956]

Muito além das ideias de certo e errado existe um campo.
Lá te encontrarei.

[*Rûmî*, poeta sufi persa, 1207 – 1273]

RESUMO

A Educação Física brasileira é um ‘campo científico’ relativamente novo, no qual convivem subáreas do conhecimento que se destacam pela diversidade de objetos e problemas de pesquisa e cujas abordagens teórico-metodológicas são fundamentalmente opostas. A temática de Gênero tem sido expressivamente incorporada às agendas de pesquisa de acadêmicas/os da pós-graduação desde o fim da década de 1980, sendo que com a criação do GTT no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, no ano de 2013, foi possível observar uma produção cada vez mais extensa e que passou a dispor de maior legitimidade no cenário científico. Esta dissertação teve como principal objetivo investigar as características de Teses e Dissertações defendidas no período que compreende entre os anos de 2013 e 2018, no que tange o enfoque temático em gênero. Os objetivos específicos foram: a) destacar aspectos históricos sobre a ciência, a produção científica e a universidade no Brasil, percorrendo a respeito das convergências destes temas com a estruturação do ‘campo científico’ da Educação Física e o surgimento da temática gênero como categoria de pesquisa; b) Identificar em que contexto geoespacial estas teses e dissertações se estabeleceram, quem são as/os autoras/es, as principais tendências temáticas, a prevalência de autoria com base no sexo, quem são as/os principais orientadoras/es brasileiras/os, atentando assim para os aspectos quantitativos da produção; c) apresentar as similaridades que as produções guardam entre si, bem como possíveis avanços frente às transformações que marcaram a virada do século XX para o XXI, conseqüentemente, focalizando os anos de 2013 a 2018 devido à irrupção e multiplicação de ofensivas antigênero no contexto da América Latina, ocupando-me nesse escopo dos aspectos qualitativos da produção. O problema de pesquisa foi assim formulado: Como se constituiu a produção acadêmico-científica sobre Gênero veiculada por teses e dissertações no contexto da Educação Física no Brasil? A natureza da pesquisa é quanti-qualitativa, tendo como etapas o levantamento das bibliográfico nos repositórios da BDTD e do Catálogo CAPES; o armazenamento das informações em um banco de dados criado a partir do *Microsoft Access*; a mensuração do progresso da produção por meio da Cientometria e a análise e interpretação dos textos com auxílio do *software* IRAMUTEQ. Concluiu que em meio ao avanço de pensamentos retrógrados e conservadores, que buscam esfacelar direitos e conquistas de minorias sociais em pleno século XXI, estas dissertações e teses apresentam-se como subversões da ordem científica hegemônica, haja vista que um movimento de contra-hegemonia é forjado ante ao que está posto e estabelecido como norma na ciência, na Educação Física e na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Estudos de Gênero 1. Dissertações e Teses 2. Produção de Conhecimento Científico 3. Educação Física 4. *Softwares* 5.

ABSTRACT

Brazilian Physical Education is relatively new “scientific field” in which there are areas of knowledge that stand out for the diversity of objects and research problems and whose theoretical approaches are fundamentally opposite. Gender has been expressively incorporated into postgraduate academics research agendas since the late 1980’s, and with the formation of GTT at the *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte* in 2013, it was possible to observe an increasingly extensive production that nowadays has greater legitimacy in the scientific scenario. This research had as the main objective to investigate the characteristics from Thesis and Dissertations defended in the period between 2013 and 2018 regarding the thematic focusing on gender. The specific objectives were: a) highlighting historical aspects of science discussing the convergences themes that create the structure of the scientific field of Physical Education and the emergence of gender as a research category; b) Identifying in which context these geospatial thesis and dissertations were established, who are the authors which are the main thematic trends, a prevalence of authorship based on gender, who are the main Brazilian supervisors thus paying attention to the quantitative aspects of the production; c) Showing the similarities as guarded productions among themselves as well as possible advances in the face of transformations that marked the transition from the twentieth century to the twenty-first century thus focusing on the years 2013 to 2018 due to the eruption and multiplication of antigender offensives in the context of Latin America, focusing on the qualitative aspects of production. The research issue was formulated as follows: How was the academic-scientific production on gender conveyed by thesis and dissertations in the context of Physical Education in Brazil? The nature of the research is quantitative and qualitative having as stages of bibliographic survey in the repositories of BDTD and CAPES catalog; storing information in a database created by *Microsoft Access*; the measurement of production progress through Scientometry and the analysis and interpretation of texts with aid of IRAMUTEQ Software. I conclude that in the midst of the advancement of backward and conservative thoughts that seek to crush the rights and achievements of social minorities in the twenty-one century, these Master Thesis and Doctoral Dissertation present themselves as subversions of the hegemonic scientific order, given as a counter-hegemony is wrought in the presence what is set and established as a norm in Science, in Physical Education and in Brazilian Society.

Keywords: Gender Studies 1. Master Thesis and Doctoral Dissertation 2. Knowledge Scientific Production 3. Physical Education 4. Software 5.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma	77
Figura 2 – Relação orientadoras/es e orientandas/os	87
Figura 3 – Nuvem de palavras correspondente à categoria temática “mulheres”	98
Figura 4 – Árvore de coocorrências correspondente à categoria temática “mulheres”	100
Figura 5 – Dendograma (CHD) correspondente à categoria temática “mulheres”	102
Figura 6 – STs estatisticamente mais relevantes da classe 3 de “mulheres”	103
Figura 7 – STs estatisticamente mais relevantes da classe 1 de “mulheres”	104
Figura 8 – Nuvem de palavras correspondente à categoria temática “identidade”	104
Figura 9 – Árvore de coocorrências correspondente à categoria temática “identidade”	106
Figura 10 – STs estatisticamente mais relevantes da palavra “identidade”	108
Figura 11 – STs estatisticamente mais relevantes da palavra “gênero”	108
Figura 12 – Nuvem de palavras correspondente à categoria temática “sexualidade”	109
Figura 13 – Árvore de coocorrências correspondente à categoria temática “sexualidade”	111
Figura 14 – Dendograma (CHD) correspondente à categoria temática “sexualidade”	113
Figura 15 – STs estatisticamente mais relevantes relacionados à classe 3 de “sexualidade”	115
Figura 16 – STs estatisticamente mais relevantes relacionados à classe 4 de “sexualidade”	115
Figura 17 – Nuvem de palavras correspondente à categoria temática “estereótipos”	116
Figura 18 – Árvore de coocorrências correspondente à categoria temática “estereótipos” ...	117
Figura 19 – Dendograma (CHD) correspondente à categoria temática “estereótipos”	119
Figura 20 – STs estatisticamente mais relevantes relacionados à classe 6 de “estereótipos”	121
Figura 21 – STs estatisticamente mais relevantes relacionados à classe 2 de “estereótipos”	121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Concentração das produções por região do Brasil	84
Gráfico 2 – Proporção de orientações por orientador@ por estado	86
Gráfico 3 – Tendência das pesquisas com base no tipo de produção	88
Gráfico 4 – Distribuição de pesquisador@s quanto à natureza da pesquisa	89
Gráfico 5 – Ano de defesa com base no sexo d@s pesquisador@s	90
Gráfico 6 – Total de produções em função das categorias temáticas e sexo	91
Gráfico 7 – Total de produções em função do ano de defesa e categoria	92
Gráfico 8 – Tendência das pesquisas com base nos contextos e ano de defesa	93
Gráfico 9 – Ênfases das pesquisas com base nos contextos	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Demonstrativo das/os pesquisadoras/es, temas e identificação das teses e/ou dissertações a partir das linhas de comando	82
Tabela 2 – Cronograma	124
Tabela 3 – Planilha de Orçamentos	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAI	Coordenação de Assuntos Internacionais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
CONBRACE	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
EEFFTO	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IRAMUTEQ	<i>Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires</i>
PPGCEE	Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte
PPGCMH	Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano
PPGEF	Programa de Pós-graduação em Educação Física
RBCE	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
UC	Universidade de Coimbra
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UPE	Universidade de Pernambuco
UnB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	29
2 CAPÍTULO I – A PRODUÇÃO CIENTÍFICA, A UNIVERSIDADE E A CIÊNCIA NO BRASIL: UM PAÍS PRECISA CONHECER A SUA HISTÓRIA	31
2.1 VAMOS REVER O QUE EXISTE DE NOSSO PASSADO	34
2.1.1 A institucionalização das universidades brasileiras e da pesquisa científica: <i>foram também como nós em decadência ou glória</i>	37
2.1.2 A produção do conhecimento científico na Educação Física brasileira: <i>feito amanhã seremos, nós, parte da história?</i>	40
2.1.2.1 A criação do Grupo de Trabalho Temático «Gênero» no CBCE: em busca de um lugar onde as pesquisas encontrem eco, resistência e possam expandir	44
3 CAPÍTULO II – GÊNERO: UMA CATEGORIA QUE PRODUZ TANTOS QUESTIONAMENTOS QUANTO OS QUE TENTA ESCLARECER	48
3.1 <i>GENEVIÈVE FRAISSE</i> : A HISTORICIDADE E OS EXCESSOS DE GÊNERO.....	51
3.2 <i>JOAN SCOTT</i> E O GÊNERO: O REEXAME CRÍTICO DE UMA CATEGORIA POLISSÊMICA.....	56
3.3 <i>JUDITH BUTLER</i> E AS REGULAÇÕES GÊNERO	62
4 CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A MINUCIOSA OBRIGAÇÃO DE APRENDER-ENSINAR A OLHAR	66
4.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	67
4.1.1 Delineamento da pesquisa.....	70
4.1.2 O <i>corpus</i> da Pesquisa: um passo a passo necessário.....	73
4.2 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES	74
4.2.1 Fase exploratória: portais de busca	74
4.2.2 <i>OficialDatabase_Gênero&EducaçãoFísica (2019): o Access como ferramenta para gerenciamento, armazenamento e proteção das pesquisas sobre Gênero</i>	75
4.2.3 Fluxograma	76
4.2.4 Software de análise textual: IRAMUTEQ	77
4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE INFORMAÇÕES	79
4.3.1 Análise textual com auxílio de programa informático.....	79
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	82
5.1 CIENTOMETRIA: MENSURAÇÃO DO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA (2013-2018).....	83

5.1.1 Tendência das teses e dissertações de acordo com as regiões e/ou estados brasileiros	84
5.1.2 Tendência das pesquisas com base no tipo de produção e natureza	88
5.1.3 Tendência das teses e dissertações de acordo com o sexo d@s pesquisador@s, ano de defesa e categorias temáticas	89
5.1.4 Tendência das teses e dissertações considerando-se os contextos pesquisados, o ano de defesa e a ênfase das investigações	92
5.2 EM SÍNTESE	94
5.3 IRAMUTEQ E AS ESCRITAS QUANTO AO GÊNERO: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA (2013-2018)	96
5.3.1 Estatísticas textuais	96
5.3.1.1 Categoria Temática – “Mulheres”	96
5.3.1.2 Categoria temática – “Identidade”	97
5.3.1.3 Categoria temática – “Sexualidade”	97
5.3.1.4 Categoria temática – “Estereótipos”	97
5.3.1.5 Categoria temática – “papéis sexuais”	98
5.3.2 Análise de Similitudes	98
5.3.2.1 A categoria “mulheres” na nuvem e a coocorrência entre as palavras	98
5.3.2.2 A categoria “identidade” na nuvem e a coocorrência entre as palavras	104
5.3.2.3 A categoria “sexualidade” na nuvem e a coocorrência entre palavras	109
5.3.2.4 A categoria “estereótipos” na nuvem e a coocorrência entre palavras	116
6 “DE TODAS AS COISAS SEGURAS, A MAIS SEGURA É A DÚVIDA”: ALGUNS PONTOS IMPORTANTES DE SEREM CONSIDERADOS	122
7 CRONOGRAMA	124
7.1 PLANILHA DE ORÇAMENTO	124
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE A	133
APÊNDICE B	134
APÊNDICE C	135
APÊNDICE D	136

MEMORIAL

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem deviam ‘tá aqui.
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nóiz?
Alvos passeando por aí...
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar um pouco de bom que eu vivi
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir...
*Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não vou sofrer no ano passado
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro* [Belchior tinha razão].

(EMICIDA, 2019; BELCHIOR, 1976)

À medida em que me esforço para acessar minhas lembranças sou capaz de trazer à tona, entre tantas ocasiões inteiras e/ou fragmentadas; reais e/ou imprecisas, algumas das experiências esportivas que oportunamente vivenciei. Nestes episódios, a interpretação singular adotada por Lélia Gonzalez (1984, p. 226) a respeito da memória — “lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita” — é tanto um recurso em tom poético quanto um prelúdio para o que estava cativo e hoje posso exteriorizar com o propósito de justificar determinadas escolhas, embora não se trate da biografia de uma grande esportista.

Pois bem, a experiência que marca o início desta narração deve ter ocorrido em 1997 ou 1998, não me recordo muito bem, mas sei que eu deveria ter aproximadamente oito anos de idade e aconteceu de ter sido “descoberta” por minha professora de Educação Física em uma de suas aulas. Eu era novata no Colégio Auxilium¹, absurdamente inquieta, metida à aventureira, piadista (por insegurança), às vezes corajosa, mas no geral difícil de controlar, o que, convenhamos, não era “o temperamento que esperavam de uma garota” numa instituição tão ortodoxa, informação que será melhor esclarecida por Adriana Piscitelli (2009, p.118), que

¹ Instituição dirigida pelas religiosas, Filhas de Maria Auxiliadora – Irmãs Salesianas, cuja proposta pedagógica fundamenta-se no Sistema Preventivo de Dom Bosco e Madre Mazzarello, objetivando “formar crianças e jovens como honestos cidadãos e cristãos engajados, comprometidos com o bem social e com o desenvolvimento da vida”. Disponível em: <http://www.colegioauxilium.com.br/colegio-auxilium/pagina/nossahistoria>. Acesso em: 15 mar. 2019.

se responsabilizou por nos apresentar às perspectivas feministas, dentre as quais àquela que se refere as representações sociais.

Felizmente todas as características que constituíam diferenças em relação as outras meninas foram indispensáveis para que eu recebesse um convite para compor a equipe de Handebol da escola, uma prática que até aquele momento não simbolizava nada na minha imaginação, mas que por despertar curiosidades precisava ser rapidamente experienciada. E por que não iniciar com um esporte “desconhecido”, uma vez que poderia esgotar aquele tanto de energia? Conforme expôs Edgar Morin (s/d, p.2) e, de distintas maneiras, várias/os outras/os autoras/es, “o conhecimento de nós próprios não é possível se nos isolarmos do meio em que vivemos” e nesta ocasião, para esclarecer a ausência de significado que o Handebol e outras modalidades manifestavam, caberá contextualizar às repercussões midiáticas das práticas esportivas na década de 1990.

Por sinal, o fim do século XX foi marcado por uma série de conquistas brasileiras no contexto esportivo. Boa parte do país presenciou o Voleibol tornar-se uma prática popular após o ouro da equipe masculina nas Olimpíadas de Barcelona em 1992, no entanto, os maiores festejos decorreram das vitórias no âmbito do Futebol praticado por homens. Grandes atletas foram revelados — dentre os exemplos: algumas mulheres² e um “manezinho da ilha³” — mas o esporte em que mais destaques foram anunciados era o Futebol, refinada arte tupiniquim que se tornava mundialmente reconhecida, apresentada por talentosos e “másculos” jogadores.

Como nem só de glórias era possível viver, as/os atletas também experimentaram fracassos (individualmente e coletivamente), dentre os quais um dos mais amargos ocorreu na Copa do Mundo de Futebol masculino do ano de 1998⁴. Um tropeço aqui, uma controvérsia ali, na década de 1990 grande parte das polêmicas noticiadas envolvendo esportistas, surpreendentemente, foram protagonizadas por jogadores de futebol, Edmundo “o Animal” e “o Baixinho” Romário vez ou outra ainda as vivem, mas, como não as viver, não é mesmo?

² Hortência e Paula foram referências mundiais na época, as jogadoras de Basquetebol da seleção brasileira ganharam a medalha de ouro no Pan-americano de 1991 e o título mundial em 1994. Jaque Silva e Sandra Pires, do Vôlei de Praia, também foram campeãs representando o Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/listas/10-referencias-do-esporte-nos-anos-90-que-podem-alimentar-a-novela-da-globo.htm>. Acesso em: 15 mar. 2019.

³ O tenista Gustavo Kuerten (Guga), atingiu o auge da carreira ao conquistar *Roland Garros*. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/listas/10-referencias-do-esporte-nos-anos-90-que-podem-alimentar-a-novela-da-globo.htm>. Acesso em: 15 mar. 2019.

⁴ Em atuação apática a Seleção brasileira de Futebol foi derrotada pelos franceses. O placar de 3 x 0 gols, deu a seleção da França, que jogava em casa, o título de campeã mundial. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/listas/10-referencias-do-esporte-nos-anos-90-que-podem-alimentar-a-novela-da-globo.htm>. Acesso em: 15 mar. 2019. No entanto, muito longe de ser a derrota mais amarga, a Copa de 1998 era apenas um ensaio para as/os torcedoras/es brasileiras/os. Dezesesseis anos se passaram e muitas/os assistiram inconformadas/os aos 7 x 1 na semifinal da Copa do Mundo de 2014. A seleção da Alemanha foi implacável e a derrota histórica poderia ter sido pior, mas Oscar contribuiu.

Naqueles tempos, a mídia esportiva foi o diferencial para que o sentimento de “paixão nacional” se consolidasse, tão intenso que por vezes “justificou” matar e/ou morrer⁵.

A Fórmula 1 também se destacou, quase a amamos, mas apesar do sucesso, de um ídolo e um número representativo de admiradoras/es, o esporte pareceu ir perdendo visibilidade, fato que também pode ser um engano de minha parte. Enfim! Ainda me lembro da manhã de domingo em que a vizinhança inteira ficou um bocado mais silenciosa ao acompanhar a notícia de uma das maiores tragédias desse esporte. Era dia 1º de maio de 1994 e o tricampeão mundial, brasileiro e piloto extraordinário, Ayrton Senna, havia sofrido um acidente fatal⁶ no grande prêmio de Ímola, na Itália, e foi difícil frear a tristeza que invadia a nossa casa à medida que a emissora [sempre afeita as tragédias] reprisava as cenas.

Os anos de 1990 reservaram choro e alegria, contendas e luto. O futebol jogado por homens fez mais história e apesar das portas abriam-se, timidamente, para outras modalidades esportivas ainda havia muito o que ser noticiado para que conhecêssemos um bocado mais. Quanto a isso, creio ter encontrado os argumentos aparentes que fundamentam minha ignorância infantil sobre o Handebol.

Retomando a minha história... Comecei a frequentar os treinos de Handebol que aconteciam no contraturno e uns meses depois, também por conta do grande incentivo dado por minha mãe, Ionice, participei do meu primeiro campeonato. Eram os Jogos da Primavera de 1997 ou 1998, havia duas equipes femininas inscritas na categoria fraldinha, e eu integrava uma delas. Disputamos duas partidas eletrizantes e a equipe da qual fazia parte foi a campeã. Pela proeza de ter feito gols fui um dos destaques e nossa treinadora parecia bastante orgulhosa. É provável que minha mãe e todas as pessoas que acompanhavam as outras jogadoras estivessem enaltecendo aquele momento, pois pela inexistência de celulares acabaram sendo obrigadas/os a serem testemunhas oculares dos jogos. A certeza que fica é que nós, as crianças, comemorávamos da melhor e mais honesta forma possível: brincando.

Aproveitando a brecha gostaria de ponderar que é surpreendente imaginar que na infância algumas brincadeiras possam representar subversões e que “dão tanto pano pra manga”

⁵ “A violência no futebol como um retrato do Brasil”, a matéria publicada no jornal *El País* em 31/12/2017 e escrita por Breiller Pires, apresenta dados sobre a violência no país e nos estádios brasileiros. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/28/deportes/1514427700_914142.htmlv. Acesso em: 15 mar. 2019.

⁶ Ayrton Senna é reconhecido por seus grandes feitos nas pistas e é considerado um dos maiores ídolos do esporte a motor. “O piloto mostrou que era um homem diferenciado nas pistas, não só por suas conquistas, mas também por sua atitude fora delas”. No acervo da Biblioteca Digital Nacional, é possível acessar o *Jornal do Brasil* do dia 2 de maio de 1994, cuja capa trazia a fotografia do momento em que a “Williams de Senna rodopiou na curva Tamburello do circuito de Ímola depois de bater contra o muro e antes de parar com o piloto moribundo em seu cockpit”. O Brasil chorava a morte de um herói e Michael Schumacher vencia mais uma vez, iniciando uma carreira brilhante. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pagfis=115848 e <https://www.ayrtonsenna.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

quando analisadas sob a ótica, limitadíssima, de pessoas cujas crenças baseiam-se em supostas normas sobre a “determinação biológica dos comportamentos de meninas e meninos”⁷. As meninas usam rosa e os meninos usam azul⁸, certo? Mas, e se nascerem cegos ou com algum tipo de deficiência ou anomalia que atinja a visão? Quais diferenças as cores serão capazes de representar? Quem terá mais direito ao movimento ou ao repouso? Já ouvi dizer que lutar, correr, subir em árvores, andar de *skate*, soltar pipa; eram habilidades pouco desenvolvidas por boa parte das meninas dadas suas inaptidões ou suposta (imposta) delicadeza, ou seja, belas “ideias de girico” (equívoco que literalmente não acontece só na grafia), ou melhor, uma maneira sutil e melindrosa de sermos censuradas/os.

Impertinentes! Assim são adjetivadas várias pessoas, dentre elas: eu — e certamente todas as desajustadas, as deslocadas — suscetíveis de serem transformadas em operações da linguagem/dos discursos (TADEU, 2000; HALL, 1996). Até então permanecemos sem sermos capazes de compreender que reduzir o «gênero» aos papéis sociais é apenas uma das interpretações possíveis para as questões que se apresentam sobre as identidades e as diferenças. E é Adriana Piscitelli (2009, p.130), ao apresentar uma perspectiva que disserta sobre «os papéis sociais», quem esclarece aquilo que não fui capaz de imaginar na época em que ingressei no Handebol e no movimento pueril de insubmissão avesso às “brincadeiras de meninas”.

A autora descreve que esta interpretação, habituada a incorporar normas relativas ao papel feminino e ao masculino com base na genitália, considera que “as pessoas «desviantes» passaram por algum erro no processo de socialização”. Desde o nascimento um bebê poderia ser tratado de diversas formas, que tendiam a variar para o atendimento de determinadas especificações, assim, havia a apreensão de comportamentos, visto que aos meninos seria permitida a aventura e os desafios e às meninas, a discricção e a inércia; eles eram estimulados a serem mais agressivos e elas a «se comportarem». Um garoto com aspectos considerados «femininos» ou uma garota «masculina» pareciam inapropriados, estranhos, tendendo a serem excluídas/os mais facilmente (PISCITELLI, 2009, p.130).

Neste ponto, gostaria de ressaltar minha admiração por professoras e professores de Educação Física, ou mesmo treinadoras e treinadores esportivos que quando provocadas/os, parecem reconhecer talentos (im)prováveis e apostar mais frequentemente nas crianças dadas a

⁷ PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque; SZWAKO, José Eduardo (Orgs.) Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p.130.

⁸ A ministra Damare Alves, que assumiu a pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos no governo de Jair Messias Bolsonaro, apareceu em um vídeo divulgado no dia 2 de janeiro de 2019 comemorando o que chamou de “a nova era no Brasil”. O material continha ainda a afirmação da ministra sobre as cores de vestimentas destinadas a meninos e meninas: “Atenção, atenção. É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damare.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2019.

traquinagens e molequices. Algumas oportunidades representam transformações, sobretudo nas vidas de meninas e mulheres.

Voltando à “biografia” ... o Handebol marcou o início de uma carreira esportiva frustrada e que, apesar de idas e vindas, tinha data para acabar. Ingressei também no Karatê e no Futsal tendo na figura materna um alicerce para suportar as adversidades. No momento em que optei por dedicar-me exclusivamente ao Karatê, por exemplo, era a minha mãe quem estava lá e inclusive fomos juntas em 2003 ao Rio de Janeiro, pois participaria pela primeira vez de um Campeonato Brasileiro de Karatê Shotokan⁹. O resultado foi positivo, fiquei em 1º lugar, era minha primeira grande façanha na luta.

Em 2006, aos 16 anos e com um acúmulo considerável de vitórias em campeonatos nacionais importantes, ganhei meu primeiro quimono e me tornei faixa preta, um acontecimento memorável. Estava confiante de que seria contemplada com a Bolsa Atleta¹⁰, mas essa conquista nunca aconteceu. No ano seguinte, em 2007, fui convocada para disputar o Pan Americano de Karatê que ocorreu na cidade de Herédia na Costa Rica, esbarrei então com a dificuldade de conseguir patrocínio¹¹ — assim como tantas outras e mais relevantes atletas — e com a precariedade de condições para arcar com as despesas, por isso acabei desistindo. Em 2009 deixei definitivamente os tatames e competições para me dedicar ao curso de Educação Física cuja escolha havia sido inspirada pela trajetória narrada até aqui.

Por incrível que pareça, o ingresso no ensino superior foi uma das experiências mais marcantes e fundamentais da minha vida. Eu já estava quase desistindo, foram inúmeras tentativas e desincentivos, até que no final de 2008 fui aprovada no vestibular da Universidade Federal de Goiás (UFG). Iniciei a graduação no curso Educação Física sem fazer ideia da existência de uma polarização na formação inicial de professoras/es, decorrente também da divisão dos cursos em licenciatura e bacharelado. Um ambiente conflitante que, como ressalta Ademilson Soares (2011, p.109), se acentuava graças à “oposição quase intransponível entre ser professor da Educação Básica e/ou Superior e ser pesquisador na Universidade”.

⁹ O Karatê Shotokan teve como precursor o mestre Gichin Funakoshi, que teve o apelido “Shoto” associado ao estilo por intermédio de seus alunos. Funakoshi defendia um karatê único e sem competições que promovesse o desenvolvimento humano integral, (FROSI, 2014). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/memorialjapao/wp-content/uploads/2014/03/karate-Shotokan.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

¹⁰ O Bolsa Atleta é um programa do Governo Federal brasileiro, coordenado pelo Ministério do Esporte, que beneficia atletas que competem a níveis nacionais e internacionais. A política governamental, instituída pela Lei n.10.891 de julho de 2004, visa a redistribuição direta de recursos financeiros voltados à preparação de atletas de alto rendimento, prioritariamente, praticantes de modalidades Olímpicas e Paralímpicas e que enquadrem-se nos seguintes critérios: 1) atleta estudantil; 2) atleta de base; 3) atleta nacional; 4) atleta internacional; 5) atleta olímpico e paralímpico; 6) atleta pódio (RODRIGUES, 2016).

¹¹ Problema vivenciado por outras atletas, que mesmo com suas conquistas e feitos, enfrentam diversos desafios. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/esportes/presenca-de-mulheres-no-esporte-cresce-mas-preconceito-nao-diminui> e <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-esporte-brasileiro/>. Acesso em: 16 mar. 2019.

Essa dicotomia fruto de recorrentes debates teórico-metodológicos sobre a identidade da Educação Física fundou-se um bocado antes e por meio da estruturação de concepções distintas, propostas por dois grandes grupos de intelectuais da área. De um lado estava a vertente pedagógica que reconhecia na Educação Física um potencial de intervenção social por meio da prática pedagógica, de outro a vertente científica que compreendia a Educação Física como uma área de produção do conhecimento científico. Nestes vieses, o fazer e a teoria pareciam se situar a quilômetros de distância e as atividades de pesquisa configuravam-se como legítimas apenas quando desenvolvidas por um determinado grupo (BETTI, 2005).

Mauro Betti (1996, p.75) observa que “cada uma destas matrizes (pedagógica e científica) oferece contribuições significativas, mas também cometem equívocos e esbarram em seus próprios limites”. Assim, ao observar a Educação Física como um campo científico dinâmico de pesquisa e reflexão que possui necessidades e características específicas, o autor propõe uma nova teoria e ressalta a importância em estabelecer diálogos com ciências e filosofias distintas para que seja possível estabelecer os objetos de estudo e orientar as intervenções pedagógicas, sem prender-se novamente ao dualismo (BETTI, 2005; 1996).

Pois bem, a confissão que tenho a fazer é que ao imergir nesse ambiente novo e aparentemente hostil uma centena de inseguranças vieram à tona, pois ao escolher cursar licenciatura dei de cara com inúmeras disciplinas que me tiravam da zona de conforto. Porém, para minha surpresa, os exercícios de reflexão e crítica acerca do que nos era apresentado sobre a Educação Física e a possibilidade de enxergar como as contradições sociais, culturais, econômicas envolvem cada espaço em que as práticas corporais, esportivas e de pesquisa se fazem presentes, acabei despertando para a assertividade da escolha. Ufa!

Passados três semestres do meu ingresso no ensino superior, a Coordenação de Assuntos Internacionais (CAI) da UFG lançou um edital de cooperação internacional, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo objetivo era selecionar estudantes de cursos de licenciatura para uma graduação sanduíche na Universidade de Coimbra (UC) em Portugal. Na ocasião fiz o levantamento de todos os documentos exigidos e por incrível que pareça, em 18 de agosto de 2010, recebi a notícia de que havia sido selecionada, entre outras e outros seis estudantes, para essa incursão via Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI).

Coloquei os pés em Portugal em 25 de setembro de 2010, mas o primeiro semestre na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF) já havia iniciado e tive que correr contra o tempo com as disciplinas e avaliações para ser capaz de superar um atraso de três semanas e me adaptar, ao passo que, eu e minhas/meus colegas, procurávamos uma moradia para nos instalarmos.

Como migrante e ocupando o lugar, arquitetado, de “não-europeia” em terras portuguesas, senti na pele o que faz a “classificação social derivada de uma colonialidade do poder” (QUIJANO, 2010), que como ressalta o próprio Aníbal Quijano (2005, p.117) configura-se a partir da “ideia de *raça*, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo”.

A ideia de *raça*, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. A formação das relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos como espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que estavam se configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes (QUIJANO, 2005).

Foram inúmeros os episódios em que passei a ser racialmente identificada e incontáveis as ocasiões em que havia um distanciamento claro entre eles (europeias e europeus) e nós (brasileiras e brasileiros), sobretudo nas relações estabelecidas institucionalmente, professoras/es e estudantes migrantes e entre estudantes não-migrantes e estudantes migrantes. Estas circunstâncias revelavam um retrocesso histórico ao período em que algumas sociedades estiveram sob exploração e, como informa Rita Laura Segato (2012, p.111), foram “mantidas em condições quase similares a campos de concentração”, além de engendrarem um clima de hostilidade e de desafio.

Esse impacto é igualmente traduzido pelas percepções de Norbert Elias & John Scotson (2000, p.23), ao descreverem como “a possibilidade de um grupo afixar em outro um rótulo de inferioridade humana e fazê-lo prevalecer é função de uma figuração específica que os dois grupos formam entre si”. Nos seis primeiros meses era perceptível que estávamos imersos em uma atmosfera de comprovação, a todo custo, da superioridade deles, fato que se confirmava principalmente nas aulas práticas das modalidades esportivas¹². Quando nossos luso-colegas apresentavam repertório motor mais refinado que o nosso, quando errávamos a execução de algum movimento ou mesmo quando faltavam materiais nas aulas e o aumento do volume de

¹² Grande parte delas nunca antes vivenciadas por nós, tais como: o Rugby (Râguebi), o Remo, o Tênis de quadra, a Canoagem, a Escalada, a Patinação (Patinagem).

estudantes era apontado como causa, acabávamos sendo interpeladas/os¹³, expostas/os por professoras/es que diziam coisas desagradáveis sobre nossas performances e presença.

Nesta ocasião, considero que seja de suma importância ressaltar as particularidades em termos de experiências e acesso¹⁴ que não foram levadas em consideração em alguns momentos. Enfim, passados esses episódios, muitíssimo importantes para o nosso fortalecimento, houve algumas transformações. Nosso desempenho acadêmico passou a ser notado e um número significativo de brasileiras/os compôs as estatísticas¹⁵ de melhores estudantes da Universidade de Coimbra. Aproveitei o clima amistoso para iniciar a prática de uma nova modalidade esportiva, e optei pelo *Rugby*¹⁶ condizendo, brincadeiras à parte, com a “feminilidade hiperbólica” que exalo.

No primeiro treino, constatei que era a única afro-brasileira¹⁷ da equipe, entendendo-me aqui como alguém que se enquadra em um “dos diferentes matizes com que as mulheres ‘negras’ se auto classificam ou são classificadas” conforme justifica Sueli Carneiro (2002, p.178). Eu recebi, de uma das colegas, o apelido de *Ouriço* por conta do cabelo que “armava” durante a execução das ações do jogo, sobretudo às corridas em velocidade para recepção dos passes. Até havia uma outra brasileira na equipe, mas ela era naturalizada portuguesa e assimilara tanto o jeito de falar quanto outras regras de convivência. Ademais, era uma das melhores jogadoras o que, seguramente, a tornava uma estabelecida¹⁸.

¹³ Em uma disciplina teórico-prática, escalada, o professor questionou o aumento considerável do número de estudantes matriculados, tendo em vista que isso atrapalharia o bom desempenho das dinâmicas das aulas. Para completar disparou a seguinte pergunta: “- Podem explicar o que vocês, brasileiros, fazem aqui? Estamos em plena crise econômica e me parece que o país de vocês anda muito melhor que o nosso”.

¹⁴ No Brasil, apesar do acesso ao esporte ser um preceito constitucional e um direito a ser garantido a brasileiras e brasileiros, é necessário que haja uma potencialização das políticas públicas e maior efetividade nas ações já desenvolvidas para que alcance a todas as pessoas. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/politicaNacional/politicaNacionalPg712.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019.

¹⁵ A notícia, “Estudante do PLI/UFMG está entre os 3% melhores alunos da Universidade de Coimbra”, foi divulgada no jornal local da época (2010) e apesar de não conseguir acessá-lo trago as informações disponíveis no site da Diretoria de Relações Internacionais UFMG sobre uma participante da segunda edição do Programa de Licenciatura Internacionais (PLI). Disponível em: <https://www.ufmg.br/dri/estudante-do-pliedmg-esta-entre-os-3-melhores-alunos-da-universidade-de-coimbra/>. Acesso em: 18 mar. 2019.

¹⁶ Esporte coletivo de intenso contato físico.

¹⁷ Segundo Baird (s/d) citado por Lerone Bennett Jr. (1967) no artigo *What's in a name? Negro vs. Afro-american vs. Black* publicado na Revista *Ebony*, a adoção da expressão “afro-americano” (afro-brasileiro) não resolverá o problema racial americano (brasileiro), entretanto, será capaz de especificar geograficamente ou culturalmente o grupo, tendo em vista que todos os outros “grupos humanos foram nomeados de acordo com a terra onde eles se originaram” e que houve má vontade dos grupos dominantes em reconhecer a humanidade dos africanos ao conceituá-los como “negros”. Baird (s/d) completa que “a palavra ‘negro’ tem uma orientação escravista que foi imposta aos americanos (brasileiros) de ascendência africana por escravocratas”. A expressão entrou em uso “em conexão com a escravização do africano no Novo Mundo”. Disponível em: <http://www.quilombhoje.com.br/site/2018/03/16/afro-preto-ou-negro/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

¹⁸ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Portugal tentava dizer-me de inúmeras formas que eu era uma “não-europeia”, que pertencia ao conjunto dos colonizados/dominados/inferiores (QUIJANO, 2010), que era uma *outsider* (ELIAS; SCOTSON, 2000). Foi em terras lusitanas que outras formas de opressão se conjugaram ao que eu já havia experimentado, num passado não muito distante, em termos de gênero. Xenofobia e racismo ocuparam um lugar miserável na bagagem organizada para a volta definitiva ao Brasil, bem ao lado de **milhares** de momentos extraordinários e inesquecíveis que vivi por lá.

O Handebol, o Karatê e por fim o *Rugby* foram os pontos de partida para que apreendesse que, além da desigualdade de oportunidades experimentada, devido às diferenças sexuais e de gênero, ocasionalmente, outras opressões dialogam. Nesta ocasião, a contribuição inestimável de Djamila Ribeiro (2016) em entrevista ao canal TV Boitempo no *youtube*, é fundamental para que não esqueçamos que esses entrecruzamentos nos impossibilitam de “eleger qual opressão é mais importante”. Por fim, destaco que me dediquei ao *Rugby* por um ano e meio, apesar das intempéries e com a prática fui melhorando a *performance* esportiva, tornando-me mais habilidosa e em certas partidas, necessária. Era veloz apesar de não conseguir aplicar *tackle*¹⁹ com eficiência e a participação insistente nos treinos somada a um empenho exemplar — é incrível lembrar como fui forte — renderam-me a possibilidade de participar de dois campeonatos da 1ª Divisão Nacional²⁰, do campeonato Nacional de *Rugby* Universitário²¹, que ocorreram no ano de 2011, e do *1st European Universities Games*²², em Córdoba na Espanha em 2012. No entanto, como na vida todos os momentos têm hora para acabar, inclusive os gloriosos, não houve distinções em relação ao *Rugby*.

Minha história é comum a tantas outras e poderia ser narrada por distintas mulher, a julgar pelas similaridades que permeiam nossas existências. A fragilidade da situação esportiva, no caso do Brasil, é fruto de uma eterna má governança e da ineficiência no cumprimento das políticas públicas que, apesar da não exclusividade, são fatores que impactam nestas histórias, correspondendo ainda, como afirma Veerle de Bosscher et al. (2015 apud RODRIGUES 2016, p.15), “a obstáculos para que uma nação alcance o sucesso esportivo internacional” que, diga-se de passagem, deve ir muito além da espetacularização e super investimento no Futebol jogado por homens. Eles não são os únicos, nem os melhores e, muito menos, os mais importantes atletas.

¹⁹ Técnica usada para parar o adversário que avança com a bola. Pode ser visualizada no vídeo *How to do a Rugby Tackle?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mMHRZ8LzS7Q>. Acesso em: 19 mar. 2019.

²⁰ Fomos campeãs nacionais de *Rugby Sevens* e vice-campeãs nacionais de *Rugby (15 players)*.

²¹ Campeãs Nacionais no Universitário.

²² Para finalizar, sagramo-nos vice-campeãs do *1st European Universities Games*, uma das experiências mais gratificantes que tive.

Apesar de todas essas circunstâncias considero que seja essencial reconhecer que o esporte representa um lugar, uma possibilidade de ascensão social, sobretudo para mulheres e em particular as afro-brasileiras originárias de famílias pobres que estimam bons salários como uma forma de garantir o progresso pessoal e familiar²³. São exemplos os casos das pioneiras no combate ao racismo e sexismo no contexto esportivo: Wanda dos Santos (corredora) e Aida dos Santos (saltadora em altura); e tantas outras mulheres pretas que já brilharam ou ainda brilham nas quadras, como, no voleibol: Fabiana Claudino e Hélia Souza, (a Fofão); no basquetebol, Janeth dos Santos, Érika Cristina de Souza, Karen Rocha; nos tatames, Rafaela Silva, Érika Miranda; no campo, Delma Gonçalves (a Pretinha) e Miraildes Maciel (a Formiga) e nas pistas, Rosângela Santos e Kauizia Venâncio. Se no ambiente esportivo não há espaço para interpelação sobre as desigualdades, diferenças e preconceitos, eles jamais serão questionados e/ou combatidos.

A vida em países como Brasil e Portugal em que “a raça informa a classe” e ambas categorias se aliam e potencializam a repressão às mulheres, sobretudo afrodescendentes, deve ser observada considerando-se sua complexidade, visto que, como complementa Djamila Ribeiro (2016), “não existe capitalismo sem o racismo e o machismo” e, no caso de ambos países, uma abertura para a contestação dessas estruturas é essencial para (re)pensarmos as formas como fazemos política e contribuimos para o aprofundamento desses debates.

Ressalto ainda que assimetrias de gênero também existiam nas cenas do *Rugby*. Presenciei vários momentos de embates travados por minhas colegas de equipe para participarem das seletivas da Seleção Nacional portuguesa e, claramente, havia uma discrepância absurda de oportunidade em relação aos homens que partilhavam o mesmo objetivo. Encerro essa observação com a reflexão de Silvana Goellner (2007, p.191):

Reclamar às mulheres o direito de reivindicar o esporte como um espaço de exercício de liberdades que também é seu, mais do que um desafio acadêmico é, sim, uma necessidade política (GOELLNER, 2007).

A exclusão, invisibilidade, estigmatização e o preconceito contra mulheres, sobretudo contra as mulheres pretas, as pessoas com deficiência, os homens pretos, as/os refugiadas/os e apátridas e as pessoas LGBTQIA+²⁴ no âmbito das práticas esportivas de alto rendimento,

²³ Mais informações nas reportagens: “Lute como uma mulher negra”: 15 atletas para conhecer e celebrar. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/11/lute-como-uma-mulher-negra-15-atletas-para-conhecer-e-celebrar/> e “As mulheres negras no esporte brasileiro”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-esporte-brasileiro/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

²⁴ Atualmente a sigla une gênero e sexualidade, por isso os acrêscimos: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis (além do gênero, além do sexo, etc.); *Queer* (pessoas que não se identificam com padrões

apenas reforçam as ponderações feitas por Eric Dunning e Joseph Maguire (1997), que afirmam que “o esporte é um dos principais espaços para a construção, expressão e conservação do modelo tradicional de masculinidade”; as análises de Judith Butler (2003) sobre “práxis” capazes de dar conta da eliminação de qualquer naturalização da diferença entre os sexos e da heteronormatividade compulsória; por Kimberlé Crenshaw²⁵ (2002), e Lélia Gonzalez (1984) que destacam uma naturalização do racismo a partir dos estereótipos que são associados à população negra, demonstrando a ineficácia no cumprimento de direitos historicamente legitimados, ou melhor designados por Rita Laura Segato (2012, p.109) como os Direitos Humanos fruto do “discurso ocidental e moderno”.

A problematização e, por consequência, o reconhecimento, o incentivo a práticas que incluam o respeito, a educação para a diversidade humana e a busca por equidade em meio a tantos contrastes, evidencia-se como uma das possíveis formas de representarmos o que seria coexistir em uma sociedade. Neste sentido, sendo o esporte um fenômeno moderno que intenta a relação de socialização entre as nações, e cujo “conjunto de práticas e consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais são ofertados no sentido de encontrar uma determinada demanda social”²⁶, há possibilidade — ainda que escassa — de ao ofertar uma modalidade, dar voz às pessoas historicamente marginalizadas e de apresentar as inúmeras possibilidades de todos os corpos que se movimentam em busca do ideal espetacular que os esportes promovem.

Reconheço hoje que foram esses os motivos que me trouxeram ao mestrado, foi uma vontade que se sustentava num grito entalado na garganta aguardando o ponto alto de emancipação. A entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (FEF/UnB) e alguns dos primeiros passos, conduziram a desconfortos e ao exílio. O objeto de estudo foi uma pedra no sapato, dada a fragilidade conceitual e teórico-metodológica do primeiro pré-projeto²⁷, e por um bom tempo também se apresentou como um gigantesco espaço em branco na minha cabeça. Minha imaturidade acadêmica era nítida.

binários de gênero); Intersexuais; Assexuais (pessoas que não sentem vontade de performar sexualidade); e por fim, o “+” que se refere às pessoas Demissexuais, Pansexuais, Intrassexuais.

²⁵ Kimberlé Crenshaw (2002, p.177) nos apresenta ao conceito de interseccionalidade, “a busca pela captura das consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, tratando especificamente a forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”. As desvantagens produzidas por esse cruzamento de opressões, maximizam as vulnerabilidades e formas de exclusão preexistentes criando assim uma sobreposição ou acumulação de violências. Lélia Gonzalez (1984, p.225-226), reforça os argumentos de Kimberlé Crenshaw quando analisa a naturalização do racismo por meio dos estereótipos associados à população negra, e como exemplificado no trecho seguinte, no caso das mulheres: “naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta”.

²⁶ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? Exposição introdutória ao Congresso Internacional do HISPA, realizado no INSEP (Paris), março de 1978.

²⁷ Tema do primeiro pré-projeto: **Corpos “excêntricos” em movimento: o acesso e permanência de pessoas LGBTQIA+ nas práticas esportivas de alto rendimento.** Amplo e pobre em fundamentação teórica.

Estranhei a conjuntura, me estranhei e odiei, pensei em desistir, adoeci e quando estava esgotada obtive uma ajuda tão preciosa, dessas que são impossíveis de descrever por encontrar-se em posição elevada relativamente ao nosso limitado mundo material.

Por incrível que pareça, nesse exercício de (re)lembrar e escrever a respeito de tudo que passei tentando ser alguém no esporte, encontrei forças. Se há um instante de iluminação para todas/os que produzem ele foi suscitado pelas reflexões coletivas durante as aulas de uma disciplina que tive o privilégio de poder cursar e tudo se encaminhou. Com algumas modificações, o texto produzido para o encerramento daquele semestre se traduziu neste memorial que pode parecer uma tentativa de enrotação pela quantidade de páginas, mas não é.

Em conclusão, é na busca por apreender determinados saberes sobre os estudos de gênero — e sabendo que só então poderei realmente me posicionar com segurança, política, acadêmica e cientificamente — que opto pelo delineamento da pesquisa mediante um estudo de revisão cujo objeto é a produção do conhecimento sobre Gênero veiculada a partir das teses e dissertações concebidas e defendidas no campo científico da Educação Física brasileira. Afinal, a história ainda não acabou e me parece que esse é apenas mais um entre tantos capítulos possíveis de serem escritos.

No mais... Espero que apreciem a leitura.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa proponho uma abordagem pautada na análise da produção acadêmico-científica da Educação Física, tomando como objeto de estudo as Teses e Dissertações defendidas no período que compreende entre os anos 2013 e 2018 e, cujo enfoque temático é o Gênero. Parto da premissa que estes trabalhos podem nos levar a compreensão de como os Estudos de Gênero têm fornecido subsídios para (re)pensarmos nossos problemas de pesquisa, nossas *práxis* e o próprio campo científico da Educação Física. Assim, buscarei cooperar com o processo de abrangência teórica e conceitual sobre o tema.

No Brasil, a Educação Física constitui-se como uma ciência relativamente nova, na qual convivem subáreas do conhecimento que se destacam pela diversidade de objetos e problemas de pesquisa e cujas abordagens teórico-metodológicas são fundamentalmente opostas. A temática de Gênero tem sido expressivamente incorporada às agendas de pesquisa de acadêmicas/os da pós-graduação desde o fim da década de 1980, sendo que com a criação do Grupo de Trabalho Temático (GTT) no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, no ano de 2013, foi possível observar uma produção cada vez mais extensa e que passou a dispor de maior legitimidade. Neste sentido, a pertinência deste estudo é revelada, precisamente, em virtude da possibilidade de situar pesquisadoras/es a respeito das características da comunidade acadêmica inclinada a esses debates, bem como do desenvolvimento do ‘campo científico’ da Educação Física brasileira, a fim de que ampliemos nossos saberes e diálogos sobre os Estudos de Gênero.

Direcionar o olhar para as teses e dissertações configurou-se como um exercício que considere indispensável, sobretudo quando dispomos de ferramentas que nos auxiliam na sistematização e compartilhamento de informações sobre os conhecimentos produzidos. O que não implica um monitoramento rigoroso e equivocadamente da qualidade das pesquisas, mas sim uma busca por identificar e problematizar o que cada pesquisadora ou pesquisador é capaz de “criar”. Neste sentido, apontar lacunas é uma parte do processo, mas, ressaltando os progressos e, sempre que possível, indicando novos caminhos, impasses e/ou contradições, para serem tratados em pesquisas vindouras (SANCHÉZ GAMBOA, 1998 apud ALMEIDA, 2018).

Ao catalogar as tendências de determinada produção não esgotamos os indicadores possíveis de serem analisados, pelo contrário, esperamos cooperar com o movimento científico que está sempre em marcha (SANCHÉZ GAMBOA, 1998; SILVA 1990; SACARDO, 2012). A partir desta linha de pensamento, esta dissertação buscará realizar o levantamento bibliográfico sobre gênero na Educação Física, a partir das teses e dissertações, com o intuito de revelar as características, tendências, contextos, temas e problemas mais evidenciados.

Atentando aos argumentos sinalizados até aqui a seguinte questão foi elaborada: *No contexto da Educação Física brasileira, como se constitui a produção acadêmico-científica sobre Gênero veiculada a partir de Teses e Dissertações?* O objetivo geral consiste em investigar as características das pesquisas desenvolvidas no período que compreende entre os anos de 2013 a 2018. Para isso, foram elencados os seguintes objetivos específicos: a) destacar aspectos históricos sobre a ciência, a produção científica e a universidade no Brasil, percorrendo a respeito das convergências destes temas com a estruturação do ‘campo científico’ da Educação Física e o surgimento da temática gênero como categoria de pesquisa; b) Identificar em que contexto geoespacial estas teses e dissertações se estabeleceram, quem são as/os autoras/es, as principais tendências temáticas, a prevalência de autoria com base no sexo, quem são as/os principais orientadoras/es brasileiras/os, atentando assim para os aspectos quantitativos da produção; c) apresentar as similaridades que as produções guardam entre si, bem como possíveis avanços frente às transformações que marcaram a virada do século XX para o XXI, conseqüentemente, focalizando os anos de 2013 a 2018 devido à irrupção e multiplicação de ofensivas antigênero no contexto da América Latina.

Esta dissertação é composta por quatro capítulos. No **capítulo 1** recorri a fatos históricos para tratar do desenvolvimento da ciência, da institucionalização das universidades, da produção científica brasileira, bem como o surgimento da temática gênero nas pesquisas da Educação Física. No **capítulo 2** dediquei-me a trazer os referenciais teóricos que considero ser expoentes na escrita sobre gênero no ocidente: Geneviève Fraisse, Joan Scott e Judith Butler, tentando estabelecer um diálogo/relação entre o que elas pensam e meu objeto de pesquisa.

No **capítulo 3** apresentei os procedimentos metodológicos desta pesquisa, descrevendo os caminhos a serem seguidos para compreensão do problema proposto e, apresentando, em pormenores, como seriam usados os *softwares* para o armazenamento dos dados (*Microsoft Access*) e análise textual (IRAMUTEQ). Neste capítulo, a descrição do passo a passo destes programas parecerá repetitiva, porém, levei em conta a importância de detalhar como eles funcionam já que mais pesquisas com estas características podem ser (re)produzidas, aperfeiçoadas e difundidas pela comunidade científica da subárea sociocultural da Educação Física. Por fim, o **capítulo 4** destinou-se às discussões dos resultados alcançados por meio do tratamento dos *corpus* textuais pelo IRAMUTEQ, após terem sido previamente divididos em categorias temáticas mediante a leitura sistematizada de todas as teses e dissertações.

2 CAPÍTULO I – A PRODUÇÃO CIENTÍFICA, A UNIVERSIDADE E A CIÊNCIA NO BRASIL: UM PAÍS PRECISA CONHECER A SUA HISTÓRIA

No ano de 1919, precisamente em 29 de maio, sob o céu da cidade de Sobral, no Ceará, um eclipse total do sol foi presenciado. Graças ao deslocamento das nuvens que figuravam no amanhecer o fenômeno pôde ser registrado por uma expedição científica, enviada ao nordeste do Brasil, após constatarem que aquela seria uma das localizações geográficas ideais para observação do raro evento astronômico que aconteceria naquele ano²⁸.

Ao rumarem para a região os cientistas buscavam nada mais nada menos do que a possibilidade de comprovar a Teoria da Relatividade Geral do físico e matemático Albert Einstein (1879-1955)²⁹. Com algumas câmeras conectadas aos telescópios, considerados de primeira qualidade para a época, eles aguardavam realizar uma façanha que superasse os insucessos das tentativas empreendidas anteriormente. Por “sorte” captaram sete estrelas, todas próximas à borda do Sol, cujos brilhos puderam ser apreciados nos instantes em que o dia praticamente se tornou noite. *Eureka*³⁰! Como foi previsto e calculado, a luz se curvava ao percorrer um trajeto próximo ao astro de grande massa (EINSTEIN, 1916).

Na ocasião, as chapas fotográficas eram o mais avançado recurso disponível em termos de reprodução de imagens e revelaram ao mundo não só o momento em que a Lua se interpôs entre o Sol e a Terra, evidenciando as estrelas que durante o dia eram ofuscadas, como também, a maior revolução que a ciência experimentara, ou melhor dizendo, uma nova Teoria do Universo³¹. A respeito deste episódio, envolvendo o nordeste do território brasileiro e também a Ilha de Príncipe, na África Ocidental, Einstein (1925) relatou: “o problema concebido pela minha mente foi respondido pelo luminoso céu do Brasil”, um país arquitetado para revelar sua grandeza — outrora descrita nos versos da canção patriótica — num futuro pacífico e ironicamente, pouco a pouco, também distante.

O centenário deste evento épico que incluiu a cidade de Sobral em um dos capítulos da história do brilhante Albert Einstein, responsável por impulsionar uma revolução científica no início do século XX, é celebrado no ano de 2019. O aniversário e a comemoração dele resultante são legítimos e por isso deveriam ser noticiados de maneira satisfatória para que a magnitude da conquista ressoasse em todo o território, de norte a sul, leste a oeste, uma vez que o Brasil e

²⁸ Sobre o Eclipse de Sobral e a comprovação da Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein. Disponível em: <http://centenarioeclipse.sobral.ce.gov.br/centenario-do-eclipse/o-eclipse>. Acesso em: 31 maio 2019.

²⁹ Mais informações no artigo “O eclipse de 1919: a comprovação da Teoria da Relatividade Geral”. Disponível em: <https://www.fisica.net/relatividade/o-eclipse-de-1919.php>. Acesso em: 31 maio 2019.

³⁰ Se é que posso invocar o excêntrico, porém não menos brilhante, Arquimedes de Siracusa (287 – 212 a.C.).

³¹ A Teoria da Relatividade Geral foi apresentada como uma reformulação da Teoria da Gravitação Universal de Sir Isaac Newton (1643-1727).

cientistas brasileiros nitidamente foram coadjuvantes desse episódio representativo que impulsionou uma série de inovações tecnológicas e científicas durante um século.

Entretanto, passados vários anos desde a confirmação da genuinidade da teoria do alemão, agraciado com um Prêmio Nobel em 1921 por seu artigo sobre o “Efeito Fotoelétrico”, Doutor em Física pela Universidade de Zurique, na Suíça, no ano de 1905 — data em que a sociedade brasileira ainda cogitava a instrumentalização de universidades, cuja indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e extensão é hoje um pilar — o conhecimento e as aspirações por “verdade” aparentemente vão deixando de ser importantes no cenário nacional, provando que ciência e poder (reiteradamente unidos pelos sujeitos universais) são tensionados a se separarem sempre que, como bem disse Nilma Lino Gomes³² na conferência de abertura da 2ª edição do Congresso de Mulheres na Ciência, “grupos sociais diversos demandam a universidade como direito” e causam conturbações nas normas vigentes.

A antipatia governamental à ciência brasileira de hoje tem a diversidade como alvo, uma circunstância que parece arremedar as vivências de Albert Einstein que, a despeito de pertencer ao campo das “ciências duras” e não ser um cientista brasileiro, teve na identidade judaica o motivo que lhe rendeu inúmeras ameaças e ataques desde o crescimento do antissemitismo na Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial. As perseguições empreendidas por nazistas contra o físico — fortemente engajado na luta contra as guerras e desigualdades sociais e atento aos direitos democráticos e liberdades civis³³ — resultavam em calúnias a sua teoria científica, considerada como um “produto de pensamento judeu ou física judia”³⁴, e advertências sobre os riscos a que sua vida estaria exposta a datar das previsões feitas por ele e relatadas em cartas enviadas a sua irmã, Maja³⁵, sobre os tempos sombrios que se aproximavam.

Ora, estaria/está na política dogmática religiosa que ascendeu/ascende e avançou/avança, internacionalmente, sobre todas/os pesquisadoras/es, cientistas e

³² Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), participou da conferência de abertura da segunda edição do Congresso de Mulheres na Ciência, afirmando ainda que os “ataques à ciência tem a diversidade como alvo”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ataques-a-ciencia-tem-a-diversidade-como-alvo-afirma-nilma-lino-gomes/>. Acesso em: 1 setembro 2019.

³³ Informações obtidas em um artigo que descreve um dossiê elaborado pelo *Federal Bureau of Investigation* (FBI), e posteriormente resgatadas por Fred Jerome em seu livro *The Einstein Files: J. Edgar Hoover's Secret War Against the World's Most Famous Scientist*. O refúgio nos Estados Unidos não livrou Einstein das perseguições, ao que consta, grupos de extrema direita, o consideravam comunista e informante de organizações e grupos anarco-comunistas. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/2002/oct2002/port-o25.shtml>. Acesso em: 2 setembro 2019.

³⁴ Em matéria intitulada: “Albert Einstein e a religião” publicada em *Deutsche Welle (DW) News Brasil* em 18 de abril de 2005, de autoria de *Udo Marquardt*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/albert-einstein-e-a-religi%C3%A3o/a-1555314-2>. Acesso em: 2 setembro 2019.

³⁵ Informação veiculada em matéria da BBC News: “Albert Einstein e o nazismo: a desconhecida carta em que o físico previu os ‘tempos obscuros’ na Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial” em 13 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46187774>. Acesso em: 2 setembro 2019.

professoras/es que buscam preencher os vácuos criados pelos silêncios omissos, o fio condutor desses cenários tão hostis? E poderia/pode nossa admiração pelos mistérios, que segundo Einstein (1953) estão na “base da religião e das aspirações mais profundas da arte e da ciência”, nos resgatar?

A linguagem de Deus é a matemática. Fazer parte das pessoas que podem dedicar sua valiosa força de observação e investigação a coisas objetivas e desvinculadas do tempo é uma graça especial. Como sou feliz e grato por usufruir desta graça que nos torna independentes do destino pessoal e do comportamento dos demais! Mas esta independência não deve nos cegar, a ponto de ignorarmos os deveres que continuam nos vinculando à humanidade de antes, de agora e de depois [...] Nossa situação no mundo parece estranha, cada um de nós aparece para uma breve visita, involuntariamente e sem ser convidado, sem saber por que e para quê. Na vida diária, só sentimos que o ser humano existe por causa dos outros, daqueles que amamos e de inúmeros outros companheiros de destino (EINSTEIN, 1932).

A profissão da fé racional-científica de Einstein é, religiosamente, um tratado sobre a alteridade abrindo espaços para a contestação das rígidas convicções que consolidam a intolerância como um recurso frente as diferenças. Nesta lógica, no Brasil de 2019, ao nos propormos a fazer ciência olhando desde baixo — para Donna Haraway (1995, p. 17) “da perspectiva dos subjugados”, cujas “posições não são inocentes” — capacitamo-nos a elaborar, de forma crítica e autocrítica, explicações que almejam ir além e que são proibidas e/ou ultrajadas justamente pela probabilidade de colapsar pensamentos reacionários.

O senso da História é assim... serve para que nós iluminemos até mesmo o nosso futuro.

2.1 VAMOS REVER O QUE EXISTE DE NOSSO PASSADO³⁶

É uma velha e complicada história a do conflito entre a verdade e a política, e a simplificação ou a predicação moral de nada serviriam. No decurso da história, os investigadores e aqueles que dizem a verdade estiveram sempre conscientes dos riscos que corriam; enquanto não se misturavam nos negócios do mundo eram cobertos de ridículo, mas aquele dentre eles que forçava os seus concidadãos a toma-lo a sério procurando livrá-los da falsidade e da ilusão, esse arriscava a vida: «Se lhe fosse possível pôr a mão num tal homem... matá-lo-iam», diz Platão na última frase da alegoria da caverna.

Hannah Arendt – “Verdade e Política³⁷”, 1967.

É um verdadeiro tormento, mas, posturas incoerentes e ideologias antiacademicistas envolvem nosso país desde a virada do século XX, intensificando os efeitos de um cataclismo que anseia acontecer e ameaça pôr fim a “autonomia” de pensar, pesquisar e produzir conhecimento, conquistada a duras penas e com anos e anos de atrasos. Sobretudo no ano de 2019, o que há de grotesco na organização governamental e social parece ter se fortalecido com o propósito nefasto e estratégico de agirem para que seja resguardada a distância, entre milhares de pessoas, das reais e ainda precárias possibilidades de alcançarem/produzirem/dissemინarem avanços e saberes tão extraordinários quanto os que foram teorizados por Einstein, ou Carlos Chagas e Johanna Döbereiner³⁸, só que essa é a mais longa história.

Até chegarmos a este momento, a jovem e promissora ciência brasileira já trazia consigo dolorosas marcas, as memórias da letalidade que uma política arbitrária pode desencadear sobre a atividade acadêmica. Faz pouco mais de 50 anos que mediante forte repressão, desde 1964 e especialmente após implantarem o Ato Institucional nº 5 durante o regime militar³⁹, que

³⁶ Verso da música *Guararapes* de Dorival Caymmi e Paulo César Pinheiro que irá inspirar, através de outras linhas poéticas, a composição dos subtítulos deste capítulo.

³⁷ Título original: *Truth and Politics*, texto publicado pela primeira vez em *The New Yorker*, em fevereiro de 1967 e integrado ao livro *Between past and future*, editado no ano seguinte. Tradução: Manuel Alberto.

³⁸ Responsáveis por duas grandes descobertas científicas brasileiras. Carlos Chagas, médico sanitário, em 1909 identificou e descreveu o ciclo completo de uma doença (vetor, agente causador, reservatório doméstico, características, complicações e meios de combate) que posteriormente seria batizada com seu nome: a “Doença de Chagas”. Johanna Döbereiner, agrônoma, na década de 1950 “identificou tipos específicos de bactérias que ajudam na nutrição das plantas por meio da fixação de nitrogênio nas raízes”, fato que ajudou a reduzir o impacto ambiental e a baratear a produção nacional de soja. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-foram-as-maiores-descobertas-cientificas-brasileiras/>. Acesso em: 2 setembro 2019.

³⁹ Ato institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, suspendeu direitos políticos, como a garantia de *Habeas Corpus* para determinados crimes, e restringiu o exercício de qualquer direito público ou privado, dando poderes ao Presidente da República de decretar estado de sítio etc. O AI-5 foi definido como o mais duro golpe do regime contra a sociedade brasileira, tendo vigorado por dez anos, punindo todas/os que se considerassem ou fossem consideradas/os inimigas/os do Estado. Segundo o Relatório final da Comissão Nacional da Verdade (2014), estima-se que o número de pesquisadoras/es perseguidas/os varie entre 800 a 1000. Disponível em: <https://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-historica/atos-institucionais> e http://site.mast.br/ciencia_na_ditadura/projeto.html. Acesso em: 2 setembro 2019.

centenas de grupos de pesquisas foram desestruturados e que várias/os cientistas se viram literalmente obrigadas/os a deixar o país, expurgos que representavam o fracasso que estávamos a vivenciar em termos de desenvolvimento nacional (TOLMASQUIM et al., s/d).

Desde muito cedo iniciou-se uma fuga de cérebros⁴⁰ que causou impactos nas trajetórias, profissional e pessoal, de muitas pessoas, culminando ainda numa suspensão do desenvolvimento científico brasileiro e de importantes atividades científicas e acadêmicas nas Universidades de São Paulo (USP), Brasília (UnB), Rio de Janeiro (UFRJ), Minas Gerais (UFMG), na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Instituto Butantan etc. Lamentavelmente, inúmeros projetos de pesquisa foram interrompidos por serem coordenados por pesquisadoras/es que o regime considerava subversivas/os (TOLMASQUIM et al., s/d).

Professoras/es, estudantes de pós-graduação, pesquisadoras/es de áreas como: Medicina, Letras, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia, Sociologia, Antropologia, Economia, Artes Plásticas, Química, Jornalismo, Matemática, Filosofia, História, dentro outras, tiveram seus direitos políticos suspensos, foram aposentadas/os compulsoriamente, torturadas/os, ou mortas/os⁴¹, por tratarem de assuntos com os quais os homens do governo se preocupavam. Hannah Arendt (1967) recorre a Immanuel Kant para expressar que a razão humana é infalível apenas quando dela é possível fazer um “uso público”, disseminando-a, permitindo que dela derivem novas e libertas ideias que sejam “as armas apropriadas contra mentiras organizadas”.

Segundo a autora (1967, p.8), “Kant afirmava que «o poder exterior que priva o homem da liberdade de comunicar os seus pensamentos publicamente, priva-o ao mesmo tempo da sua liberdade de pensar»”. Em geral, os raciocínios sólidos que superam a força das crenças, sejam elas quais forem, tendem a ser acolhidos com grande hostilidade, sendo ainda falseados e duramente combatidos, e é por essas e outras razões que todos os ataques infligidos contra a comunidade acadêmico-científica são como bombas-relógio prestes a explodir no(s) colo(s) de uma nação, que até então é subdesenvolvida.

Todavia, ainda são incontáveis e implacáveis as investidas que almejam a universalização de certas convicções, oriundas de referenciais que contrariam a própria

⁴⁰ Emigração de pessoas com competências técnicas, científicas e de conhecimentos em razão de guerras civis, instabilidades políticas, conflitos étnicos-raciais, perseguições, falta de oportunidades etc. Também conhecida como fuga de capital humano ou *brain drain*. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/05/fuga-de-cerebros-e-autoexilio-governo-bolsonaro-reacende-o-trauma-da-ditadura/>. Acesso em: 2 setembro 2019.

⁴¹ Segundo o site do projeto Ciência na Ditadura, idealizado por pesquisadores do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a professora Ana Rosa Kucinski (32 anos), do Instituto de Química da Universidade de São Paulo, e seu marido, o físico Wilson Silva, foram vistos pela última vez em 22 de abril de 1974. Revelou-se, apenas em 1993 que foram levados para a chamada “Casa da Morte”, um centro de tortura montado em Petrópolis. Disponível em: http://site.mast.br/ciencia_na_ditadura/projeto.html. Acesso em: 2 setembro 2019.

relatividade e que reforçam opiniões acríicas e tendenciosas acerca das universidades públicas vigentes, da ciência e da ainda restrita produção científica brasileira. Os discursos conspiratórios e retrógrados de determinados segmentos do governo e alguns grupos sociais rancorosos, se tornam rotineiros quanto mais distorcidos são, trazendo à tona as memórias de velhos e abomináveis cenários.

A historiadora Lilia Moritz Schwarcz (2019, p.9) é enfática ao revelar o empreendimento utópico, pós “independência política de 1822”, que aspirava inventar/construir “uma nova história para o Brasil [...] que elevasse o passado e que fosse patriótica nas suas proposições, trabalhos e argumentos”. A ideia de adocicar as interpretações sobre nosso país, tornando-as palatáveis, era (ainda é) uma forma de promover o Estado e/ou legitimar o poder de poucos. Assim, inculca-se que tudo que diz respeito a antiguidade é mítico, harmônico e naturalmente determinado, ainda que por meio de forte controle, de violências e de uma dolorosa submissão (SCHWARCZ, 2019).

A questão é que nunca vivemos em um país livre de conflitos, pouquíssimas/os de nós poderão declamar com sinceridade que se deitaram ou deitarão “eternamente em berço esplêndido”, pois nosso passado não é tão glorioso assim e, talvez, para que a dignidade seja autêntica convenha que sejamos a multidão daquelas/es filhas/os “que não fogue(m) à luta”. Como não somos todas/os iguais perante as leis é importante que questionemos nosso(s) passado(s) a fim de que iluminemos o presente. Como interpela Lilia Schwarcz (2019, p. 17),

Como é possível definir o Brasil como um território pacífico se tivemos por séculos em nosso solo escravizados e escravizadas, admitindo-se, durante mais de trezentos anos um sistema que supõe a posse de uma pessoa por outra? [...] Como é possível representar o país a partir da ideia de uma suposta coesão, partilhada por todos os cidadãos, quando ainda somos campeões no quesito desigualdade social, racial e de gênero o que é comprovado por pesquisas que mostram a existência de práticas cotidianas de discriminação contra mulheres indígenas, negros e negras, bem como contra pessoas LGBTQ? Também vale a pena indagar por que, vira e mexe, sobretudo nos momentos de crise política, caímos no sonho da “concordia” do Regime Militar, como se esse período tivesse sido encantado e carregasse consigo a solução mágica para nossos problemas mais estruturais. E por que será que destacamos sempre a falta de hierarquia de nossas relações sociais quando nosso passado e nosso presente a desmentem? (SCHWARCZ, 2019).

Têm muitos passados em nosso presente e carecemos, consoante aos versos da canção *Guararapes*, “saber se contaram a história certo”, já que, de tempos em tempos, arbitrariamente, “a fantasia é uma mordaca da realidade”.

2.1.1 A institucionalização das universidades brasileiras e da pesquisa científica: *foram também como nós em decadência ou glória*

Rememorando Einstein, ainda que a correlação a seguir seja uma zombaria de péssimo gosto, parece razoável analisar a morosidade do processo de institucionalização das universidades brasileiras, antes de adentrar à temática da produção sobre gênero no contexto da Educação Física, lamentando que não o tenham efetuado tão velozmente quanto a viagem da luz pelo vácuo. Logo, é oportuno trazer à tona a biografia do país que desde a invasão pela Corte portuguesa contou com a implantação de faculdades/escolas técnicas e autônomas voltadas para a formação profissional e deixou a cargo dos que se responsabilizariam pela modernização, nos séculos posteriores, a incumbência de instituir um modelo estatal de universidade, que década após década, buscou o desenvolvimento da ciência e da tecnologia mediante uma aliança entre o ensino e a pesquisa (TRINDADE, 1998).

A organização lenta desse modelo de instituição se comparada aos países Europeus⁴² e ao Caribe⁴³, gerou, como observado por Anísio Teixeira (1989 apud Héglio Trindade 1998, p. 7), a exclusão brasileira do cenário ocidental “quando o tema do debate era a nova universidade, devotada à pesquisa e à ciência”. As universidades brasileiras que por volta entre os anos de 1920 - 1930 constituíram um vínculo com o Estado, são a herança de um processo histórico que se revelou dinâmico desde sua criação quando, durante a Idade Média, era tutelada pela Igreja. (TRINDADE, 2000).

Uma análise feita por Terezinha Oliveira (2007, p. 115) prevê a urgência em “reconhecer a universidade como patrimônio histórico”, por ser uma instituição que não só ajudou a construir, mas também preservou boa parte da história do ocidente, sendo, pois, essencial no movimento de estruturação das sociedades modernas. À vista disso, resta a inquietação ante a inabilidade apresentada por muitas lideranças políticas brasileiras em reconhecerem a relevância de produzir saberes e incentivar investigações que gerem melhores interpretações e soluções para determinados problemas, ou novas descobertas científicas.

Ao identificar as universidades públicas como espaços para a legitimação de conhecimentos específicos, sobretudo nas circunstâncias em que o progresso e uma possível autonomia estão em jogo em nosso país, revelamos também a necessidade de fortalecimento dos nossos compromissos enquanto comunidade acadêmica, sobretudo no que se refere a defesa

⁴² A invenção da universidade ocorreu em plena Idade Média, século XII, sob a proteção da Igreja e através do pioneirismo de Paris e Bolonha (TRINDADE, 1998, p.6).

⁴³ Héglio Trindade (1998, p.6) sublinha que os colonizadores “transplantaram para o Caribe, no início do século XVI, a primeira universidade inspirada no modelo tradicional espanhol”, que é fruto da institucionalização de universidades na Península Ibérica, Rússia, sul da Itália e países nórdicos.

e ao estímulo para manutenção da pluralidade científica, observada a partir das pesquisas conduzidas nas diversas áreas, incluindo as Ciências Sociais e Humanas (DURHAM, 1998).

No artigo “Os desafios da pesquisa no Brasil: uma contribuição de docentes da UNICAMP para o debate” (2002), veiculado no Caderno Temático do Jornal da Universidade Estadual de Campinas, destaca-se que “a pesquisa científica é essencial para se enfrentar os problemas que o século XXI apresenta em todos os campos”. No caso do Brasil, dadas as atuais circunstâncias, a ciência [mas não só ela] é capaz de contribuir para o enfrentamento de grandes desafios, que vão desde a busca de soluções para o combate e redução das violências, das desigualdades sociais, raciais e de gênero, à promoção de crescimento econômico e acesso igualitário à educação básica e ao ensino superior, sem esquecer de algo inadiável, a necessidade de estimular o desenvolvimento de novas tecnologias e estratégias para preservação e perpetuação de áreas ambientais e espécies ameaçadas.

A pertinência de se investirem recursos públicos na pesquisa científica e tecnológica em qualquer país, mas particularmente em países em desenvolvimento como o nosso, com notáveis carências sociais, deve ser constantemente redemonstrada com argumentos novos e eloquentes. Nestes tempos em que a simples aritmética de publicações e citações começa a perder o fôlego, é necessário recuperar os argumentos humanistas — que sustentam a nobreza da busca constante pelo conhecimento — e os pragmáticos — que mostram que a pesquisa é a base da inovação, essencial ao desenvolvimento econômico e à geração de riqueza (UNICAMP, 2002).

Em suma, a proposta do artigo (2002) é manifestar que “os povos que não participam do desenvolvimento científico estão, em grande medida, alijados dos avanços nos padrões de qualidade de vida e são economicamente subalternos em relação aos povos que lideram os avanços do conhecimento”. Ademais, como elucida Eunice Durham (1998, p. 3)

É inteiramente ilusório pensar que o processo de globalização nos permita utilizar eficientemente avanços científicos e inovações tecnológicas produzidos nos países desenvolvidos sem uma base sólida de investigação no próprio país e sem a formação de pessoal qualificado para sua utilização, adaptação e disseminação (DURHAM, 1998).

Há tempos a ciência brasileira é afetada por crises que, geradoras de tantas zonas de conforto, não são tratadas de maneira adequada e tão pouco são analisadas como episódios positivos que provoquem a conscientização em massa para as questões “inéditas” que se impõe. Por essa razão, são dadas respostas simplistas e ultrapassadas a problemas que exigem das

instituições de ensino, escolas e/ou universidades, dentre outros setores da sociedade, um movimento de adequação às constantes transformações da realidade. Daí a pertinência do ato de pesquisar e a atualidade e magnitude do texto de Eunice Durham (1998, p. 3)

Precisamos então indagar ainda porquê, exatamente nesta época em que se reconhece a importância crescente, para o desenvolvimento econômico, de recursos humanos altamente qualificados e do desenvolvimento do Sistema de Ciência e Tecnologia, o papel das universidades públicas, como responsáveis em grande parte, pela investigação científica no país, não seja reconhecido por boa parte dos setores governamentais e pela sociedade (DURHAM, 1998).

A expansão das universidades federais (2003-2012) e a implementação de políticas de ações afirmativas, que passaram a considerar o acesso de grupos subrepresentados⁴⁴ em várias instâncias sociais, dentre as quais a Educação, contribuíram para que esse comportamento de antipatia crescesse. Para as/os socialmente favorecidas/os e suas/seus representantes no governo, tornou-se inadmissível que os recursos públicos que antes financiavam uma minoria monocromática fossem redistribuídos e direcionados a atender peculiaridades de grupos vulneráveis, as/os excluídas/os do cenário universitário (PIOVESAN, 2008, p. 888).

O que brasileiras/os esperam das universidades? Quanto de bem para humanidade o grupo até então seletivo, daquelas/es que pesquisam, ainda pode fazer? Qual será o destino da produção de saberes e da ciência brasileira? Ouso dizer que talvez a chave esteja na disseminação do conhecimento, principalmente, no ato de torná-lo mais acessível e plural, no esforço para garantir que coletivamente as pessoas almejem construir futuros melhores, mesmo que enfrentemos fases de profundo obscurantismo e desesperança. No entanto, esse esforço retórico soa a intensa ingenuidade.

Como sugerem Federico Mayor e Augusto Forti (1996), “o(s) conhecimento(s) é o poder, mas o poder de criar (no caso do Brasil: novas possibilidades), de prever (adversidades; catástrofes) e de evitar (o terror)”. E é pela possibilidade de acessá-lo(s) que devemos prosseguir, possivelmente, nesse alicerce as nossas lutas por transformações serão executadas com mais acertos, embora períodos de decadência amiúde se imponham.

⁴⁴ As ações afirmativas levam em consideração fatores como “raça, cor, religião, orientação sexual, identidade de gênero ou nacionalidade”, representando uma forma de promover igualdade material em conformidade ao ideal de justiça enquanto reconhecimento de identidades (PIOVESAN, 2008).

2.1.2 A produção do conhecimento científico na Educação Física brasileira: *feito amanhã seremos, nós, parte da história?*

Un día, los intelectuales apolíticos de mi país serán interrogados por el hombre sencillo de nuestro pueblo. Se les preguntará, sobre lo que hicieron cuando la patria se apagaba lentamente, como una hoguera dulce, pequeña y sola.

Otto René Castillo – *Intelectuales Apolíticos*, 1975.

O paradigma das ciências naturais é, em certa medida, hegemônico na jovem e diversificada Educação Física brasileira, considerando-se a posição de supremacia alcançada e compartilhada por grupos de pesquisadoras/es que, conforme explicam Edison Manoel e Yara Carvalho (2011, p. 391), adaptaram “métodos de pesquisa aplicados aos campos tradicionais” — como a biologia, a química e a física, pretendendo que a Educação Física se apresentasse como “uma ciência” na qual o “objeto de estudo próprio” seria o “movimento humano”. Assim, partilham @s autor@s (2011, p.392), originou-se a subárea denominada «biodinâmica» que “compreende as atividades de pesquisa dentro de subdisciplinas como bioquímica do exercício, biomecânica, fisiologia do exercício, controle motor, aprendizagem e desenvolvimento motor, além de alguns campos aplicados, como nutrição esportiva e treinamento físico e desportivo”.

A preeminência deste enfoque temático, envolvendo a aplicação de métodos precisos que possivelmente conduziriam a verdades “absolutas” ou a comprovação científica de determinadas hipóteses (dada a previsibilidade dos fenômenos naturais), diz muito sobre o contexto político-cultural⁴⁵ que impulsionou o aparecimento das primeiras Escolas de Educação Física em nosso país, entre o final do século XIX e início do século XX (CASTRO et al., 2017). Nesse período, tanto os exercícios físicos quanto o esporte encontraram-se no foco das experimentações, sendo considerados como educativamente úteis para a formação do homem, a transformação da sociedade e o fortalecimento da nação (SOARES, 2003).

A título de exemplo Carmen Lúcia Soares (2003, p. 129) evidencia que na década de 1920, “médicos e educadores viam a Educação Física e os esportes como importantes fatores de higiene pessoal e de coesão social e os campos de recreação e de esportes como possibilidade concreta de saneamento do meio”, interpretações arraigadas nos fundamentos científicos de um movimento denominado Médico-Higienista que, mais tarde (década de 1970), haveria de ser ressignificado a fim de abarcar novos interesses políticos e novas formas de controle sobre as operações dos corpos (FOUCAULT, 2007).

⁴⁵ Movimentos Médico-Higienista e Militarista, cujos exercícios físicos eram oriundos de métodos ginásticos orientados por médicos ou de práticas militares (SOARES, 2003).

Discriminações e racismo(s) à parte — maquiados por uma tendência médico-educativa-preventiva que por meio de rígidas normas prescrevia maneiras de educar e tornar úteis os corpos — no início do século XX a intenção era disseminar uma concepção de saúde que eliminasse, conforme Maria Isabel Mendes e Terezinha Petrócia da Nóbrega (2008, p. 214), “tudo o que os médicos consideravam como prejudicial da *machina* humana, a exemplo dos países civilizados. Saúde era eliminar as moléstias e tornar as pessoas normais”. Dizendo de outro modo, o conhecimento incorporado pela Educação Física nesse período da história brasileira, atuava como um legitimador das segregações raciais, de gênero e entre classes, potencializando assim as desigualdades sociais que se perpetuavam.

Com a passagem dos anos, à medida que os cursos de pós-graduação a nível de mestrado foram surgindo, entre 1977 e 1979, novas subáreas foram propostas para a Educação Física e as linhas de pesquisa passaram a ser orientadas em atenção a pertinência das temáticas e objetos de estudo, representando uma diversificação da área. Novas discussões sobre a caracterização acadêmico-científica da Educação Física foram então levantadas e é principalmente a partir do status de ciência efetivamente impactante, alcançado pela subárea biodinâmica, que se inicia uma vertiginosa demanda por produtividade e prestígio (MANOEL; CARVALHO, 2011).

Nesta lógica, um pouco antes de ingressarmos no século XXI, na intenção de identificarem o desempenho e desenvolvimento dos Programas de Pós-graduação em Educação Física e Ciências do Movimento Humano, são requeridos parâmetros avaliativos fundamentados em modelos internacionais pré-existent, nos quais a produção e a veiculação de artigos científicos em periódicos com alto fator de impacto representavam os indicadores adotados para quantificar a *performance* de docentes e discentes. Por consequência, houve um aumento significativo de publicações, ano após ano, como também um distanciamento entre as pesquisas e a prática pedagógica — efeito de inevitável fascinação que acometera a comunidade científica (BRACHT, 2003) — o que desencadeou uma série de riscos, dentre os quais o de evidenciarmos assimetrias entre o aumento nas estatísticas e a qualidade das produções intelectuais (MANOEL; CARVALHO, 2011).

Mas, para onde queremos avançar? Por que os critérios de “normalidade” difundidos por algumas das pesquisas que desenvolvemos ainda são tão arbitrários? E mais, até que ponto o que é tido como “normal” pode municiar discursos extremista no contexto da Educação Física, das políticas públicas e da sociedade brasileira? Ainda praticamos, cientificamente, um discurso em favor da regeneração dos corpos? Caso sim, quais corpos ainda têm necessidade de serem regenerados? Quando de algum modo, e por vezes sem planejar, somos aquelas/es “intelectuais” que dão sustento teórico para mobilizações conservadoras, colaboramos de modo expressivo para manter intactas certas dicotomias «forte/fraco – homem/mulher –

brancos/negros – normais/anormais» as naturalizamos, continuando a reforçar hierarquias que impactam(rão) fortemente a EF e a sociedade (MENDES; NÓBREGA, 2008). Malgrado tantas interpelações, creio ser fundamental reconhecer que qualquer área de produção do conhecimento científico tem suas máculas, e toda autocrítica se faz necessária para que saibamos reconduzir nossos olhares e nos (re)criarmos enquanto pesquisadoras/es.

Atinando à escrita e pensamento críticos do historiador Marc Bloch (2002, p. 43) “aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes. Mas todo cientista só encontra uma única cuja prática o diverte. Descobri-la para a ela se dedicar é propriamente o que se chama vocação”. Logo, ao tentarmos descrever como fazemos ciência(s) na Educação Física, limitando-nos muitas vezes a enquadrá-la apenas nos moldes das “ciências do mundo físico” nos submetemos aos perigos de “traí-la(s)”, pois dirimimos as oportunidades de articular como, progressivamente, seremos capazes de (re)fazê-la(s). Tal como a História (Ibid., p.47), a Educação Física “não apenas é uma ciência em marcha. É também uma ciência na infância”.

A heterogeneidade de propósitos passíveis de serem cumpridos pela Educação Física possibilita que a reconheçamos por suas “múltiplas ontologias científicas”, como propõe Raquel da Silveira (2016, p.33), ou como prática social, consolidando-a como uma área do conhecimento humano que tende a transdisciplinaridade, ou seja, cuja relação entre os diversos saberes consiste na busca em dar sentido à vida, estabelecendo assim uma democracia cognitiva (SANTOS, 2005). Neste sentido, mesmo que legitimem como ciência apenas os fazeres que envolvem pesquisa “criteriosamente controlada” e fundamentada em dados estatísticos tido como incontestáveis, é essencial ponderar que as práticas sociais dela derivadas não são impreterivelmente racionais e imparciais, a julgar pela dialética entre a produção do saber e o controle incessante sobre os corpos (cobaias humanas).

Ao buscarem um objeto de estudo único para a Educação Física, pesquisadoras/es (docentes e discentes) depararam-se sempre com alguns impasses, pois a abrangência da área nos leva a reconhecer outras afinidades, como por exemplo, com a Educação e os processos pedagógicos, ou com as Ciências humanas e sociais (MANOEL; CARVALHO, 2011). É como diz Marc Bloch (2002, p. 55), “cada ciência tem a estética de linguagem, que lhe é própria. Os fatos humanos são por essência fenômenos muito delicados, entre os quais muitos escapam à medida matemática”, interpretá-los requer de nós aprofundamento, ou melhor, “[uma cor correta no tom verbal]”.

Entre a expressão das realidades do mundo físico e a das realidades do espírito humano, o contraste é, em suma, o mesmo que entre a tarefa do operário fresador e a do luthier: ambos trabalham no milímetro; mas o fresador usa

instrumentos mecânicos de precisão; o luthier guia-se antes de tudo, pela sensibilidade do ouvido e dos dedos. Não seria bom nem que o fresador se contentasse com o empirismo do luthier, nem que este pretendesse imitar o fresador. Será possível negar que haja, como o tato das mãos, um das palavras? (BLOCH, 2002, p. 55 *et seq.*).

No caso da Educação Física, é ao longo do processo histórico envolvendo a criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), na década 1970, que a necessidade de pensar objetos de estudo específicos é destacada, simbolizando ainda rupturas, “disputas acirradas”, e/ou que um forte alicerce para a(s) ciência(s) da área estava a ser construído a partir do protagonismo assumido por uma organização científica própria (apesar de sua gênese e constantes diálogos com outras áreas) muito significativa (BRACHT, 2009; SACARDO, 2012).

De acordo com Valter Bracht (2009, p. 35) o ponto de vista sobre a ação e a identidade(s) científica(s) da Educação Física passa por transformações a partir da década de 1990 quando “na configuração das relações de força no interior do campo, o CBCE, majoritariamente, em função dos grupos que assumem sua direção, vai constituir-se num espaço, num ator, situado no espectro contra hegemônico em relação à visão de ciência predominante”. Neste contexto, a conexão e, paradoxalmente, as divergências entre a ciência(s) e a política eram claras. Presentemente, a passagem seguinte do texto (Ibid., p. 36) repercute de maneira crucial,

A relação entre ciência e política (política com P maiúsculo, como diria Bauman), ou o engajamento político dos intelectuais ou “cientistas”, é crucial para entender as tensões do campo que envolveram (e envolvem) o CBCE. Essa tensão no interior do CBCE foi marcada fortemente pelos desdobramentos sociopolíticos mais amplos da sociedade brasileira nas décadas de 1980 e 1990 [...] fica o registro de que em tempos de crise, ruptura e efervescência política as diferentes organizações da sociedade civil, inclusive as acadêmicas ou científicas e mesmo os intelectuais individualmente, são chamados mais fortemente a pronunciarem-se e envolverem-se mais diretamente na cena política (BRACHT, 2009, p. 36).

Ademais, quando uma parcela de nós, pesquisadoras/es, docentes e discentes dedicadas/os ao ‘campo científico’ da Educação Física (no Brasil de 2019), optamos por desfrutar das vantagens de conservar-nos ‘intelectualmente apolíticas/os’, qual(is) ciência(s), pesquisa(s) e saberes passam ou passarão a ser criminalizados e/ou duramente atacados? Lamentavelmente, com o “aprimoramento dos instrumentos de avaliação da CAPES⁴⁶” que apontam para uma tendência de acirrar ainda mais as disputas na área, todo conhecimento

⁴⁶ Cf. <https://www.capes.gov.br/36-noticias/9730-capes-melhora-ferramentas-de-avaliacao-da-pos-graduacao>. Acesso em: 2 outubro 2019.

científico que não for magnificamente ‘qualificado’ será tido como enfadonho e por isso passível de ser ultrajado ou malquisto.

De minha parte opto por me entregar ao desafio de ser mais uma, resistência, a discorrer sobre a temática de «Gênero» no contexto da produção acadêmico-científica da Educação Física, num momento em que o vocábulo está sendo utilizado como que um apelo aos temores mais profundos de nossa sociedade, num Brasil que “abraça o conservadorismo de costumes e o discurso da moral e da ordem⁴⁷”. Quiçá esta dissertação faça sentido, independentemente dos equívocos e inadequações que possam passar despercebidos neste instante.

2.1.2.1 A criação do Grupo de Trabalho Temático «Gênero» no CBCE: em busca de um lugar onde as pesquisas encontrem eco, resistência e possam expandir

Para Valter Bracht (2009, p. 42), não obstante os desafios e dilemas que acompanham a associação, “o CBCE continua a ser aquele lugar/espço impossível, mas absolutamente imprescindível para uma Educação Física que se quer protagonista de uma sociedade democrática”. É na interação com outras áreas ou ‘campos científicos’ [eixo basilar de sua criação] que uma multiplicidade das experiências e objetos de pesquisa encontram espaços de representação que repercutem na produção de conhecimentos capazes de gerarem impactos a nível social, político e/ou econômico. Entretanto, algumas pesquisas carecem de diagnósticos apurados e suficientemente críticos, consoante aos limites das/os pesquisadoras/es, que colaborem com a (re)definição de novos rumos e possibilitem a dinamização do processo científico na área (SACARDO, 2012).

À vista disto, a criação do GTT «Gênero» no ano de 2013 constituiu — não sem embates, que se prolongavam desde o ano de 2005, e as rebuscadas análises das/os pareceristas selecionadas/os para avaliarem as solicitações encaminhadas — uma relevante contribuição para a Educação Física brasileira, basta ver a historicidade de posicionamentos extremados, equivocados e tão autoritários que coadjuvam nos cenários esportivos, escolares e de lazer, dificultando o apropriado enfrentamento da temática, no sentido de refrear inúmeras violências e práticas discriminatórias (raciais, geracionais, de gênero, contra pessoas com deficiência, etc.) que se alastram por nossa sociedade.

Conforme consta no Relatório da coordenação do GTT Gênero (2015-2017) ao CBCE,

⁴⁷ Cf. O Reino Sagrado da desinformação. <http://www.reinodadesinformacao.com.br/>. Acesso em 2 outubro 2019.

A consolidação dos estudos de gênero como um campo de conhecimento, a relevância da temática para ações pedagógicas e políticas públicas em Educação Física, o crescente número de pesquisadores/as na área justificam, entre outras razões, a presença do GTT Gênero nesta importante entidade científica da área de esportes e educação física. A temática de gênero está presente em outras associações científicas, como a Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais e a Associação Nacional de Pós-graduação em Educação, cujo GT Gênero, Sexualidade e Educação foi instituído em 2003. Gênero também é tema de editais de fomento a pesquisas científicas, de periódicos e eventos científicos nacionais e internacionais. Neste cenário, a institucionalização do GTT Gênero no CBCE reconhece a importância dessa área de conhecimento para o campo, ao mesmo tempo que fomenta a produção científica, possibilitando a divulgação de pesquisas e o encontro entre pesquisadores/as (ALTMANN ET AL., 2015/2017, p. 1-2).

Quanto a isso, o esporte é apenas uma dentre as práticas corporais nas quais o gênero pode constituir uma categoria de análise, viabilizando não só o aperfeiçoamento dos debates no ‘campo científico’ da Educação Física como também a evolução de sua qualidade no Brasil e na América Latina, pois, se compreendermos mais adequadamente suas fragilidades seremos eficazes em superá-las. Nesta circunstância, uma entidade científica como o CBCE que reflete “o universo da pesquisa, produção do conhecimento e divulgação científica⁴⁸”, revela sua importância (CBCE, 1979).

Jeni Vaistman (1994, p. 8) argumenta que “na gênese do indivíduo moderno não houve espaço para que a diferença entre os sexos se expressasse de forma igualitária, traduzindo-se, ao contrário, por meio de uma dicotomia e uma hierarquia de gênero entre homens «universal» e mulheres «outro»”, o que garantiu que os princípios de autonomia e igualdade se conformassem como “atributos do gênero masculino”. E com o esporte moderno não foi diferente, pois sendo considerado um fenômeno de totalidade social pelas/os historiadoras/es das décadas de 1970 e 1980, e caracterizando ainda “a expressão da cultura do mundo científico”, como proposto por Allen Guttman (1978 apud Douglas Booth, 2011 p. 4), “foi/é um dos principais espaços para a construção, expressão e conservação do modelo tradicional de masculinidade”, tal como reiteram Eric Dunning & Joseph Maguire (1997, p.322).

Deste modo, ainda que incerta, há a expectativa de que pesquisas que associem o esporte à temática de gênero impactem o cenário científico e sociopolítico, a ponto de estimularem que pessoas marginalizadas sejam reconhecidas, desfrutem de políticas públicas equânimes e tenham voz/corpo/caminhos/função, a fim de que possam apresentar as potencialidades das quais dispõem ao se movimentarem em busca do ideal espetacular viabilizado através do(s) esporte(s). Na condição de “território permeado por ambiguidades”, como menciona Silvana

⁴⁸ Através de três espaços que merecem ser destacados: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), os *Cadernos de Formação* e o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) (GOELLNER, 2014).

Goellner (2005, p. 145), “o mundo esportivo fascina e desassossega homens e mulheres, tanto porque contesta os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, faz vibrar a tensão entre a liberação e o controle das emoções” e igualmente as expressões apropriadas do feminino e do masculino.

A título de exemplo, no ano de 2016, acompanhamos “aos inusitados” Jogos Olímpicos e Paralímpicos sediados na cidade do Rio de Janeiro no Brasil, cujas mídias anunciaram que contávamos com a maior porcentagem de mulheres atletas da história, uma delegação de imigrantes refugiadas/os, bem como o dobro de atletas que revelaram (ou foram forçadas/os a revelar)⁴⁹ suas orientações sexuais e/ou identidade gênero, se comparando exclusivamente aos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Houve ainda a exclusão de grande parte da delegação Russa, pelos escândalos de *doping* institucionalizado, e igualmente a participação da primeira mulher transexual, Lea T⁵⁰, a ter destaque em uma cerimônia de abertura de um megaevento esportivo, fatos que geraram polêmicas e marcaram o suficiente para serem lembrados.

Ainda assim o ano olímpico no Brasil parece ter sido marcado pelas tentativas de promoção da inclusão e de cumprimento dos ideais de justiça por meio do esporte, e é por essa razão que, ao “aglutinar pesquisadores/as com interesses comuns de estudo e pesquisas; fomentar e organizar a reflexão, a produção e a difusão do conhecimento (CBCE, Cap. 3, art. 17º)”, temos a possibilidade de tornar mais amplos nossos olhares e ações perante a sociedade. Todo/a estudo/pesquisa será um ponto de partida para que novos questionamentos sejam produzidos e possam ser acessados, daí a reivindicação por espaços fazer tanto sentido.

Entretanto, é fundamental salientar que há um longo caminho a ser percorrido para que os estudos de gênero sejam abrangentes e acertadamente pautados, já que existe a tendência de perseguições, no contexto social, esportivo e da própria Educação Física, motivadas por questões que perpassam as fronteiras da produção do conhecimento, do senso-comum, do próprio gênero, da(s) sexualidade(s), incluindo por vezes aspectos geracionais ou relativos a classe social e/ou a raça, capazes de reforçar sentimentos de inutilidade e processos de desumanização de alguns indivíduos, que por tais motivos pouco participam de ações efetivas que visem a promoção de bem-estar social e econômico geral.

⁴⁹ A revisão das restrições impostas pelo COI, através do *Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism (2015)*, possibilitaram que atletas transgêneros e intersexuais competissem nas Olimpíadas de 2016. “Numa reunião do COI em maio de 2016, foi revelado que duas atletas trans, mantidas no anonimato, competiriam nos Jogos do Rio. Segundo o *Daily Mail*, as atletas teriam ficado tão aflitas com a perspectiva de sua história de gênero se tornar pública que pensavam em “saltar fora” de qualquer possibilidade real de ganhar uma medalha”. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3671937/Transgender-British-athletes-born-men-set-make-Olympic-history-competing-games-women.html> Acesso em: 06 outubro 2019.

⁵⁰ Filha do ex-jogador da seleção brasileira, Toninho Cerezo. Leandra Medeiros Cerezo, hoje *top model* internacional, nasceu em Belo Horizonte em 1981, mas cresceu na Itália. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36912561>. Acesso em 06 outubro 2019.

Nos períodos em que a restrição do campo da Educação Física a determinados problemas de pesquisa era efetiva, ocorreu a migração de muitas/os pesquisadoras/es que procuraram outras áreas do conhecimento para que suas temáticas de estudo fossem legitimadas, o que atualmente resulta em entraves para que sejam (re)absorvidas/os ao cenário acadêmico da área (dadas exigências que figuram alguns processos seletivos).

Como pontua Silvana Goellner (2014, p.1) “a criação de um GTT é um indício de que uma temática foi considerada relevante para a comunidade científica, tanto pelo número de trabalhos científicos divulgados (em Congressos e Periódicos) quanto politicamente”. Em particular, quando há o avanço de pensamentos retrógrados e conservadores — que buscam esfacelar direitos e conquistas de grupos sociais que, em pleno século XXI, são considerados nocivos — tentar subverter a ordem científica hegemônica parece sempre uma boa estratégia a ser usada, haja vista que nos colocamos a forjar uma espécie de antagonismo [inconformidade] com relação ao que está estabelecido como norma na ciência e na sociedade brasileira.

Escrever sobre gênero é agora uma maneira particular de conhecer melhor o que temos feito e, porventura, ser mais uma vez impertinente, peregrinando na contramão desta via que a todo momento pretende nos direcionar por caminhos e/ou epistemes tidas como mais corretas e virtuosas porque “abrangentes” [uma ironia] ou por uma linhagem de pensamento acadêmico nobre, objetivo, não identitário, cujos padrões devem ser milimetricamente seguidos justamente por serem “legítimos” [outra ironia] e estarem em coerência com aquelas/es que exercem seus (pequenos) poderes.

3 CAPÍTULO II – GÊNERO: UMA CATEGORIA QUE PRODUZ TANTOS QUESTIONAMENTOS QUANTO OS QUE TENTA ESCLARECER

El género debía permitir: entrecruzar lo neutro y la dualidad, lo uno y lo dos, el ser sexuado en general y los dos sexos en particular. Real e inmenso programa. Como concepto, el género es, pues, a un tiempo, una proposición filosófica (pensar el sexo y los sexos) y un instrumento, el medio de poner en práctica dita proposición (hacer visible, mostrar).

Geneviève Fraisse – *Los excesos de género*, 2016

Antes de ser veiculada em contextos políticos, filosóficos e/ou sociais, a categoria gênero fez parte dos discursos engendrados no campo da Medicina na qualidade de explicar as distinções entre as condições biológicas, ou os sexos; e as construções socioculturais, ou o gênero. Contudo, é por intermédio do pensamento feminista estadunidense que o termo «*gender*» ganha destaque enquanto conceito teórico que viria a oportunizar reflexões e a historicização sobre as diferenças geradoras de desigualdades entre os homens e as mulheres. A intenção de tornar inteligíveis os significados atribuídos ao masculino e ao feminino — compreendido como substancialmente débil e inferior, suscetível a subalternização, domesticação e opressão — se estabeleceu como marco contemporâneo na luta por uma evolução política (FRAISSE, 2001, 2016; SPIZZIRI ET AL., 2013).

A anexação dos estudos de gênero e feministas às agendas das pesquisas brasileiras no campo das Ciências Sociais e Humanas foi/é audaciosa, apresentando certas particularidades sobretudo no que se refere a predileção pelo uso de determinados vocábulos que é decorrente do impacto exercido pelas correntes de pensamento francesa e anglófona. A título de exemplo, em França, a teoria materialista do feminismo, de inspiração marxista, usa o termo «relações sociais de sexo» como equivalente a «construção social do sexo» que, conseqüentemente, corresponde a «gênero», um termo “atual” que na qualidade de conceito é “utilizado com maior frequência, inclusive no Brasil”, um dos resultados da influência do pós-estruturalismo na crítica e produção acadêmico-científica feminista do fim do século XX (SCAVONE, 2009).

Com base nestas acepções constatamos que dissertar sobre a temática de gênero exige de nós, consoante ao exposto por Lucila Scavone (2009, p.11), a capacidade de percorrermos “todas as análises, posições teóricas e políticas divergentes que são parte do pensamento feminista crítico, quais sejam: igualdade e/ou diferença, universal e/ou particular, sexo e/ou gênero. Penetrar neste espaço é, pois, estabelecer contato com o substrato político feminista”, observando assim que tamanha é a diversificação e/ou multiplicidade de pensamento(s). Então, ainda que as questões políticas estejam muitas vezes implícitas em relação às produções

acadêmicas, ao nos propormos a disseminar tais conhecimentos também buscamos alargar as possibilidades de validá-lo e visibilizá-lo no contexto científico. Empenharmo-nos em esclarecer condutas que precisam ser renovadas e que repercutem nos círculos sociais, políticos e culturais é um meio de assegurar que as interpretações da(s) realidade(s) extrapolarão o senso comum e estarão munidas de senso crítico (HIRATA ET AL., 2009).

Na opinião de Judith Butler, o universo dos estudos de gênero é bastante complexo, porquanto, permite que nos deparemos com inúmeras abordagens metodológicas e acadêmicas. É essa multiplicidade de pensamentos e produções que nos leva a evidência de que é impossível que estejamos tratando de um tipo de ideologia ou tentando uma doutrinação, tal como foi obstinadamente sugerido — desde 2013-2015⁵¹ e radicalmente em 2017⁵² — por grupos de religiosos influentes que integram a bancada da bíblia, pelo líder de Estado brasileiro, seus cúmplices e seus filhos, que ocupam cadeiras nas Câmaras e Senado Federal, e em especial, pelo “guru ideológico” dos ultraconservadores brasileiros, um perenialista⁵³ que é disseminador de um deturpado discurso (sobre o gênero, a ciência, o Brasil e sobre os movimentos sociais) riquíssimo de vazios; falacioso; absurdamente paranoico; violento; e descaradamente panfletário, cuja a finalidade é a preservação de valores tradicionais inculcados de uma moral e bons costumes que **ninguém** consegue reproduzir (BUTLER, 2019).

Este esforço para delimitar uma realidade empírica dos sexos, através da questão dos estereótipos e imagens específicas de homem e mulher ideais, demonstram o grande obstáculo que se coloca a frente de uma sociedade plural, representando ainda o quão obsessivos podem ser os pensamentos tanto dos movimentos radicais quanto dos conservadores. Como exemplifica Isabel Morant (2016, p. 33)

⁵¹ No ano de 2014 o Plano Nacional de Educação foi alvo de ataques e críticas pelo trecho em que a ênfase era à “promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual” (REIS; EGGERT, 2017).

⁵² Basta (re)ver o clima de perseguição e difamação que se instalou no retorno de Judith Butler ao Brasil. Na época (2017) a filósofa falaria em no Seminário “Os Fins da Democracia”, sobre populismo, autoritarismo e democracia, sendo ainda que lançaria o livro *Caminhos divergentes: judaicidade e a crítica do sionismo*, pela editora Boitempo. Butler despertou a ira de extremistas-fundamentalistas que se diziam “a favor da proteção das crianças”, sendo acusada de estar promovendo a “ideologia de gênero” em nosso país. Disponível em: <http://www.reinodadesinformacao.com.br/cap-viii-entrevista-judith-butler/> e <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/11/07/O-que-pensa-Judith-Butler.-E-quem-protesta-contra-sua-vinda-ao-Brasil> . Acesso em: 1 outubro 2019.

⁵³ René Guénon (1886-1951) é o fundador do Perenialismo, uma “filosofia” que acredita na existência do domínio total de uma elite anticristã ocultadora da verdade que somente será trazida à tona por meio de uma destruição total, já que uma reconstrução mística seria realizada pelos “homens espirituais/puros/iluminados”. Para ele a sociedade ocidental estaria sendo corrompida pelas religiões contemporâneas, pelo evolucionismo darwinista e por ideias marxistas socialistas. No entender dos tais “homens espirituais” as sociedades sempre foram divididas em castas e a ruína acontece sempre que pessoas de castas inferiores assumem cargos de influência pública ou de poder. Pois bem, essa “filosofia” deu lugar a inúmeras teorias conspiratórias, tais como o globalismo e a ideologia de gênero, que atravessaram os séculos e hoje são disseminadas e exercem grande influência no cenário brasileiro, graças à Olavo de Carvalho, “guru” do atual presidente da república no Brasil, dos ministros e de uma parte da população. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6e-GsVx-fKc>. Acesso em: 1 outubro 2019.

En Francia, la derecha política se agita contra los estudios de género, defensores del matrimonio homosexual (le mariage pour tous), a los que acusarían de querer subvertir la naturaleza de las cosas. En Madrid, una exalcaldesa explicaba con convicción que los sexos no deben confundirse, que una pera es una pera y una manzana es una manzana (o viceversa) y que cada uno permanezca en su Naturaleza o en su estereotipo. Como escribe Fraisse (2014, p.91): «¡Vivan “los estereotipos de género” !, corean los militantes contrarios al matrimonio [...] homosexual» y que cada sexo permanezca en su sitio, en el seno de la familia y en todas partes. El estereotipo se convierte, así, en una garantía psíquica y social, en un seguro contra el miedo, el cambio histórico o la igualdad de los sexos (MORANT, 2016)⁵⁴.

Estariam os “problemas de gênero” circunscritos às (des)construções das identidades? São elas (ou a compreensão delas) que devemos sugerir que se transformem para que mais avanços nos terrenos da política e dos direitos aconteçam? Quando os estudos de gênero são tão demonizados, inclusive por nossos pares, é possível destacar quais erros estamos cometendo? E finalmente, perante o quadro branco do conservadorismo, que está espregueada desde sempre, conseguiremos prosseguir registrando nossas subversivas contribuições para que não cesse a produção do conhecimento científico? São tantas perguntas que talvez nos reste concentrarmo-nos em ampliar as possibilidades de pensar/apreender/saber, ora mediante às metodologias feministas, pós-coloniais e decoloniais⁵⁵, ora por intermédio dos estudos de gênero e pós-estruturalistas, no intuito de enxergar desde outros ângulos e de outros modos os problemas que se apresentam.

A seguir, a tentativa de estabelecer diálogo com as historiadoras, e/ou filósofas, e principais teóricas das questões contemporâneas dos estudos de gênero e feminismo(s): Geneviève Fraisse, Joan Scott e Judith Butler — ambas levadas a grandes reflexões a partir dos

⁵⁴ “Na França, a direita política se agita contra os estudos de gênero, defensoras/es do casamento gay (*le mariage pour tous*), são acusadas/os de querer subverter a natureza das coisas. Em Madrid, um ex-prefeito explicou com convicção que os sexos não devem ser confundidos, que uma pera é uma pera e uma maçã é uma maçã (ou vice-versa), e cada uma/um permanece em sua natureza ou em seu estereótipo. Como escreve Fraisse (2014, p. 91) “Viva os estereótipos de gênero!”, cantaram as/os militantes contra o casamento homossexual [...] e que cada sexo permaneça em seu lugar, no seio da família e em todas as partes. Assim, os estereótipos se convertem em uma garantia psíquica e social, em um seguro contra o medo, a mudança histórica ou a igualdade entre os sexos (MORANT, 2016, p. 33, *tradução nossa*)”.

⁵⁵ Segundo Larissa Rosevics (2017, p. 187) “o projeto pós-colonial é aquele que, ao identificar a relação antagônica entre colonizador e colonizado, busca denunciar as diferentes formas de dominação e opressão dos povos. Como uma escola de pensamento, o pós-colonialismo (que faz uma crítica a modernidade eurocentrada) não tem uma matriz teórica única, sendo associados aos trabalhos de teóricos como Franz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire, Edward Said, Stuart Hall e ao grupo de Estudos Subalternos criado na década de 1970 pelo indiano Ranajit Guha”. Seguindo, Rosevics (2017, p.189) pontua que o surgimento da crítica decolonial é uma consequência da necessidade de decolonizar a epistemologia latino-americana que usava as “epistemologias advindas majoritariamente de países europeus”, o que passou a ser visto como uma traição ao objetivo principal dos estudos subalternos. As/os teóricas/os decoloniais buscavam “a emancipação de todos os tipos de dominação e opressão, em um diálogo interdisciplinar entre a economia, a política e a cultura”.

pensamentos elaborados por Gayle Rubin, Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Jacques Derrida, dentre outras/os — constituirá um dos desafios de minha pesquisa, haja vista que ao explorar “o grande terreno subterrâneo dos saberes subjugados”, como define Donna Haraway (1995, p. 23), almejo ter a oportunidade de corresponder aos objetivos propostos e contribuir com as futuras pesquisas em gênero no ‘campo científico’ da Educação Física.

Ver “desde baixo”, ou melhor, mediante os pontos de vista daquelas/es que não são consideradas/os sujeitos (universais) e cujos saberes produzidos são vigiados/policiados “por aqueles que codificam as leis canônicas do conhecimento” (HARAWAY, 1995, p. 8) ou por desinformados e/ou cobardes, é como olhar pequeninas estrelas num céu eclipsado. Sem poder confrontá-las a olho nu, carecemos que telescópios sejam os mediadores de nossas visões, transformando assim o escasso conhecimento que tínhamos sobre astros tão luminosos. Por fim, confesso sentir um certo desconsolo por não conseguir ampliar um pouco mais o repertório teórico e trazer um referencial repleto de pensadoras/es afro-brasileiras/os, latino-americanas/os, africanas/os, orientalistas, críticas/os da razão pós-colonial, etc. (In)felizmente a minha visão de mundo ainda é um bocado restrita, há muito a aprender e a vida acadêmica talvez seja curta, mas a liberdade... essa sim, é uma luta constate [Angela Davis tem razão].

3.1 *GENEVIÈVE FRAISSE*: A HISTORICIDADE E OS EXCESSOS DE GÊNERO

O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará, mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.

Marc Bloch (*1876 – †1944)

Todos os conhecimentos construídos dispõem no mínimo de um passado que, por existir(em), é(são) capaz(es) de revelar o quanto a história é significativa, não está estacionada em uma determinada época e tampouco é linear. Nesta ocasião, evocar Geneviève Fraisse consiste numa oportunidade de nos localizarmos no decurso da construção dos pensamentos feministas expressos por meio de uma notável “riqueza intelectual”, tal como das alterações semânticas sofridas pela categoria «gênero» que, ao longo do tempo e em diversos países, resultaram em controvérsias e contribuíram para a “elaboração de retórica(s) reacionária(s) antigênero”. Em face da interação com esta escolha teórica almejo ser capaz de mensurar “a potência e o privilégio dos saberes que nós temos conquistado”, respeitando a impossibilidade de reelaborar a história, mas empenhando-me em conseguir avançar apoiada pelas reflexões vigentes (MORANT, 2016; JUNQUEIRA, 2018).

Para Geneviève Fraisse (2016, p.45) “nossa capacidade de leitura do mundo” aumenta à medida que nos apropriamos das regras que indicam o uso mais correto de uma língua. Tendo como exemplo os adjetivos – «generizado/a» – que não definem “a essência das coisas”, mas são responsáveis por qualificá-las quando grafados próximo a elas, torna-se explícita a capacidade de exploração do campo léxico que é viabilizada pela aplicação da gramática, que no caso da autora é a francesa. Neste sentido, provoca Fraisse, é possível que associemos gênero a tudo o que existe, “fatos e situações; seres e coisas”, em razão da observação e compreensão que fazemos quanto ao que “a sexuação provoca no desenvolvimento da história”. Ao ampliar as perspectivas de gênero diversificamos os ângulos para os quais os olhares se voltam, o que se constitui num problema ou numa solução a depender de quem está olhando.

A existência da palavra gênero é anterior a obrigação de apreendê-la enquanto conceito ou num campo de estudos determinado. Na língua francesa, por exemplo, antes de ser incorporada no cenário acadêmico e político, existia como «gênero humano», representando a universalidade da espécie, uma suposta igualdade e assexualidade, ou como «gênero gramatical», expressando a dissociação factual entre o feminino, o masculino, e o neutro. Convertendo-se em nova proposição filosófica, hipoteticamente, corresponderia a maneira mais eficaz de fazer com que as mudanças se convergissem na mesma finalidade: de pensar o sexo e os sexos, de mesclá-los (neutro e dualidade; ser sexuado em geral e os dois sexos em particular), de evidenciá-los e de repensá-los (FRAISSE, 2016).

Ao pressupor transgressões este conceito contemporâneo passa a ser questionado, sofrendo tentativas de aniquilamento ou deturpação por constituir um avanço teórico ininteligível as/aos moralistas. Todavia, como propõe Fraisse (2016, p. 49) por mais que existam polêmicas envolvendo o gênero não é conveniente que “as reduzamos a uma possível deriva moral (freemos a homossexualidade!), ou a uma suposta deriva antropológica (cuidado com os limites relativos a identidade); não aparentemos crer no «tudo vale» nas sexualidades, ou na «confusão» dos sexos”, a julgar pelas percepções limitadas as quais estaremos nos submetendo. E completa, demonstrando que conceituar gênero “se trata muito mais de transformar em profundidade os nossos referenciais filosóficos, com todas as consequências teóricas e práticas que impactam na vida real de qualquer um/a de nós”.

El saber (relativo a las mujeres, al sexo, al género) ha venido acumulándose desde hace algunas décadas y las instituciones científicas se han vuelto sensibles a ello. Se trata de una buena noticia, e incluso yo diría que ya era hora. Salimos de un tiempo de desprecio y condescendencia que ha sido capaz de tachar las investigaciones «feministas», en el mejor de los casos, de simple militancia, y de militancia groseramente disfrazada de análisis científico, en el peor de ellos. De algún modo, en estos momentos, dicho saber, gracias a

su importancia y amplitud (desde la historia a la biología, desde la economía a la antropología...), empieza a provocar miedo. Con toda la razón. Porque lejos de un peligro sexual, o de una amenaza antropológica, el verdadero peligro es posiblemente el epistemológico, un peligro relativo a la organización de nuestros conocimientos. E se sería el primer exceso «aquello que desborda, aquello sin medida», el de la ciencia en su condición de ciencia. Un saber que produce vértigo (Ibid., p. 50)⁵⁶.

Se revisitarmos a fábrica da história e requisitarmos que ao conceito de gênero seja atribuída a neutralidade/universalidade, originária da expressão «gênero humano», no sentido de darmos uma solução a construção enviesada das identidades feminina e masculina tal como foram e ainda são, nos sujeitaríamos a contradizer a existência de uma percepção injusta sobre diferenças que foi inculcada no pensamento das pessoas, partícipes em uma sociedade e/ou aprendizes de determinada cultura. Isto posto, complementa Fraisse (2016, p. 51), não faz muito tempo “em que dava na mesma ignorar, tanto na escrita da história como na análise social, a sexuação dos problemas. Se esta sexuação é atualmente reconhecida, não parece, entretanto, tão fácil atribuir-lhe um método de análise”. Ou seja, simplificar não é o melhor caminho se pretendemos alcançar a emancipação ou ir além da realidade empírica.

Entenderemos, pues, que lo neutro o bien es una abstracción estimulante, o bien la máscara de una mentira. De ahí la inquietud ante una posible vuelta a la línea de salida, con la dualidad sexual reafirmada, por un lado, y, por otro, con la abstracción generada escondiendo demasiado a menudo la realidad prosaica de las divisiones sexuadas [...] Así, pues, el género constituiría a un tiempo una solución (construir un territorio de pensamiento necesario) y un problema (enmascara aquello que pretende mostrar, reproduce aquello que intenta deshacer). (Ibid., p. 51-52)⁵⁷.

Ademais, será o contraste biológico/social [sexo/gênero] (ainda) pertinente? Para Fraisse (2003, p. 45) “a oposição entre natureza e cultura é um marco conceitual próprio da época moderna” e, por isso, não mede esforços para interpelar se as/os estudiosas/os de gênero

⁵⁶ O conhecimento (relativo as mulheres, ao sexo, ao gênero) se acumula há algumas décadas e as instituições científicas se tornaram sensíveis a ele. Se trata de uma boa notícia, e inclusive diria que já estava na hora. Saímos de um tempo de desprezo e condescendência que conseguiu taxar as pesquisas «feministas», no melhor dos casos, como simples militância, e de militância grosseiramente disfarçada de análise científica, no pior deles. De alguma forma, atualmente, o dito saber, graças à sua importância e amplitude (desde a história à biologia, desde a economia à antropologia...) começa a provocar medo. Com toda razão. Porque longe de um perigo sexual, ou de uma ameaça antropológica, o verdadeiro perigo é possivelmente o epistemológico, um perigo relativo à organização de nossos conhecimentos. E esse seria o primeiro excesso «aquilo que transborda, ou para o qual não há medidas», o da ciência em sua condição de ciência. Um conhecimento que produz vertigem (FRAISSE, 2016, *tradução nossa*).

⁵⁷ Entenderemos, então, que o neutro é uma abstração estimulante, ou a máscara de uma mentira. Daí a preocupação ante um possível retorno à linha de partida, com a dualidade sexual reafirmada, por um lado, e, por outro, com a abstração gerada com muita frequência que esconde a realidade prosaica das divisões sexuais [...] Assim, pois, o gênero constituiria ao mesmo tempo uma solução (construir um território de pensamento necessário) e um problema (mascarar o que pretende mostrar, reproduzir o que tenta desfazer). (FRAISSE, 2016, *tradução nossa*).

que utilizam “este esquema” dualista não estariam “prisioneiras/os dele” uma vez que ao utilizá-lo o legitimam. Seria essa a única inteligibilidade possível no tocante as relações? Talvez seja necessário revisar como o conhecimento sobre gênero está organizado.

La dificultad del debate acerca del sexo y el género se debe a que permanece prisionero de la problemática de la identidad: la búsqueda o la crítica de la identidad parecen constituir la cuestión fundamental. Sin embargo, otra cuestión podría modificar esta perspectiva: se trata de la alteridad, puesto que, por debatir en exceso acerca de la identidad de los seres sexuados, se dice demasiado poco sobre su relación, sobre la relación con el otro y con los otros. No obstante, la relación, ya sea que se trate de relaciones sexuales, de dominación o de emancipación, configura la historia. La historicidad de la diferencia entre los sexos podría ser el hilo conductor, la historicidad no solo como crítica de las representaciones atemporales de los sexos sino también como localización de los sexos en la fábrica de la Historia (FRAISSE, 2003, p. 45)⁵⁸.

Todos esses questionamentos promovem um certo dinamismo e cooperam para que mais reflexões, do ponto de vista teórico, político e filosófico, surjam, o que é excelente apesar das controvérsias que estão sempre à espreita. Ao empregarmos o conceito de gênero percebemos que, nitidamente, o invocamos enquanto um “instrumento de análise”, um caminho para saber, “uma lupa capaz de aumentar” aquilo que não nos permitem acessar. Assim, acrescenta Fraisse (2016, p. 53) “certas hipóteses teóricas se converteriam em algo possível mediante a acumulação de conhecimento, abrindo as portas para um verdadeiro trabalho de epistemologia política que implicaria uma reflexão sobre as relações [como um todo] e as relações entre os sexos”.

No texto de introdução, escrito por Isabel Morant, para o livro⁵⁹ de Geneviève, destaca-se que a autora nutre um grande interesse pela epistemologia que, particularmente, se manifesta “como um grande desafio e paixão”, é por isso que vários de seus trabalhos tem sido orientados nessa direção e “dialogam” com a Filosofia Clássica. Segundo Morant (2016, p. 15) “o tratamento dado as mulheres nos textos dos filósofos incomoda” Geneviève Fraisse, no entanto, ela também “se sente atraída por eles” já que “sua escolha não é de ignorar a filosofia, mas partir da tradição filosófica mesma, daquela que não fez da diferença dos sexos um objeto oficial”. Assim, mesmo que as diferenças entre mulheres e homens e a dominação estejam implícitas nas produções por

⁵⁸ A dificuldade acerca do debate sobre sexo e gênero ocorre por continuar prisioneiro do problema da identidade: a busca ou a crítica da identidade parecem constituir a questão fundamental. No entanto, outra questão poderia modificar esta perspectiva: se trata da alteridade, pois devido ao excessivo debate acerca da identidade dos seres sexuais/sexuados, pouco se fala sobre seu relacionamento, sobre a relação com o outro e com os outros. Apesar de, a relação, seja ao tratar de relações sexuais, de dominação ou de emancipação, configurar a história. A historicidade da diferença entre os sexos poderia ser um fio condutor, a historicidade não apenas como crítica das representações atemporais dos sexos, mas também como localização dos sexos na fábrica da história (FRAISSE, 2016, tradução nossa)

⁵⁹ **Título original:** *Les excès du genre: concept, image, nudité*. Publicado em 2014, mas traduzido para o espanhol apenas em 2016.

ela analisadas, está na(s) leitura(s) o motor de suas reflexões, chaves para desenvolver toda a complexidade de seus questionamentos (MORANT, 2016).

En este sentido «Geneviève Fraisse» se distancia de la forma de trabajar de los estudios que se limitarían a hacer la crítica de la misoginia, así como de la corriente del feminismo que, dando un paso más, plantearía una ruptura radical con la filosofía y la voluntad de construir una ciencia feminista, que sería una ciencia nueva. A côté du genre. Sexe et philosophie de l'égalité, publicado en 2009, expresaría también la distancia que le separa de la teoría de género y el modo en que Fraisse se sitúa en relación con el pensamiento filosófico y la filosofía feminista, tal y como escribe: «La cuestión de los sexos es un problema filosófico aún incierto para muchos, porque estar al lado (à côté) del pensamiento académico y también al lado del concepto de género que emerge hoy en día es un reto» (Ibid., p. 16)⁶⁰.

No mais, Fraisse (2016, p. 55) defende compreender “a sexuação do mundo como um exercício do pensamento, pois ela não é uma circunstância imóvel, sem temporalidade”. Reorganizar nossas formas de olhar para o mundo nos possibilitaria reconhecer que “os sexos fazem a história, e que a história é sexuada”. Neste sentido, pontua a autora, “a análise sexo/gênero não deve se contentar em introduzir uma nova variável dentre muitas outras; no pior dos casos, uma contingência desprezível, e no melhor uma cor sociológica”.

As relações de dominação/poder, não serão simplesmente desfeitas porque passamos a revelar os dados que as comprovam, ou serão? Desconstruir estereótipos equivalerá a transformações políticas? Aniquilá-los seria uma maneira de dar fim ao sexismo, ao racismo e outras formas de discriminação? Qual futuro perseguimos e como os estudos de gênero [ou uma reviravolta neles] poderão iluminar nossos caminhos até ele? A relação entre os sexos pode ser transformada? Se sim, como? (FRAISSE, 2016). Há vários obstáculos que ainda impedem reais renovações e, diante disso, há muito a ser feito sobretudo neste momento da História em que os discursos sobre equidade e liberdade variam drasticamente de acordo com quem os propõem.

Aos olhos de pessoas conservadoras o termo gênero aparece como algo execrável e que deve ser combatido. Logo, ao demonstrarmos afinidade com esse universo complexo e abrangente de estudos, damos “um passo adiante na defesa das liberdades pessoais”, como pontua Ana Paula Hilgert de Souza (2018, p. 207) e, quiçá, caso seja legítimo, das liberdades

⁶⁰ Segundo Isabel Morant (2016, p. 16, *tradução nossa*) «Geneviève Fraisse» se distancia da maneira de trabalhar dos estudos que se limitariam a fazer a crítica da misoginia, bem como da corrente do feminismo, que dando outro passo, representaria uma ruptura radical com a filosofia e a vontade de construir uma ciência feminista, que seria uma nova ciência. *A côté du genre. Sexe et philosophie de l'égalité*, publicado em 2009, expressaria também a distância que a separa da teoria de gênero e o modo como Fraisse se situa em relação ao pensamento filosófico e a filosofia feminista, tal como escreve: A questão dos sexos é um problema filosófico ainda incerto para muitos, porque estar ao lado do pensamento acadêmico e também ao lado do conceito de gênero que emerge hoje em dia é um desafio.

coletivas. Progressivamente, temos desenvolvido melhor nossos questionamentos, porém é sempre conveniente procedermos com cautela, já que “o conceito de gênero pode produzir efeitos contrários aos desejados” e assim potencializar e/ou nutrir um maior número de desigualdades, nos afastando um pouco mais das práticas de emancipação que visem, juridicamente, a igualdade de direitos e/ou de liberdade ou que caracterizem a “igualdade política” (FRAISSE, 1995, p. 168; SOUZA, 2018).

3.2 JOAN SCOTT E O GÊNERO: O REEXAME CRÍTICO DE UMA CATEGORIA POLISSÊMICA

Aquelas pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história.

Joan Scott – *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, 1995

Se na história da divisão entre os sexos houve uma das naturezas a ser cerceada, significa dizer que, ao longo dos séculos, existiram sujeitos cujos discursos sempre tiveram autorização para existir, o que demonstra que as relações de poder se apresentaram de formas bastante peculiares desde a muito tempo (SMITH, 2012, p. 17). O panorama da diferença entre os sexos tornou-se visível por meio da linguagem, sugeriu Thomas Laqueur (1994, p. 22), e justamente os homens (de mentalidade colonial, capitalistas, brancos-heterossexuais), por serem “os seres do pensamento”, foram os responsáveis pela criação de um sistema binário de escrita do mundo, incumbidos não só por “conceber os nomes, mas também por julgá-los”, delimitando quais eram as/os opositoras/es em meio a tantos contrastes. Neste processo, a passividade das mulheres pôde ser inventada e elas próprias foram controladas, considerando-se sua “essência”. A feminilidade, circunscrita na genitália, tornou-se então uma condição passível de ser menosprezada, negatizada e sexualmente regulada (LAQUEUR, 1994; FOUCAULT, 2000).

Em *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, Michel Foucault (2000, p. 122) afirma que as línguas dos povos, as quais fornecem os vocabulários e revelam conhecimentos, possibilitaram que se realizasse “a história da liberdade e da escravidão, ou ainda uma história das opiniões, dos preconceitos, das superstições, das crenças de toda ordem cujos escritos testemunham sempre pior que as próprias palavras”. Assim, para cada identidade gramaticalmente construída instituiu-se a diferença que, ao ser interpretada, produziu

assimetrias e efeitos políticos e sociais que beneficiaram aqueles que eram/são “a norma” em detrimento de todas/os outras/os.

A aquisição do termo «gênero» pelo vocabulário médico, empregando-o com base em um “dimorfismo sexual radical”, reduziu as relações entre os sexos a um paradigma de conformação das sexualidades à dominação e repressão, transformando nossos valores acerca da família, do ser homem, mulher e de como educamos nossas crianças (LAQUEUR, 1994). Este seria um dos episódios que levaram as sociedades, principalmente ocidentais, a incorporarem hierarquias de gênero, ou como definiu Gayle Rubin (1993, p. 2) num dos trabalhos fundamentais para emergência de uma antropologia feminista, a criarem um “sistema de sexo/gênero: um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”. A autora acrescenta que:

O sistema de sexo/gênero é um termo neutro — *se relacionado a outras duas conceituações adotadas por teóricas feministas que buscaram explicar a subordinação/opressão das mulheres, quais sejam: “modos de reprodução” e “patriarcado”* — que se destina (também) a estabelecer uma distinção entre sistemas “econômicos” e sistemas “sexuais”, e a indicar que os sistemas sexuais tem uma certa autonomia e não podem ser explicados em termos de forças econômicas [...] *Para Rubin, sexo/gênero diz respeito a um domínio preciso, indicando simultaneamente que a opressão não é inevitável neste domínio, mas sim produto das relações sociais específicas que a organizam. Finalmente, existem sistemas de gênero que não podem ser adequadamente descritos como patriarcais. Muitas sociedades na Nova Guiné [neste ponto faz referência a várias/os autoras/es] são malvadamente opressoras em relação as mulheres. Entretanto, o poder dos homens nestes grupos não se funda nos seus papéis enquanto pais ou patriarcas, mas na sua qualidade coletiva de homens (machos) [...] As mulheres são oprimidas em sociedades que, por maior que seja o esforço de imaginação, não podem ser descritas como capitalistas [...] O capitalismo apenas se apropriou e reciclou noções de masculino e feminino que o antecederam por séculos. Nenhuma análise da reprodução da força de trabalho sob o capitalismo pode explicar a prática de enfaixar os pés, os cintos de castidade ou nenhum elemento inacreditável na panóplia de indignidades rebuscadas e fetichizadas, sem falar daquelas mais comuns que têm sido infligidas às mulheres em vários momentos e lugares. A análise da reprodução da força de trabalho nem mesmo explica por que são as mulheres quem usualmente realiza o trabalho doméstico em casa, e não os homens (RUBIN, 1993, *passim*).*

Em seu texto *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política dos sexos*, originalmente publicado em 1975, Gayle Rubin conclui que o sexo é socialmente sistematizado segundo o gênero, a heterossexualidade compulsória, e o controle ao qual à sexualidade feminina é submetida — “troca de mulheres e o sistema de parentesco; culturalização” — o que

a leva a acreditar que a divisão dos sexos e desejos sexuais abarcaria o conceito de «gênero», como se ambos estivessem intrincados no mesmo processo social. Entretanto, a própria autora propõe uma teoria radical do sexo, quase uma década depois (1984) inspirada pela leitura de *A História da Sexualidade* (1976) de Foucault, uma vez que constatou a necessidade de tratar sexualidade e gênero como conceitos a serem analisados separadamente (MONCAU, 2018).

A partir desta demanda, Joan Scott (1995, p. 73) nos convida em seu texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, a reexaminarmos criticamente as proposições teóricas daquelas que, recorrendo ao termo «gênero», “sustentavam que as pesquisas sobre mulheres transformariam fundamentalmente os paradigmas disciplinares”, visto que seriam um caminho para inscrever as mulheres na História, ampliando-a, e assim viabilizar uma reorientação das “noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas” por elas desempenhadas. Todavia, os dilemas com o quais as pesquisadoras feministas se depararam inicialmente, repousariam no trabalho de desenvolver metodologias e construir “uma nova história das mulheres ou uma nova história”, feitos que dependeriam de como o conceito de gênero seria abordado enquanto uma categoria de análise (SCOTT, 1995).

Aqui as analogias com a classe e com a raça eram explícitas; de fato as pesquisadoras que tinham uma visão política mais global, invocavam regularmente as três categorias como cruciais para a escrita de uma nova história. O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava, em primeiro lugar, o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão, e em segundo lugar, uma compreensão de que as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo, três eixos. A litania “classe, raça e gênero” sugere uma paridade entre os três termos, mas, na verdade, eles não têm um estatuto equivalente [...] Os/as historiadores/as feministas têm procurado, cada vez mais, encontrar formulações teóricas utilizáveis. Eles/elas têm feito isso por duas razões. Em primeiro lugar, porque a proliferação de estudos de caso, na história das mulheres, parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das persistentes desigualdades, assim como de experiências sociais radicalmente diferentes. Em segundo lugar, porque a discrepância entre a alta qualidade dos trabalhos recentes de história das mulheres e seu *status* marginal em relação ao conjunto de disciplinas... mostram os limites de abordagens descritivas que não questionam os conceitos disciplinares dominantes ou, ao menos, que não problematizam esses conceitos de modo a abalar seu poder e, talvez, transformá-los (SCOTT, 1995, *passim*).

Parafrazeando Étienne de La Boétie (1530), nós nutrimos voluntariamente uma espécie de servidão, aliás, boa parte da sociedade global o faz, está crítica cabe a mim também. No caso acadêmico, utilizamo-nos, muitas vezes, de determinadas produções da sociologia canônica

[**epistemologias dos homens brancos do norte**] “de modo mecânico, servil, sem ‘dar-nos’ conta de seus pressupostos históricos originais, sacrificando ‘nosso’ senso crítico ao prestígio que nos ‘granjeia’ exhibir ao público leigo o conhecimento de conceitos e técnicas importadas”, premissa impactante de Guerreiro Ramos (1996, p.9) — *dessas frases que doem na gente como um soco no estômago* — e por isso não é à toa que Joan Scott (1995, p. 74) destaca que muitas/os historiadoras/es basearam-se/baseiam-se em “formulações há muito estabelecidas e explicações causais universais” para teorizar gênero, tratando-o de maneira reducionista e, por vezes, profundamente banalizada, o que dificultou/dificulta que alcançassem/alcancemos novas e tão significativas mudanças quanto as que já desfrutamos.

As abordagens utilizadas pela maioria dos/as historiadores/as se dividem em duas categorias distintas. A primeira é essencialmente descritiva; quer dizer, ela se refere a existência de fenômenos ou de realidades, sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade. O segundo uso é de ordem causal e teoriza sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando compreender como e porque eles tomam as formas que têm. Na sua utilização recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Os livros e artigos de todos os tipos que tinham como tema a história das mulheres substituíram, nos últimos anos, nos seus títulos o termo “mulheres” por “gênero”. Em alguns casos, mesmo que essa utilização se refira vagamente a certos conceitos analíticos, ela visa, de fato, obter o reconhecimento político deste campo de pesquisas. Nessas circunstâncias o uso do termo “gênero” visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. “Gênero” parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (**supostamente ruidosa**) do feminismo (SCOTT, 1995, p. 75).

Nestes termos, de “busca por legitimidade acadêmica para os estudos feministas na década de 1980”, a desigualdade e o poder não eram confrontados, as mulheres permaneceram anônimas e sem representar qualquer tipo de constrangimento à academia. Houve também a generificação dos corpos através da incorporação de «gênero» como categoria de análise pautada exclusivamente por “construções culturais” que incidem sobre mulheres e homens, ou melhor, sobre o que suas genitálias representam, por vezes reforçando o modo figurado com que são usados “os termos gramaticais para evocar os traços de caráter ou os traços sexuais” e expondo as dificuldades em avançarem na teorização, para além das experiências ditas femininas e masculinas, tanto na “história passada” como em sua conexão com as “práticas históricas presentes” (SCOTT, 1995).

A apresentação de determinadas “realidades ou fenômenos” sem a preocupação de interpretá-los, explica-los ou de atribuir-lhes uma causa para pensarmos porque são como são, é uma particularidade de abordagens descritivas (papéis a serem desempenhados pelos sexos)

ou de uma “visão funcionalista fundamentada na biologia e na perpetuação de esferas separadas na escrita da história (sexualidade ou política; família ou nação; mulheres ou homens)”. Nesta lógica, ocorre o distanciamento entre a teoria e as questões que impactariam o campo político, científico e as relações de poder no contexto acadêmico e social.

Historicamente as mulheres apoderaram-se deste tema de pesquisa e inclusive no âmbito da Educação Física, em termos quantidade de pesquisas de desenvolvidas, são numericamente superiores aos homens. Gênero se constitui como um novo domínio do campo científico da Educação Física e Esporte, mas, bem como em outras áreas, “não tem poder analítico suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes”.

Segundo Joan Scott (1995, *passim*) no decorrer das décadas de 1970 e 1980, pudemos observar três abordagens teóricas distintas que visaram potencializar as análises da categoria «gênero». A primeira consistiu numa “tentativa inteiramente feminista” de análise que “empenhou-se em explicar as origens do patriarcado”, responsável por construir relações de desigualdade pautadas na dominação sexual das mulheres pelos homens. A segunda, de tradição marxista, aponta que a opressão das mulheres encontra eco na dualidade entre o patriarcado e o capitalismo que apesar de serem sistemas separados, interagem constantemente, neste sentido as relações entre os sexos assemelham-se as relações de produção. A terceira abordagem divide-se entre “o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto” que tinham a psicanálise como princípio norteador para compreensão das identidades e a forma como são produzidas e reproduzidas.

O conceito de gênero insurge nesses múltiplos cenários da luta feminista como um “instrumento” de contestação do caráter substancial atribuído à lógica binária natureza/cultura, porém, sem que interrogassem a história sociopolítica destas categorias no discurso ocidental colonialista. A discussão não é completa ou devidamente ampliada, resultando numa relativização cultural das “categorias ‘passivas’ sexo ou natureza”, e como ponderou Donna Haraway (2004, p.218) estas “formulações de uma identidade essencial como homem ou como mulher permaneciam analiticamente intocadas e politicamente perigosas”.

Joan Scott (1995, p. 81) aponta que, em certa medida, “estas interpretações limitaram o conceito de gênero à esfera da experiência doméstica”, impossibilitando que houvesse conexões entre a conceituação ou “o indivíduo” e “outros sistemas sociais, econômicos, políticos”. Para a autora é necessário que rejeitemos o caráter fixo e permanente da oposição entre duas unidades que tem origem num único lugar, propondo, assim, que pensemos nos processos como estando interconectados. Configurando-se como a expressão das diferenças que geram desigualdades, o gênero seria a “forma primária de dar significado às relações de poder”, que é compreendido

como as “constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em campos de força sociais” (FOUCAULT, 1980 apud SCOTT, 1995, p. 86).

Ainda neste contexto, há de se pautar que uma hegemonia euro-americana é evidenciada e que estas teorias de feministas brancas representam as sociedades como um sinônimo da família nuclear, o que, conseqüentemente, cria noções de feminilidade e masculinidade que destoam quando comparadas as teorias feministas construídas nas periferias do mundo. A generalização das experiências, a visão universal sobre o ser «mulher» e sua subordinação, bem como a volatilidade das estruturas sociais que impede que a categoria gênero seja dada como acabada, levou Oyèrónké Oyěwùmí (2004, p. 3) as seguintes afirmações e interpelações:

Porque gênero é socialmente construído, a categoria social “mulher” não é universal, e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade, questões adicionais devem ser feitas: Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente? [...] a crítica mais importante de articulações feministas de gênero é aquela feita por uma série de estudiosas afro-americanas que insistem que nos Estados Unidos de forma alguma o gênero pode ser considerado fora da raça e da classe. Esta posição levou à insistência sobre as diferenças entre as mulheres e a necessidade de teorizar múltiplas formas de opressão, particularmente sobre as quais as desigualdades de raça, gênero e as desigualdades de classe são evidentes (OYĚWÙMÍ, 2004).

Um dos grandes desafios da pesquisa é fazer explodir essa fixidez e representação binária de gênero, pois compreender o gênero e seus potenciais elementos inter-relacionais é uma forma de potencializar as lutas contra estruturas/instituições que adotam posicionamentos endurecidos, antiquados, opressores, desiguais, limitantes, hierárquicos, que geram apagamentos e subalternizações e que tendem a ser obsoletos. Neste sentido, os feminismos podem sim ser campos de contestação e recusa das teorias dominadoras, levando-nos ainda a refletir sobre os lugares para os quais as violências se dirigem. Pesquisas sobre gênero são possibilidades de direcionamento de nossos olhares para que (re)pensemos novos projetos de sociedade e não apenas nas opressões que nos dizem respeito. A exemplo da Educação Física e do esporte, houve em algum momento uma prática verdadeiramente igualitária passível de ser divulgada? E caso não, “se as significações de gênero, raça, classe e poder se constroem reciprocamente, como as coisas mudam”? Pensemos... (SCOTT, 1995, *passim*).

3.3 JUDITH BUTLER E AS REGULAÇÕES GÊNERO

Já te mandaram embora do país? Você já pensou em arrumar as malas? E para onde você vai? Qual é o paraíso da justiça social e equidade de gênero e sexualidade que te acolheria? Cada um terá suas escolhas e poderá eleger um país com um referente. Nós, sem nenhum tipo de nacionalismo, esta maldição do mundo moderno, nós, sem orgulho de sermos brasileira/o, afirmamos: vamos continuar aqui. Avançamos um pouco, mas avançamos. Obrigamos os teólogos de gênero a saírem do armário e vir ao mundo público disputar posições sobre masculinidades e feminilidades e ao fazer este gesto político, nos dão razão: gênero não é um assunto bíblico ou biológico, diz respeito a projetos políticos. Agora que a luta está ficando boa, porque está mais clara, vamos desistir? Estamos apenas começando.

Berenice Bento – *Afeto, Butler e os neoTFPistas*, 2017
*[TFP – Tradição, Família e Propriedade]

Silvia Tubert (2003, p. 10) interpreta que “a multiplicidade de experiências relacionadas ao gênero inclui vários eixos de poder e de subordinação”, o que, conseqüentemente, nos tenciona a assimilá-los e, claro, contestá-los. Em contrapartida, “nem toda subjetividade do ser humano é marcada pelo gênero”, haja vista que, se comparado com outros aspectos sociais, ele nem sempre é condição dominante para construção da identidade. Essa análise corresponde a um dos “grandes avanços teóricos do pensamento feminista atual” (TUBERT, 2003).

Segundo Judith Butler (2001, p. 172) a fundamentação da(s) identidade(s) em torno do que aparentemente conhecemos como masculinidade e feminilidade não é capaz de alcançar o movimento de transformação e mudança proposto pelo conceito de gênero, pois tende a operar regularidades, modos de “disciplina e vigilância”, seguindo Foucault, que excluem a perspectiva de tratar a historicidade e instabilidade que perpassam os contextos das práticas sociais e das “formas modernas de poder” (BUTLER, 2014, p. 271).

O gênero não deve ser interpretado como uma identidade estável ou um lugar onde se assenta a capacidade de ação e onde resultem os diversos atos, mas sim, como uma identidade debilmente constituída no tempo, instituída em um espaço exterior mediante uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz por meio da estilização do corpo e, portanto, deve ser entendido como a maneira mundana em que os diversos tipos de gestos, movimentos e estilos corporais constituem a ilusão de um gênero constante. Esta formulação afasta a concepção de gênero de um modelo substancial de identidade e a coloca em um terreno que requer uma concepção do gênero como *temporalidade social* constituída. É significativo que se o gênero se institui mediante atos que são internamente descontínuos, então a *aparência de substância* é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que o público social mundano, incluídos os mesmos atores,

começa a acreditar e agir na modalidade de crença (BUTLER, 2001, p. 172, tradução nossa).

Uma das implicações desta abordagem paradigmática, “que conserva (implicitamente) a crença em uma relação mimética do gênero [construção social] com o sexo [dado biológico]”, é incorrer no risco de tornar “dogmáticos, excludentes e hegemônicos” os empreendimentos teóricos que almejamos potencializar (TUBERT, 2003, *passim*). Não cabe mais que treinemos como ser homem ou mulher, a contemporaneidade já não comporta modelos acabados, não estamos mais “pré-prontas/os ou prontas/os” para abraçar as verdades manipuladas que nos são impostas, o que ao mesmo tempo não significa que exista uma “liberdade absoluta na performatividade de gênero” (BUTLER, 2003 apud RODRIGUES, 2019, p.64).

A representação social hegemônica de gênero depende da ideia fixa que gira em torno da heterossexualidade que, quando transformada em norma, “opera no âmbito de práticas sociais sob o padrão comum implícito da normalização”, o que gera a subtração das (incontáveis) vidas incompatíveis com as razões que são sustentadas por meio de discursos regulatórios. Neste sentido, assinala Judith Butler (2014, p. 253), a (hetero)norma “governa inteligibilidades, permitindo que determinadas práticas e ações sejam reconhecidas como tais, impondo uma grelha de legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que será e do que não será reconhecido como domínio social”. Em diálogo com Michel Foucault, a autora pondera ainda que apenas tornamo-nos sujeitos porque nos assujeitamos a essas regulações compulsórias que nos circunscrevem e nos constituem (BUTLER, 2014).

Um caso emblemático de alguém que se encontra num lugar de “múltiplas precariedades” e que por isso tornou-se socialmente ininteligível, ao ponto de ter sua vida e desempenhos amplamente contestados, ocorreu no contexto esportivo e mais especificamente no Atletismo. A corredora sul-africana, Caster Semenya⁶¹, perdeu a ação judicial que movia contra a *International Association of Athletics Federation* (IAFF), que a excluiu das provas de corrida em que ela mais se destacava devido aos níveis “atípicos” de testosterona que seu corpo produz. A atleta, que nasceu com traços intersexuais, foi punida mesmo não tendo consumido medicamentos para melhorar sua *performance*, sua capacidade física não foi celebrada, como nos casos da flexibilidade, força e velocidade dos atletas Usain Bolt e Michael Phelps, beneficiários de estatura e envergadura extraordinárias. Em nota, a IAFF defendeu-se das acusações de discriminação insistindo que esses limites “foram determinados para proteger a integridade do esporte, particularmente o esporte **feminino**”.

⁶¹ Por que o caso de Caster Semenya pode ser um marco para o esporte? Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48124672>. Acesso em: 3 novembro 2019.

Os rumores em torno das imagens de Caster Semenya, Edinanci Silva, Dutee Chand⁶² as alçaram à categoria de “Geni dos esportes” — cada uma no seu, “feitas para apanhar, boas de cuspir”; mal-ditas Geni — e seus “casos extremos lançaram imensos debates públicos em torno das questões de gênero”, revelando ainda “a violência brutal contra aquelas/es que parecem não se encaixar nas normas hegemônicas” que regulamentam a masculinidade e a feminilidade. As histórias dessas atletas nos servem como “lentes de aumento”, pois são capazes de ampliar nossa compreensão acerca da complexidade manifestada por algumas vivências humanas, julgadas como “culturalmente ilegíveis” ante interpretações dicotômicas acerca das identidades (BAPTISTA, 2018, *passim*). Christine Delphy (2018, p. 205) destaca:

Para pensar em gênero, como para se pensar o que quer que seja, é preciso sair do domínio das pressuposições. Pensar em gênero é repensar a questão da sua relação com o sexo, e para pensar esta questão, é necessário colocá-la, o que implica que se abandone a ideia de que já se conhece a resposta [...] uma tal direção de causalidade, ‘entre sexo e gênero’, permanece o que é: ‘uma suposição’ (DELPHY, 2018).

Caso a racionalidade não sofra alterações jamais seremos capazes de ampliar esse modelo fixo e restrito. Quando as maneiras de articularmos as palavras negam a multiplicidade de vidas, de sensações, de modos particulares de ser e estar no mundo, com que força buscaremos romper o processo regulatório? Os arquétipos de gênero dilapidam nossa sociedade e atualmente, são promessas que não se cumprem, mas que continuam a gerar opressões, perseguições e tiranias. Não voaremos na direção de uma “nova” humanidade, como provoca Rosi Braidotti (2018, p. 306) mas...

Precisamos, antes, de cartografias corporificadas e incorporadas, relacionais e afetivas das novas relações de poder que estão a emergir da atual ordem geopolítica. Classe, raça, gênero e orientações sexuais, idade e capacitação física são, mais do que nunca, marcadores significativos da “normalidade” humana. Estes são os fatores determinantes no enquadramento da noção de, e no controle do acesso a algo que podemos chamar “humanidade”. E, no entanto, tendo em conta o alcance global dos problemas que enfrentamos, hoje, no Antropoceno, é ainda verdade que “nós” estamos nisto juntos. A consciência disso não pode, contudo, ocultar ou nivelar as disparidades de poder que sustentam o sujeito coletivo (“nós”) e o seu esforço (isto). Podem, certamente, estar em causa projetos múltiplos e potencialmente contraditórios na recomposição da “humanidade”, neste momento (BRAIDOTTI, 2018).

⁶² *Caster Semenya and Dutee Chand run ragged by IAAF’s moving goalposts*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2018/jan/23/caster-semenya-dutee-chand-iaaf-hyperandrogenic>. Acesso em: 3 novembro 2019.

O que torna homens, mulheres, famílias, atletas, parceiras/os, “algo” legítimo? A quais relações de poder estamos submetidas/o? E porque elas nos impedem de nos constituirmos como sujeitos que transcendem os fundamentos heteronormativos que determinam corpos e práticas generificadas? Se as normas dependem de suas repetições como escapamos das diferentes formas de opressão que elas comportam? É necessário atenção aos discursos que surgem quando micro ideias nos são oferecidas como ideias de liberdade. Até aqui conquistamos muito, ainda que em meio ao ódio, a violência e a polarização, entretanto, ainda há muito a ser feito. É como pontuou Joan Scott (2005, p. 12) “não existem soluções simples para as questões que devem ser debatidas calorosamente”.

4 CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A MINUCIOSA OBRIGAÇÃO DE APRENDER-ENSINAR A OLHAR

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago *Kovadloff*, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

— *Me ajuda a olhar!*

Eduardo Galeano – A função da arte/1 em O livro dos abraços

Boaventura de Souza Santos (2008, p.9) lembra que “todo conhecimento científico é socialmente construído”, sendo pois fruto das imprevisibilidades e tensões que perpassam o ambiente em que pesquisadoras/es e sujeitos/objetos estão inseridos e em interação, examinando-se, além do mais, um *continuum* de incertezas e limitações referentes ao que está concebido quanto às realidades investigadas.

É através da pesquisa que uma familiaridade relativa aos saberes historicamente acumulados é desenvolvida, demonstrando que todo esforço operado, cujo destino seja beneficiar a vida humana, deriva de um constante empreendimento coletivo que precede às ações solitárias de busca por respostas que contribuam com o progresso e com a disseminação do conhecimento (CHIZZOTTI, 2011).

Conseqüentemente, verificamos que a produção científica consiste em árdua e quase sempre penosa iniciativa, basta ver a urgência por contribuições que distanciem pesquisadoras/es de impressões imediatistas sobre o objeto pesquisado, levando-as/os a se concentrarem em alcançar também aquilo que passa despercebido. Este percurso demanda experiência, uma capacidade de contestação e, muitas vezes, coragem para aventurar-se pelas incertezas apresentadas pelo mundo.

Em algumas ocasiões, as angústias e adversidades vivenciadas são tamanhas que nos levam a requisitar as “dores do parto” como um recurso estilístico, pois somente pelo empréstimo dessa expressão é possível traduzir, ou melhor, revelar as intempéries de uma trajetória cujo objetivo é a aproximação de um olhar sobre “(um)a verdade” criteriosa. Logo a trilha do conhecimento torna-se menos pungente, à medida em que é desbravada, evidenciando certas sutilezas e a necessidade incontestável de complexificação dos nossos pensamentos.

Há circunstâncias em que a efetivação de uma pesquisa — o instante de “dar à luz” — refere-se, substancialmente, às nossas realizações científicas e acadêmicas, haja vista as exigências impostas pelos ‘campos científicos’. Em suma, e aqui se faz necessário parafrasear

David Le Breton, seja qual for o percurso há sempre um bocado de dor a ser vivida. E é exatamente lá, “onde dói”, ou melhor dizendo, no local em que dúvidas e questionamentos habitam, que nós (privilegiadas/os cientistas) SOMOS [informação verbal]⁶³.

Malgrado a escrita não circunscreva *ipsis verbis* todos os efeitos do ato de parir, tanto é veras a dificuldade em fazer nascer uma ideia, quanto é vital. Requer esforço, compromisso político; e acima de tudo humildade para compreender fragilidades, abdicar de concepções equivocadas e amadurecer de fato. É essencial, na aventura em busca de conhecimento ou de uma verdade, reconhecer que pesquisa e produção são forjadas na minuciosa e eterna obrigação de ensinar-aprender a olhar.

Assim, ao longo deste capítulo encontrar-se-á o meu esforço em apresentar uma metodologia apropriada à investigação do fenômeno estudado. Nele constam: a natureza, o delineamento e o *corpus* da pesquisa, tal como os procedimentos e instrumentos de verificação e análise das teses e dissertações produzidas por pesquisadoras/es da Educação Física brasileira e que envolvem a disseminação de conhecimentos em estudos de gênero.

4.1 NATUREZA DA PESQUISA

Para o cumprimento dos objetivos desta dissertação, na qual o objeto é a produção acadêmico-científica acerca dos estudos de gênero desenvolvida no contexto da Educação Física brasileira no período compreendido entre os anos de 2013 a 2018, pretendo realizar uma pesquisa cujas características integrem os modelos qualitativo e quantitativo.

Martin Bauer e George Gaskell (2002, p. 22-23) destacam que as pesquisas de cunho qualitativo lidam com “a interpretação das realidades sociais” e buscam apresentar possibilidades de antecipar “futuras trajetórias” do objeto ou fenômeno investigado, enquanto as pesquisas quantitativas envolvem “números e uso de modelos estatísticos”, tendo em conta que sua proposta baseia-se na mensuração e divulgação dos dados de uma amostra que, embora abstratos, são igualmente analisáveis.

Antonio Chizzotti (2011, p.53) salienta que, no campo científico, há evidências de uma atmosfera conflitante que é resultado, além do mais, “da oposição qualitativo *versus*

⁶³ O Prof. Dr. David Le Breton ao falar sobre a dor, na conferência de abertura do I Seminário Nacional sobre “Corporeidade e Interdisciplinaridade: os estudos do corpo em perspectivas dialógicas”, pronunciou a seguinte frase (aqui adaptada para dialogar com o contexto): “Lá onde dói, EU sou”. Aparentemente, uma fala despreziosa, mas que revela a profundidade da escrita deste pesquisador e as realidades trazidas à tona através dela. O evento ocorreu na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília nos dias 23 e 24 de agosto de 2018 sob a organização do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (NECON) coordenado pela Profa Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida.

quantitativo”. Segundo o autor, as disputas estabelecem um clima de desconforto, de vigilância e de suspeita, pois culminam ou em críticas ao discurso unívoco, hegemônico, absoluto e unânime entre as ciências naturais, “que se autodenominam árduas (*hard*)”, ou em questionamentos sobre a eficácia das ciências sociais e humanas que são intituladas, equivocadamente, como “leves (*soft*)”. (CHIZZOTTI, 2011, p.30).

A respeito destas divergências vale pontuar as críticas feita por Michael Shermer (2007), expressas na matéria intitulada *The Really Hard Science* publicada na revista *Scientific American*. Na ocasião o autor propõe a existência de “duas tendências perturbadoras presentes na ciência e na sociedade”, ressaltando assim seus aborrecimentos com essa urgência em atribuir valores às ciências, fruto das divisões que costumam ser feitas em nível social e que são geradoras de preconceitos e descréditos também entre a comunidade científica.

Shermer (2007) exemplifica esse sistema e seus impactos, primeiramente, quando ocorre a classificação das ciências em “*hard* (exatas), *medium* (biológicas) e *soft* (sociais)”, possuindo maior prestígio e respeito as ciências “árduas”; e em segundo lugar, com a “divisão da escrita científica em duas formas, técnica e popular”, sendo a escrita técnica legitimada e apreciada em relação à “popular”.

Eu sempre pensei que, se houvesse uma ordem de classificação (que não deveria), a atual é precisamente invertida. As ciências físicas, por exemplo, são difíceis, no sentido em que calcular equações diferenciais é difícil. No entanto, as variáveis dentro da rede causal do assunto são comparativamente simples de restringir e testar quando contrastadas com, computar as ações dos organismos em um ecossistema ou prever as consequências das mudanças climáticas globais. Mesmo a dificuldade de construir modelos abrangentes nas ciências biológicas empalidece em comparação com a modelagem do funcionamento de cérebros e sociedades humanas. Por essas medidas, as ciências sociais são as disciplinas duras, porque o assunto é de magnitude mais complexa e multifacetada (SHERMER, 2007, s/p, tradução nossa) [64].

A particularidade das questões respondidas em uma pesquisa qualitativa impede (em partes) que haja espaços para quantificações, uma vez que os estudos evidenciam a complexidade dos fenômenos humanos e comunicam, portanto, o árduo caminho que conduzirá às investigações. Como sugere Maria Cecília de Souza Minayo (1994, p.21), os objetos dessas

⁶⁴ *I have always thought that if there must be a rank order (which there mustn't), the current one is precisely reversed. The physical sciences are hard, in the sense that calculating differential equations is difficult, for example. The variables within the causal net of the subject matter, however, are comparatively simple to constrain and test when contrasted with, say, computing the actions of organisms in an ecosystem or predicting the consequences of global climate change. Even the difficulty of constructing comprehensive models in the biological sciences pales in comparison to that of modeling the workings of human brains and societies. By these measures, the social sciences are the hard disciplines, because the subject matter is orders of magnitude more complex and multifaceted.*

pesquisas compõem o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Todavia, conforme destacado pela própria autora, ainda que haja uma “oposição complementar” entre os tipos de abordagem — qualitativa e quantitativa — quando são rigorosamente aplicadas ambas se avolumam e são capazes de gerar além de uma “riqueza de informações”, o máximo de “aprofundamento e fidedignidade interpretativa”. Constatações como esta reforçam, precisamente, os motivos que levaram à proposição metodológica desta dissertação.

Ao privilegiar uma proposta plural, considerando-se os contrastes, é preciso encontrar um amparo que a permita ser colocada em prática. Neste ponto, incorporar as ponderações feitas por William J. Filstead (1979 apud BAUER e GASKELL 2002, p. 29) constituiu uma oportunidade para a validação de minha escolha, já que:

Métodos quantitativos e qualitativos são mais que apenas diferenças entre estratégias de pesquisa e procedimentos de coleta de dados. Esses enfoques representam, fundamentalmente, diferentes referenciais epistemológicos para teorizar a natureza do conhecimento, a realidade social e os procedimentos para se compreender esses fenômenos (FILSTEAD, 1979).

O que denota que a partir de sistemática e profunda investigação — cujo propósito será encontrar nexos em um conjunto de informações e dados à primeira vista incoerentes e dispersos — as respostas ao problema desta pesquisa possivelmente serão alcançadas. A julgar pela impossibilidade em antecipar aquilo que será e pelas minhas limitações em termos de conhecimento, imanentes ao humano, espera-se que por meio da experiência e sensibilidade, do esforço empreendido e do método e técnicas adotados, sejam esclarecidas as questões relacionadas à disseminação e às particularidades da produção acadêmica científica e aos indicadores quantitativos que apresentem as tendências das dissertações e teses cujas temáticas dão ênfase aos estudos de gênero, realizando-se, preferencialmente, na esfera de ação da Educação Física brasileira (MINAYO, 1994; CHIZZOTTI, 2011).

Quanto ao objetivo metodológico, a pesquisa será composta de uma fase exploratória-descritiva cuja abordagem será a Cientometria, um método quantitativo pautado na mensuração de informações acerca da pesquisa científica, visando à criação de um banco de dados onde constem as produções em gênero desenvolvidas no contexto brasileiro da pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física, Educação Física e Esporte ou Ciência do Movimento Humano.

Segundo Jean Tague-Sutcliffe (1992 apud MARICATO e NORONHA, 2012, p.23), a Cientometria “é o estudo dos aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica. Faz parte da sociologia da ciência, com aplicações voltadas ao

desenvolvimento de políticas científicas”. Ademais, inclui atividades relacionadas à publicação, sobrepondo-se a Bibliometria que engloba o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada.

A opção pelo método cientométrico decorreu da oportunidade de apontar as tendências das pesquisas em gênero e esporte por meio de indicadores quantitativos. Leilah Brufem & Yara Prates (2005, p.16 apud MARICATO; NORONHA 2012, p.25) explicam que os objetos de estudo da Cientometria podem ser “disciplinas, assuntos, campos científicos e tecnológicos, patentes, teses e dissertações” cujas variáveis consistem também em apreender “como os cientistas se comunicam”. Os métodos baseiam-se na “análise de correspondência, coocorrência de termos, expressões, palavras-chave” e os objetivos são “identificar domínios de interesse e compreender como e, quanto, os cientistas se comunicam”.

Neste sentido, espero que seja possível estabelecer maior familiaridade com os temas correntes das pesquisas, a fim de torná-los visíveis, o que posteriormente culminará na descrição das características do fenômeno e cruzamento das informações das teses e dissertações catalogadas (GIL, 2002).

Consequentemente, por esta pesquisa estruturar-se como um estudo de revisão, que buscará pôr à vista dados, questionamentos e reflexões sobre os estudos de gênero, com base em material já elaborado, é pertinente classificá-la como bibliográfica. Apesar de quase todas as investigações sobre determinado tema exigirem a utilização deste procedimento técnico, a pesquisa em questão será desenvolvida exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, constituindo-se pelo *corpus* de teses e dissertações defendidas em programas de Pós-graduação em Educação Física, entre os anos de 2013 a 2018, e recuperadas a partir de buscas em bibliotecas digitais que integram e disseminam os textos completos (GIL, 2002).

4.1.1 Delineamento da pesquisa

Este estudo estrutura-se como uma pesquisa bibliográfica e o *corpus* de análise é constituído por dissertações e teses defendidas em cursos Pós-graduação *stricto sensu* e disponibilizadas nos repositórios de busca: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A escolha de tais sítios resultou da constatação de uma desatualização referente aos endereços eletrônicos e acervos de alguns dos programas de pós-graduação da área, e ainda pela dificuldade por mim encontrada em determinar um padrão de busca para recuperar os textos, a

julgar pelas diferenças estruturais observadas no momento do acesso aos sites das instituições. Em outros casos, por haver o redirecionamento para as páginas do sistema geral de biblioteca das universidades, tornou-se complexa a tarefa de consulta com precisão (considerando-se as palavras-chave), ou mesmo o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão das produções, julgando pela diversidade de informações selecionadas que incluíam ou não o objeto de estudo.

Logo, além de mapear e analisar as produções, espero que esta dissertação culmine na criação de um banco de dados em que conste relatórios sobre as pesquisas em gênero e esporte, o qual ambicionará apresentar informações que revelem o quanto à Educação Física, especialmente no contexto da pós-graduação *stricto sensu*, tem produzido em estudos sobre esta temática; quem são as/os pesquisadoras/es; em que região do Brasil há maior incidência de pesquisas; quais os assuntos mais abordados, etc. Quiçá, por meio destas e de outras reflexões (que almejo serem mais profundas), seja possível orientar e fundamentar pesquisas futuras.

Harris Cooper e Larry V. Hedges (1994) citados por Marisa Mancini e Rosana Sampaio (2006, p.1) explicitam que

As revisões da literatura são caracterizadas pela análise e pela síntese da informação disponibilizada por todos os estudos sobre um determinado tema, de forma a resumir o corpo de conhecimento existente e levar a concluir sobre o assunto de interesse (COOPER & HEDGES, 1994).

A propósito, há relevância em optar por estudos de natureza bibliográfica, que investem nas literaturas e produções acadêmicas como objetos de investigação. Mancini e Sampaio (2006, p.1) destacam que “um dos grandes desafios de uma profissão é desenvolver um corpo de conhecimento sólido que possa fundamentar e nortear a prática”, logo, a análise e síntese de informações a respeito de determinada questão ou temática, é imprescindível para progresso de um campo ou comunidade científica.

Nesta perspectiva, com base na apreensão dos significados, do sentido da comunicação, bem como das abordagens a respeito do objeto, buscarei apresentar como a Educação Física reconhece e se organiza em torno desta problemática, para construir conhecimentos e práxis que auxiliem na emancipação das formas de opressão relacionadas à construção e vivência das diferenças no contexto esportivo, o qual se consolida como um dos espaços onde imperam e se interconectam desigualdades.

Utilizei como referências para esta pesquisa alguns estudos de revisão sobre a produção científica em gênero na Educação Física e Esporte, desenvolvidos por pesquisadoras/es como: Silvana Vilodre Goellner, Xenusa Pereira Nunes, Jaqueline Cardoso Zeferino, Agripino Alves Luz Junior e Fabiano Priés Devede, sendo mais recentemente acessado, o artigo produzido por Aline Nicolino, Ana Márcia Silva e Milena Louise Rodrigues Rosa. A intenção era

compreender os caminhos percorridos pelas/os autoras/es em suas explorações e análises, buscando, ainda, informações que não haviam sido extraídas do objeto e, o quanto for preciso e possível, (re)aprender a olhá-lo.

Quanto ao mapeamento, inicialmente a pesquisa seria realizada apenas na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). No entanto, ao realizar buscas no Catálogo de Teses & Dissertações CAPES foram recuperadas produções acadêmicas que ainda não haviam sido acrescentadas ao *corpus* da pesquisa.

À vista disso, o universo de materiais textuais contabilizou vinte (20) produções integralmente recuperadas, uma vez que as defesas ocorreram necessariamente em programas brasileiros de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física. Ao todo foram reunidas dezessete (17) obras de mestrado e três (3) de doutorado, das quais: treze (13) dissertações, uma (1) dissertação em formato de artigos e uma (1) tese em formato de artigos identificadas por meio da busca na BDTD; três (3) dissertações e duas (2) teses através do Catálogo de Teses & Dissertações CAPES, deste total, apenas dezoito (18) produções serão avaliadas na etapa qualitativa, visto que encontram-se em formato monográfico.

Como forma de identificar, nos repositórios, as produções acadêmicas que tratassem do tema — sobretudo numa perspectiva sociocultural — foram escolhidos os descritores «gênero»/«esporte» que, posteriormente, foram combinados com base na utilização do operador booleano «AND» a fim de cumprir algumas exigências estabelecidas para efetivação das buscas simples e/ou avançada nos portais escolhidos (TREINTA et al., 2012).

Segundo o “Manual de Revisão Bibliográfica Sistemática Integrativa” do Grupo Ânima Educação (2014, p.19), “os operadores booleanos são fundamentais para o critério de inclusão. Na prática se não os utilizamos ou utilizamos apenas um deles, o número de artigos (produções) encontrados podem variar significativamente”. Nesta lógica, «AND» foi o descritor escolhido por atender as expectativas de recuperar as produções que tratem exclusivamente dos conhecimentos sobre «gênero» e «esporte».

Ademais, dada a necessidade de estabelecer critérios para construção do *corpus* que será submetido a análise qualitativa, optei pela exclusão das teses e dissertações que não puderam ser integralmente recuperadas e que estivessem em formato de coletânea de artigos, bem como das produções em gênero e esporte que correspondessem a outras áreas do conhecimento, como Educação; Linguística, Letras e Artes; Ciência Política; Ciências Sociais e Humanas e Ciências da Saúde. Os artigos científicos foram eliminados, pois, ainda que representem importantes ferramentas de análise e sejam produtos geradores de impactos significativos em determinados campos científicos, ocasionalmente, não evidenciam o todo das pesquisas desenvolvidas e

tendem a apresentar uma síntese das informações como forma de atender às exigências de periódicos, dando ênfase a um fenômeno específico num contexto de estudos muito mais amplo.

Neste sentido, se houver a possibilidade de traçar os perfis e as tendências das publicações, considerando-se um lapso temporal de seis anos, e conduzir leitoras e leitores à apreciação das realidades investigadas pelas autoras e autores das teses e dissertações — dadas as transformações socioculturais, políticas, tecnológicas e econômicas que marcaram a virada do século XX para o XXI — será possível elaborar reflexões significativas para (re)pensar os estudos de gênero no campo de ação da Educação Física. Assim, espero que os propósitos desta dissertação sejam alcançados, a julgar pela possibilidade de apresentação de novos caminhos para investigações futuras sobre o tema, capazes de resultar em grandes compromissos éticos, sociais e políticos em um momento particularmente complexo para questionar sobre as desigualdades num país como o Brasil.

4.1.2 O *corpus* da Pesquisa: um passo a passo necessário

Um *corpus* pode ser definido como uma coleção de textos relevantes sobre determinado tema que atendam aos objetivos de um estudo que se pretenda cumprir. Assim, uma das vantagens destacadas é a velocidade com que os dados textuais podem ser pesquisados ou manipulados, uma vez que se apresentem em formato eletrônico, estando suscetíveis ainda a serem processados em um computador e posteriormente disponibilizados para realização de outras pesquisas (McENERY; WILSON, 1996 apud ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006).

O material a ser analisado deve ser escolhido criteriosamente a fim de que seja possível a construção de um *corpus* balanceado. Um exemplo é que, após à determinação de um tema, a seleção ocorre com base na tipologia dos textos — sejam artigos, entrevistas, cartas, dissertações ou teses — e no gênero discursivo (informativo, científico). Em geral as buscas são facilitadas mediante a utilização da *Web*, a julgar pelo acesso público, porém nem sempre gratuito, a vários conteúdos (ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006).

No caso desta dissertação, optei pela construção do *corpus* a partir de produções acadêmico-científicas representadas por teses e dissertações, produzidas no contexto brasileiro, reconhecendo que produções desta natureza merecem ser destacadas pelo impacto provocam e a pela capacidade de estabelecerem transformações expressivas do pensamento, tanto em nível acadêmico quanto científico, apesar de serem pouco acessadas. E como complementa Gil

(2002, p.66), “muitas delas são constituídas por relatórios de investigações científicas originais ou acuradas revisões bibliográficas”, o que confirma a importância que apresentam como produtos e/ou objetos de estudo em uma pesquisa.

4.2 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

4.2.1 Fase exploratória: portais de busca

Os primeiros passos da pesquisa caracterizaram a etapa exploratória descritiva baseada no método da Cientometria, cujo propósito é a familiarização com o objeto de estudo, a formação de uma base de dados e apresentação de indicadores gráficos/estatísticos que sejam informativos sobre as produções mapeadas. Neste contexto, as bibliotecas digitais BDTD e o Catálogo de teses & dissertações da CAPES foram as ferramentas selecionadas para o levantamento das produções, dada a possibilidade de recuperá-las integralmente.

Um dos fatores que motivaram a escolha destes repositórios de busca, advém da constatação de que houve grande empenho para que fossem construídos num momento em que havia urgência em atender algumas demandas do campo científico, dentre elas, suprir “às necessidades de fortalecimento da comunicação científica” e oferecer “possibilidades para difusão e ampliação do conhecimento”⁶⁵.

A título de exemplos, é possível citar a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁶⁶, que reúne os textos completos já defendidos em instituições de ensino superior do Brasil e permite que tais conteúdos sejam acessados gratuitamente, razão facilitou a utilização deste sítio de pesquisa; bem como o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁶⁷, que é responsável

⁶⁵ Disponível em: <http://www.scielo.org/php/index.php> e <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 22 mar. 2019.

⁶⁶ O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) foi o criador da BDTD no final do ano de 2002 e permanece como responsável por manter e desenvolver um “sistema de publicação eletrônica de teses e dissertações para atender àquelas instituições de ensino e pesquisa que não possuíam sistemas automatizados para implantar suas bibliotecas digitais”. Atualmente o portal conta com um acervo de 560.110 documentos de 114 instituições, dos quais 408.274 dissertações e 151.837 teses. Disponível em: <http://bdt.d.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

⁶⁷ O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, anteriormente denominado Banco de Teses e Dissertações, é um “sistema de busca bibliográfica que reúne registros desde 1987 e possui como referência a Portaria nº 13/2006. Ao acessar o catálogo é possível realizar a busca por autor, título e/ou palavra-chave. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/periodicos/3571-como-funciona-o-banco-de-teses>. Acesso em: 22 mar. 2019.

por divulgar, digitalmente, as produções científicas elaboradas através de programas de mestrado e doutorado reconhecidos nacionalmente.

O universo alcançado, considerando-se os critérios de inclusão e exclusão, contabilizou um total de vinte (20) produções, das quais duas (2) comporão apenas os resultados cientométricos, a julgar pelo formato em que se encontram e a ausência de um capítulo ou discussão densa sobre gênero. Finalmente, foram designadas as seguintes categorias: **I) Papéis Sexuais; II) Identidade(s); III) Mulheres; IV) Sexualidade; V) Estereótipos.**

A leitura integral dos textos selecionados, considerando-se principalmente a frequência com que certas palavras apareciam, as referências feitas [pelos/os mestras/es ou doutoras/es] a determinadas/os autoras/es e/ou correntes teóricas nos capítulos em que se dedicaram à escrita sobre gênero, bem como os objetos e problemas de pesquisa apresentados, contribuíram para escolha destas categorias temáticas.

4.2.2 OficialDatabase_Gênero&EducaçãoFísica (2019): o Access como ferramenta para gerenciamento, armazenamento e proteção das pesquisas sobre Gênero

Na época atual, em razão dos avanços tecnológicos, o controle dos dados de uma pesquisa é viabilizado graças ao uso do computador e dos programas elaborados e disponibilizados, sob a forma de pacotes, para que uma série de objetivos sejam cumpridos. A máquina, previamente estruturada através de uma linguagem específica, funciona subordinando-se aos programas e, principalmente, às pessoas que trabalham com eles, assim, todos os erros diagnosticados serão exclusivamente humanos (GATTI, 1987).

Como dispositivo, o computador torna-se extremamente eficaz nas mãos das/os pesquisadoras/es, pois, com o auxílio de determinados softwares, é capaz de simplificar a mensuração de dados previamente mapeados, além de possibilitar que determinadas informações estejam acessíveis, seguras e/ou sejam amplamente disseminadas. Apesar da necessidade de transformação dos dados para uma linguagem passível de ser decodificada, tem-se à mão uma ferramenta imprescindível para contribuição com o aperfeiçoamento dos estudos conduzidos por determinado campo do conhecimento científico (GATTI, 1987).

Nesta perspectiva, a elaboração de um banco de dados para o armazenamento das informações, referentes às obras de mestrado e doutorado que serão analisadas, constitui uma etapa determinante desta pesquisa, dada a viabilidade em registrar e organizar dados, anexar

arquivos completos, imagens, hiperlinks ou textos e facilitar a localização do que se pretenda extrair de cada produção ou conjunto de produções por meio das consultas.

O Microsoft Access, incluso no pacote Office, será o sistema usado para gerenciar os dados da pesquisa, possibilitando ainda que eles estejam protegidos e sejam explorados ao máximo, inclusive via Web. Por possuir uma função relacional o software permite que haja conexões entre as tabelas criadas, fato que culmina na otimização de determinadas funções, tais como a atualização, a consulta, a criação de formulários para pronta inserção de novos dados, o cruzamento das informações registradas nas tabelas e a emissão de relatórios que revelam algumas tendências das produções (NSI TRAINING TECNOLOGIA, 2010, p.5).

A apostila para o treinamento em Microsoft Access (2010, p.5) descreve ainda que uma das grandes vantagens do programa é a “sua facilidade de manuseio”, entretanto, é importante “compreender a natureza dos dados e seus relacionamentos para automatizá-lo corretamente”, o que implicará no “aproveitamento de todas as funções”. Um exemplo, é que ao incluir as palavras-chaves adequadas (código / chave primária) simplifica-se o acesso e torna-se possível a união entre duas ou mais tabelas, permitindo, assim, que o próprio programa crie relatórios contendo apenas elucidações derivadas das relações que forem necessárias estabelecer.

A título de demonstração do uso do programa nesta pesquisa, apresento os relatórios de algumas das tabelas criadas (APÊNDICE A, B e C): “rptPesquisadorxs”, “rptMetodo”, “rptProducao”, bem como o formulário, “frmPesquisadorxs”, para a inserção de novas teses e dissertações no banco de dados (APÊNDICE D).

4.2.3 Fluxograma

O fluxograma (Figura 1), terá a finalidade de demonstrar as etapas percorridas até chegar à seleção do *corpus* que será analisado. O esquema apresentado a seguir exemplifica o passo a passo do mapeamento até chegar às produções que foram efetivamente incorporadas à base de dados e às que serão qualitativamente analisadas.

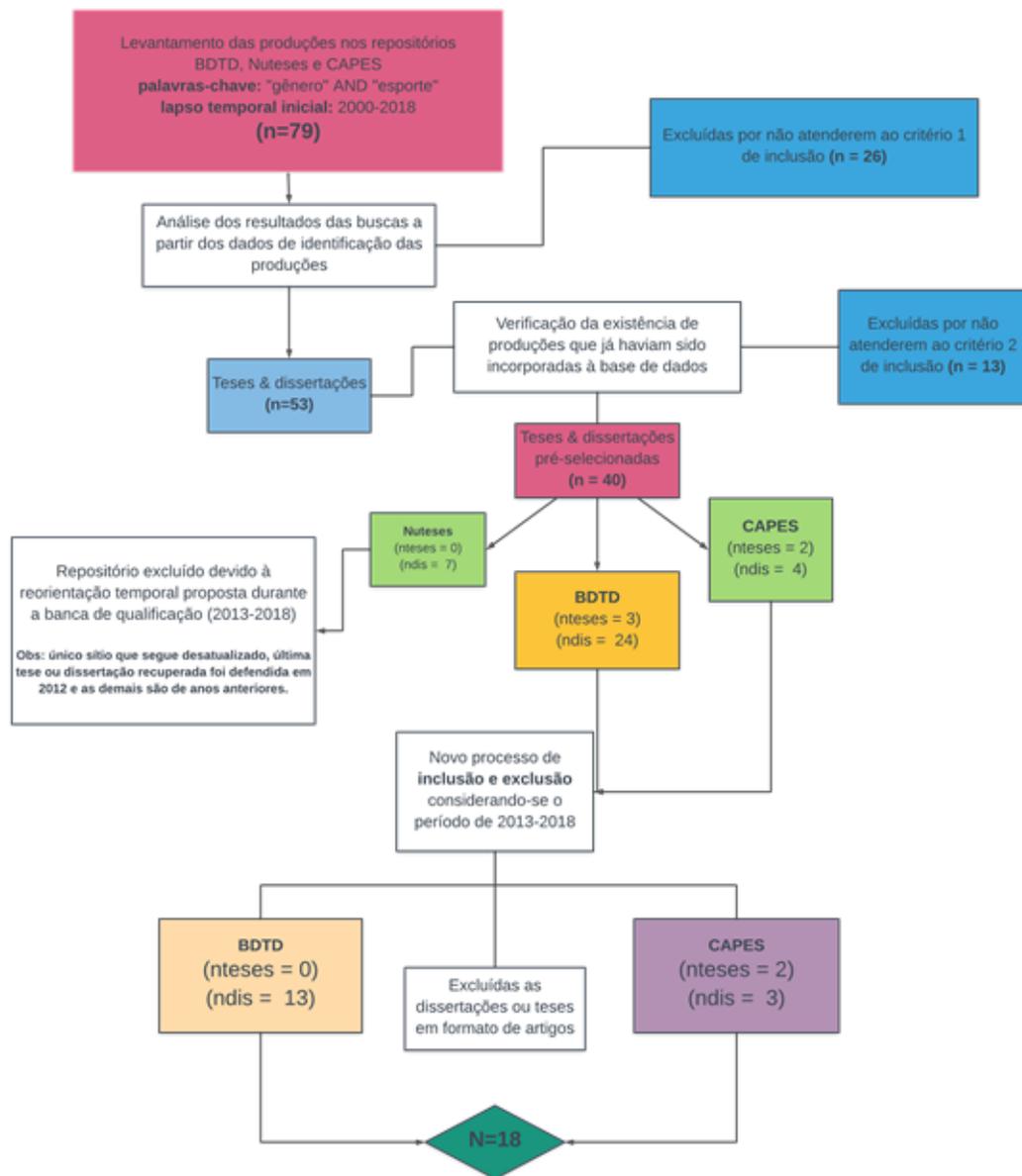


Figura 1. Fluxograma indicando os critérios de inclusão e exclusão das produções. **Critério 1:** Exclusão das produções sobre gênero que não pertencessem ao campo da Educação Física brasileira; **Critério 2:** Exclusão das produções que já haviam sido incorporadas à base de dados. **Fonte:** elaborado pela autora.

4.2.4 Software de análise textual: IRAMUTEQ

A disponibilidade de um grande número de documentos para a realização de uma pesquisa é um dos grandes desafios enfrentados por pesquisadoras/es que optam por fazer estudos de revisão da literatura. Tendo em vista a necessidade de nos mantermos “informadas/os das ideias emergentes, das argumentações e conceitos teóricos” (KELLE, 2002,

p.395), e de posteriormente apresentar fundamentos significativos sobre os fenômenos analisados, é como montarmos um quebra-cabeça. Neste sentido, a utilização de um software — IRAMUTEQ — que é capaz de “reduzir as dificuldades de lidar com grande volume de produções” e que garante que seja feita a seleção de informações que se adequem ao tema da pesquisa proporcionando foco, implica em um auxílio significativo dada a fastidiosa, e majoritariamente solitária, jornada empreendida.

Brígido Vizeu Camargo e Ana Maria Justo (2013, p.515) descrevem o IRAMUTEQ como sendo “um software gratuito e desenvolvido sob a lógica *open source* (código aberto) licenciado por GNU⁶⁸ GPL (*General Public License*) que se ancora no ambiente estatístico do software R⁶⁹ e na linguagem *python*⁷⁰”.

O programa informático em questão tem a finalidade de oportunizar diferentes tipos de análise de material verbal transcrito, sendo capaz de calcular a frequência de palavras, classificá-las hierarquicamente, distribuir o vocabulário de forma que seja possível compreender a aproximação entre palavras (análise de similitude) e agrupá-las, a fim de que seja possível visualizá-las em função de sua frequência (nuvem de palavras), o que torna rápida a identificação das palavras-chave no texto e, ainda que simples, graficamente interessante (CAMARGO e JUSTO, 2013).

O IRAMUTEQ foi desenvolvido por Pierre Ratinaud em 2012, sendo inicialmente configurado em língua francesa. Brígido Camargo e Ana Maria Justo (2012, p. 517) destacam que o programa possui “interface simples e facilmente compreensível”, o que viabiliza a evolução das análises qualitativas por parte das/os pesquisadoras/es, “inclusive em grandes volumes de textos”, apresentando ainda “rigor estatístico” no tratamento das informações submetidas a análise.

⁶⁸ “O sistema operacional GNU foi um projeto lançado em 1989 por Richard Matthew Stallman e que é atualmente mantido pela *Free Software Foundation* (FSF). O objetivo do projeto era criar um sistema operacional totalmente baseado em software livre”. Disponível em: <https://www.gnu.org/licenses/identify-licenses-clearly-pt-br.html>. Acesso em: 23 mar. 2019.

⁶⁹ É um *software* livre para a análise de dados estatísticos. Disponível em: <http://www.abgconsultoria.com.br/blog/uma-breve-introducao-ao-software-r/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

⁷⁰ “É uma linguagem de programação criada por Guido van Rossum em 1991. Os objetivos do projeto da linguagem eram: produtividade e legibilidade, ou seja, foi criada para produzir um código bom e fácil”. Disponível em: <http://pyscience-brasil.wikidot.com/python:python-oq-e-pq>. Acesso em: 23 mar. 2019.

4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

4.3.1 Análise textual com auxílio de programa informático

Em pesquisas qualitativas os instrumentos de gerenciamento eletrônico dos dados são de grande valia, mas nem sempre foram aceitos ou vistos como soluções para evitar a sobrecarga desencadeada pelas quantidades enormes de informações, documentos, anotações, diários de campo, tornando-se para muitas/os pesquisadoras/es ferramentas dispensáveis, que em nada contribuiriam para o avançar das investigações. As décadas de 1960 e 1970 exemplificam bem essa relutância (KELLE, 2002).

Udo Kelle (2002, p.393-396) destaca que esta ideia rígida em relação ao emprego do computador foi alterada quando “ele passou a ser comercializado para uso pessoal” e quando perceberam que os sistemas não desempenhavam por si só a análise qualitativa que, ainda assim, dependeriam de interpretação e reflexões mais aprofundadas por parte de quem os investigavam. À vista disso, “os pesquisadores qualitativos com avançado conhecimento e experiência em computação começaram, independentemente um do outro, a desenvolver *softwares* que poderiam auxiliar na análise de dados” e o que alcançaram possibilitou uma redução das tarefas organizacionais que, a depender da pesquisa, poderiam ser gigantescas, como esclarece o autor:

O emprego dos computadores na pesquisa qualitativa não pode ser visto como um método único, que poder ser seguido passo a passo: ele compreende uma variedade de diferentes técnicas — tanto simples, como muito complexas [...] os pacotes de software são instrumentos para mecanizar tarefas de organização e arquivamento de textos, e se constituem em um software para tratamento e/ou arquivamento, mas não são instrumentos para a análise dos dados [...] o auxílio do computador refere-se a análise interpretativa de dados textuais onde o software é usado para a organização e/ou tratamento dos dados (KELLE, 2002).

Ao criar uma base relacional no ACCESS [contendo um conjunto de dados sobre as teses e dissertações selecionadas], e ao utilizar o *software* IRAMUTEQ [tanto nas análises estatísticas de *corpus* textuais quanto para auxiliar a etapa qualitativa], busco a sistematização desta pesquisa, a fim de que ela resulte em um gerenciamento mais seguro e num tratamento mais preciso das informações levantadas sobre gênero no contexto da Educação Física, permitindo ainda a apresentação de resultados quantitativos e qualitativos mais fidedignos.

Um dos principais métodos de análise textual conduzidos pelo IRAMUTEQ é a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), descrita anteriormente pelo desenvolvedor do

software ALCESTE [Reinert (1990; 2009)], que consiste em identificar, estatisticamente, os assuntos tratados nos textos (contexto), possibilitar a interpretação lexical e a identificação do vocabulário característico das/os autoras/es (classes de palavras), permitindo ainda a visualização da quantidade de vezes que uma palavra foi empregada no texto, bem como a interconexão entre elas (separação e especificidade de palavras). Por fim, a CHD também é capaz de apresentar as diferenças de opiniões e vocabulários quando os textos são submetidos a análise (diferença entre autoras/es) (CAMARGO e JUSTO, 2013).

O *software* IRAMUTEQ é habilitado a gerar gráficos que facilitam à análise das palavras ao evidenciar, visualmente, o contexto em que elas se inserem. Segundo Camargo e Justo (2013) este é um programa informático que:

[...] viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica (cálculo de frequência das palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica dependente, análises de similitude). Ele organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Portanto, buscarei que o uso do programa não substitua o meu papel enquanto pesquisadora e, pois não pretendo veicular apenas descrições mecânicas e levianas das informações textuais levantadas [ainda que seja possível incorrer neste erro dada a complexidade da ferramenta]. Os resultados apresentados pelo *software*, bem como os textos selecionados, serão interpretados em razão das contribuições e repercussões que esta tarefa poderá gerar no contexto científico. Um exemplo é a possibilidade de determinar os termos mais apresentados nas teses e/ou dissertações, investigando, assim, as suas relações com as categorias temáticas em que as produções forem subdivididas.

Como as análises serão aplicadas a um conjunto de material textual específico, **cada capítulo sobre gênero**, da tese e/ou dissertação, será separado e posteriormente submetido as análises do *software* que o considerará como um texto. A priori, foram estruturados *corpus* monotemáticos com base nas 5 categorias temáticas descritas anteriormente. Para serem lidas pelo IRAMUTEQ, as produções tiveram que ser separadas por “linhas de comando” correspondendo a categoria temática [em inglês] a qual o texto pertence; ao tipo de produção, sendo o nº 1 = dissertação e nº 2 = tese; e ao sexo das/os pesquisadoras/es, sendo o nº 1 = mulher e nº 2 = homem, como exemplo a identificação a seguir: **** *Women_6 *Text_1 *Sex_1. De acordo com Brígido Camargo (2005), é a única reconhecida pelo programa.

No tutorial para o uso do *software* de análise textual IRAMUTEQ, Brígido Camargo e Ana Maria Justo (2013, p.4-5) descrevem que além da CHD, outras análises são proporcionadas, como:

I) Análises lexográficas clássicas – identifica e reformata as unidades de texto; identifica a quantidade de palavras, frequência média e *hápax* (palavras com frequência um), dentre outras funcionalidades; II) Especificidades – Associa textos com variáveis (palavras), ou seja, possibilita a análise da produção textual em função das variáveis de caracterização. É possível visualizar um modelo de análise de contrastes das modalidades (formas ativas) das variáveis e também em plano fatorial (demonstrando a proximidade das palavras dentro do texto); III) Análise de similitude – possibilita identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexividade entre elas, auxiliando na identificação da estrutura da representação; IV) Nuvem de palavras – Agrupa as palavras e as organiza graficamente em função da sua frequência. É uma análise lexical mais simples, porém graficamente interessante (CAMARGO; JUSTO, 2013)

O dendograma é resultado da Classificação Hierárquica Descendente e demonstra as divisões realizadas no *corpus* textual até que sejam atingidas as classes finais, que se agrupam vocabulários e estabilizam à medida em que são identificados contextos semelhantes. A “árvore de coocorrência”, construída a partir da análise de similitude, permite que sejam visualizadas as palavras mais frequentes e a conexão entre elas, sendo graficamente tão interessante quanto uma nuvem de palavras (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Todos os resultados gerados pelo software podem ser salvos, como forma de relatórios (no Excel) e como imagens, em uma pasta automaticamente criada. Assim, os documentos estarão acessíveis, em qualquer leitor de texto ou imagem, instalados no computador, para que sejam explorados em profundidade por meio da etapa qualitativa desta pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pesquisadoras/es	Tema	Linha de comando no IRAMUTEQ
Michele MATTOS	Aulas mistas na EF: tensões e contradições	Sem linha de comando
Aline GOMES	Discursos e experiências pedagógicas de gênero no programa 2º tempo	**** *Papers_2 *Text_1 *Sex_1
Erik PEREIRA	Relações de gênero na mídia esportiva	Sem linha de comando
Tayane RIHAN	A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil: o que noticiam sobre elas?	**** *Gender_4 *Text_1 *Sex_1
Luiza ANJOS	Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na internet	**** *Sexuality_5 *Text_1 *Sex_1
Vera FERNANDES	Mulheres de ouro: trajetórias e representações de atletas de lutas	**** *Women_6 *Text_1 *Sex_1
Carla GRESPAN	Mulheres no octógono: performatividade de corpos e sexualidades	**** *Women_7 *Text_1 *Sex_1
Marcelo TAVARES	Mulheres em manchete: a potência da geração de voleibol dos anos de 1980	**** *Women_8 *Text_1 *Sex_2
Pamela JORAS	Futebol de mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrini	**** *Women_9 *Text_1 *Sex_1
Igor MONTEIRO	Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional	**** *Women_10 *Text_1 *Sex_2
Claudia MINA	<i>Macho varón sin Pepa</i> : a prática dos futebóis na história de vida de atletas da equipe de futsal da UFRGS	**** *Women_11 *Text_1 *Sex_1
Isabela BERTÉ	Mulheres no universo cultural do boxe: as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no pugilismo	**** *Women_12 *Text_1 *Sex_1
Julia AMATO	Kairós: o momento da partida na história de vida de mulheres olímpicas brasileiras	**** *Women_13 *Text_1 *Sex_1
Thiago MEDEIROS	Traços de personalidade em jogadores de futebol	**** *Esqbin_14 *Text_1 *Sex_2
Mariluce VIEIRA	Nível de satisfação com a vida de atletas segundo sexo, perfil psicológico de gênero e status social subjetivo nas modalidades esportivas	**** *Esqbin_15 *Text_1 *Sex_1
Johanna COELHO	Inserção dos meninos no universo cultural da Ginástica Rítmica: pesquisa-ação na federação riograndense de ginástica	**** *Gender_16 *Text_1 *Sex_1
Karine GODOY	Construção de identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras	**** *Gender_17 *Text_2 *Sex_1
Jarlson SILVA	Esporte e heteronormatividade: preconceitos encontrados e enfrentados por homossexuais	**** *Sexuality_18 *Text_1 *Sex_2
Adriana BRUM	Mulheres que lutam: as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade	**** *Women_19 *Text_1 *Sex_1
Leila SALVINI	A luta como ofício do corpo: entre a delimitação do subcampo e a construção de um habitus do MMA em mulheres lutadoras	**** *Women_20 *Text_2 *Sex_1

Tabela 1 Demonstrativo das/os pesquisadoras/es, temas e identificação das teses ou dissertações a partir das linhas de comando

5.1 CIENTOMETRIA: MENSURAÇÃO DO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA (2013-2018)

O *corpus* de teses e dissertações a serem analisadas na etapa cientométrica englobará também a tese de *Erik Pereira* e a dissertação de *Michele Mattos* cujos formatos se enquadraram num modelo denominado de escandinavo que, apesar de conter os elementos preliminares da forma monográfica (tradicional), consiste em uma coletânea de artigos sobre o tema proposto. Este tipo exige que a pesquisa seja desenvolvida de modo a apresentar conexões claras e características de complementariedade entre partes, sendo imprescindível a elaboração de dois ou mais artigos científicos (INSTRUÇÃO NORMATIVA..., 2017). Nestes termos, ambas produções não figurarão entre as que serão submetidas a análise textual por meio do *software* IRAMUTEQ, devido à dificuldade em categorizá-las numa única temática para que, teoricamente, o *corpus* textual atinja a homogeneização e possa ser tratado sem que haja erros.

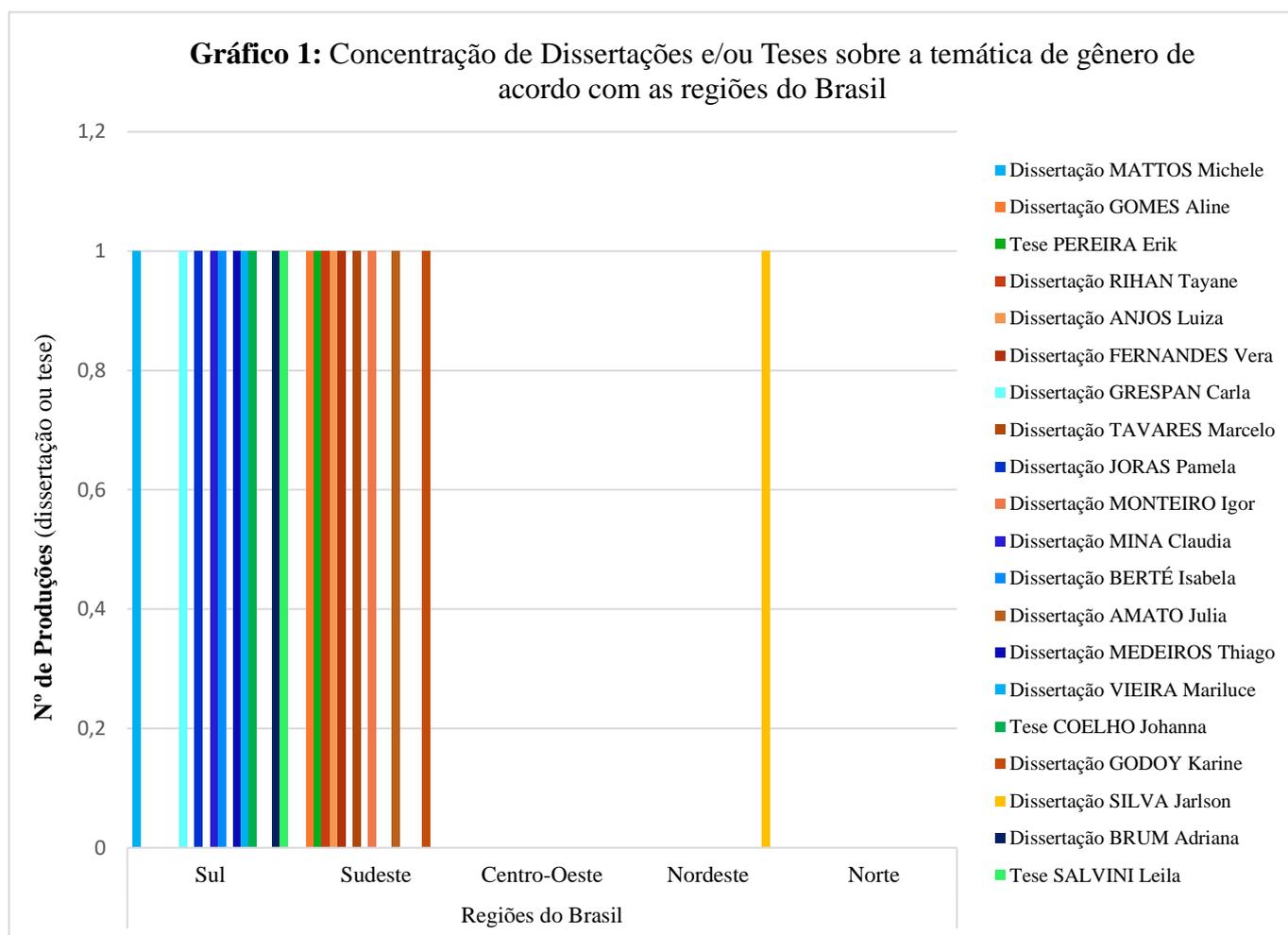
As categorias temáticas foram definidas a partir da leitura integral das teses e/ou dissertações selecionadas. Estabeleci como critério focalizar os capítulos e trechos textuais que apresentassem maior densidade e aprofundamento nas discussões sobre gênero. Nesta perspectiva, optei por destacar em cada texto as “variáveis teoricamente relevantes” para que posteriormente pudesse agrupá-los “de acordo com as características que os tornavam similares, minimizando a variância dentro de um grupo e maximizando a variância entre grupos” (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016), e enfim foram elaboradas as seguintes categorias: «papéis sexuais», «identidade», «sexualidade», «mulheres», «estereótipos», «formato artigos».

Sobre as pesquisas de *Thiago Medeiros* e *Mariluce Vieira*, que se adequaram à temática «estereótipos» e cuja linha de comando inicia com a identificação **** ***Esqbin**, há algo bastante curioso, pois além da tendência em naturalizar as identidades feminina e masculina, destacando-as mediante perfis psicológicos de gênero bastante conservadores, pertencem a subárea da biodinâmica e em uma das dissertações há a tentativa incipiente e amadora de diálogo com a produção sobre gênero nas Ciências Sociais e Humanas.

A seguir serão apresentados os gráficos que contribuirão para pôr à vista alguns dos perfis das pesquisas e percursos adotados pelas/os pesquisadoras/es para darem conta da complexidade de seus objetos.

5.1.1 Tendência das teses e dissertações de acordo com as regiões e/ou estados brasileiros

Os primeiros dados a serem apresentados correspondem ao propósito de identificar as áreas de concentração das dissertações e/ou teses sobre gênero produzidas no contexto da Educação Física no período de 2013-2018. O mapeamento das regiões brasileiras, retratado no Gráfico 1 (abaixo), indica a preponderância de Sul e Sudeste em relação às outras localidades do país, bem como a superioridade de dissertações no que se refere a tipologia das pesquisas.



Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre as 20 produções mapeadas, 10 foram defendidas na região Sul, das quais: 8 dissertações e 2 teses; 9 na região Sudeste, das quais: 8 dissertações e 1 tese; e por fim, 1 dissertação na região Nordeste. Segundo Otávio Sidone et al. (2016, p.17) “a configuração espacial da atividade científica é distribuída de maneira bastante desigual, tanto entre países

como internamente aos territórios nacionais, sendo que no Brasil o padrão regional da distribuição das publicações e dos pesquisadores é altamente concentrado no Sudeste, com destaque às capitais dos estados”. Entretanto, conforme os próprios autores apontam, os esforços cooperativos entre pesquisadoras/es dentro de um país, são fatores que impactam positivamente no aumento e na descentralização das produções, mas, logicamente, sem que desconsideremos a distribuição dos incentivos e auxílios financeiros que chegam a determinadas regiões, universidades e/ou grupos de pesquisa, etc.

Cabe frisar ainda que algumas produções do Centro-Oeste não puderam ser recuperadas por não constarem nos repositórios escolhidos, bem como pela desatualização do acervo do PPGEF/UnB⁷¹ na altura em que as primeiras sondagens foram realizadas, ou pelo fato das pesquisas pertencerem a outras áreas do conhecimento [mesmo que empreendidas por pesquisadoras/es⁷² formados em Educação Física]. Na região nordeste, que encontra representação em meio a hegemonia sudestina-sulista, temos a dissertação de *Jarlson Silva*, **Esporte e heteronormatividade: preconceitos encontrados/enfrentados por homossexuais**.

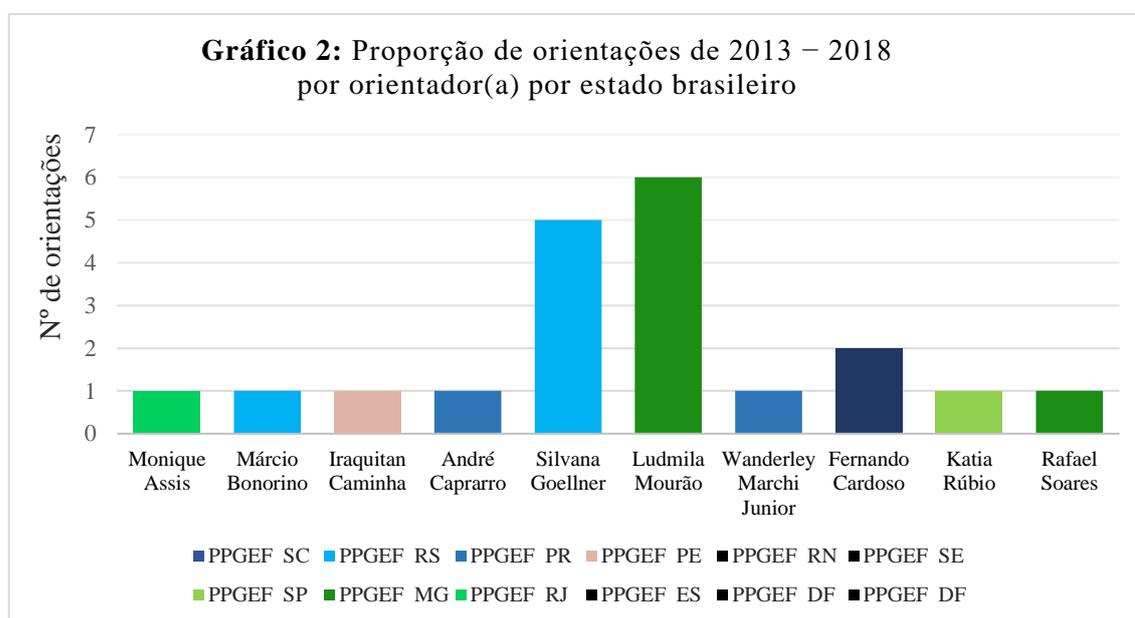
O desenvolvimento e, conseqüentemente, a apreensão de determinado conhecimento é capaz de nos orientar no sentido de buscar soluções para problemas, desde os “mais simples”, relacionados, por exemplo, às assimetrias de gênero percebidas nas aulas de Educação Física escolar, até questões mais dramáticas, como a conservação das violências contra mulheres e/ou homens que, por acumularem marcadores sociais de diferenças, encontram-se alijadas/os de qualquer possibilidade de emancipação que poderia ser iniciada através (mas não só) da educação ou de uma prática esportiva. Neste sentido, a interação entre pesquisadoras/es, e pesquisadoras/es e sociedade, bem como a disseminação e motivação para enfrentarmos certos temas, fazendo-nos ser compreendidas/os, podem potencializar nossos meios de enfrentamento de realidades sociais e educacionais tão discrepantes como as que vivenciamos e tendemos a descrever recorrentemente em nossas pesquisas. Ademais, ressalto que a estruturação do GTT

⁷¹ Duas teses foram recentemente defendidas no PPGEF/UnB por meus colegas e membros do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (NECON), sob a orientação da Profa. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida. A primeira: *A corporeidade no ciberespaço: estilo de vida, dor, sacrifício e feminilidades das mulheres na cultura do músculo*, por **Valleria Araújo de Oliveira** (2018); e *A repercussão da inclusão de pessoas transexuais no esporte: o discurso nas redes sociais sobre o caso da jogadora Tiffany*, por **Thiago Camargo Iwamoto** (2019).

⁷² Como nos casos das dissertações de **Valleria Araújo de Oliveira**, *Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (Des) construindo o que é ser mulher no campo de futebol* (2014); **Adriano Martins Rodrigues dos Passos**, *Performances e performatividade: negociações de gênero e sexualidade em aulas de Educação Física* (2014); **Kelly Cristiny Martins Evangelista**, *As relações de gênero na educação do corpo* (2018); defendidas em Programas de Pós-graduação das Ciências Sociais, Antropologia ou Educação da Universidade Federal de Goiás.

Gênero no CBCE e com isso a oportunidade de nos fortalecermos, epistemologicamente, é crucial para que almejemos encontrar soluções mais amplas em meio a tantos desafios.

À exemplo da viabilidade destas colaborações, apresento o gráfico 2 que indica a proporção de orientações sobre a temática gênero tendo em vista quem são as/os orientadoras/es e a quais estados brasileiros pertencem. Aparentemente Ludmila Mourão e Silvana Goellner além de representarem os maiores números, compartilham de referenciais teórico-metodológicos e participam — de modo concomitante — das mesmas bancas, o que não denota uma simples coincidência, mas nos permite supor a ocorrência de intenso diálogo e troca de experiências entre ambas, viabilizando a ampliação do conhecimento a respeito desta temática. Um único problema a destacar é que esse tráfego, “via de mão dupla”, mantém-se entre as regiões sul e sudeste, mais precisamente entre o Rio Grande do Sul e Minas Gerais, sinalizando que mais intercâmbios precisam ser feitos e que, para além de citarmos umas/uns às/aos outras/os em nossos trabalhos, é imprescindível que criemos, nacionalmente, ‘laços’ de apoio científico, amplamente dedicados a sistematização, consolidação e, principalmente, complexificação dos conhecimentos acerca de gênero no cenário da Educação Física brasileira.



Fonte: Elaborado pela autora.

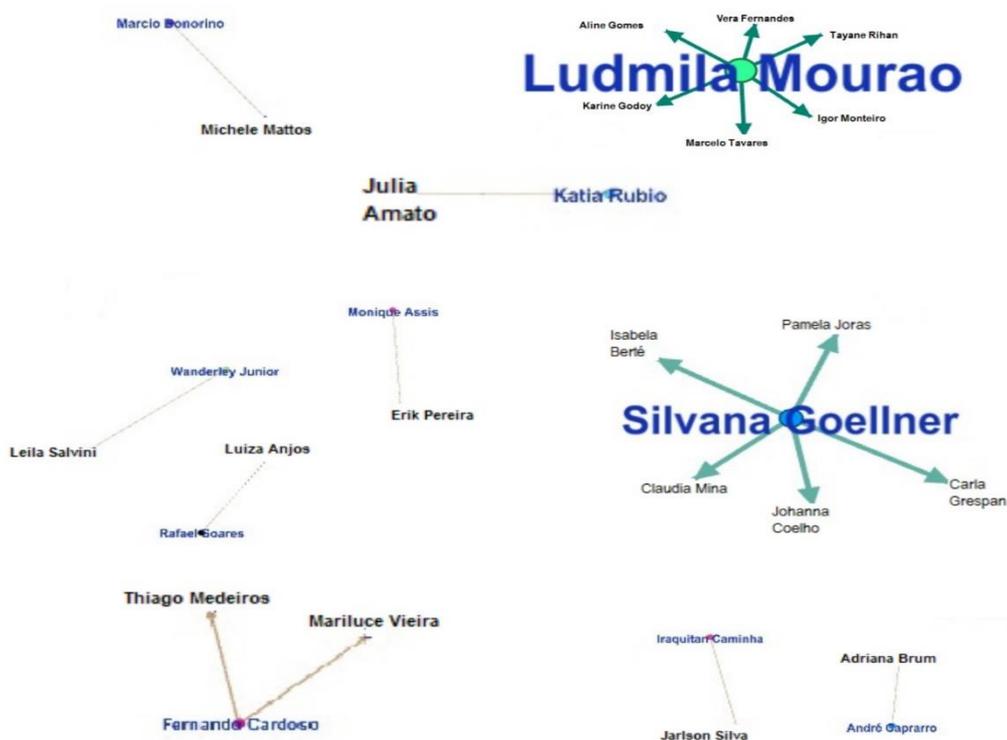
Acima, é possível perceber a distribuição das orientações para cada orientador@. Nestes seis anos, Ludmila Mourão do PPGEF/UFJF-UFV, no estado de Minas Gerais, orientou 7 pós-graduandas/os, seguida por Silvana Goellner do PPGCMH/UFRGS, no estado do Rio Grande do Sul, que no mesmo período orientou 5 pós-graduandas/os. Na sequência temos Fernando

Cardoso do PPGCMH/UDESC, no estado de Santa Catarina, com 2 orientações; Márcio Bonorino do PPGEF/UFPeI, no estado do Rio Grande do Sul, com 1 orientação; André Capraro e Wanderley Marchi Junior do PPGEF/UFPR, no estado do Paraná, ambos com 1 orientação; Monique Assis do PPGCEE/UERJ, no estado do Rio de Janeiro, com 1 orientação; Kátia Rúbio do PPGEF/USP e Rafael Soares do EEEFTO/UFMG, nos estados de São Paulo e Minas Gerais respectivamente, ambos com 1 orientação; e Iraquitan Caminha do PPGEF/UPE-UFPB, no estado de Pernambuco, com 1 orientação.

Os PPGEFs dos Estados do Rio Grande do Norte, Sergipe, Espírito Santo, Distrito Federal [duplicado após um erro de inserção dos dados no *Excel*], Mato Grosso e Goiás, que compõe o título do eixo horizontal do gráfico 2, não dispunham de teses e dissertações na BDTD e no Catálogo CAPES. Entretanto, como novas produções poderão ser associadas à base de dados **OficialDatabase_Gênero&EducaçãoFísica**, a partir do preenchimento do formulário *frmPesquisadorxs*, todos os estados brasileiros com programas em funcionamento foram registrados para que sejam selecionados caso novas/os pesquisadoras/es necessitem.

Logo após será apresentada a relação entre orientadoras/es e suas/seus orientandas/os (Figura 2) para que seja possível visualizar quem foram as/os discentes a desenvolverem pesquisas com as/os professoras/es [pesquisadoras/es] acima citadas/os.

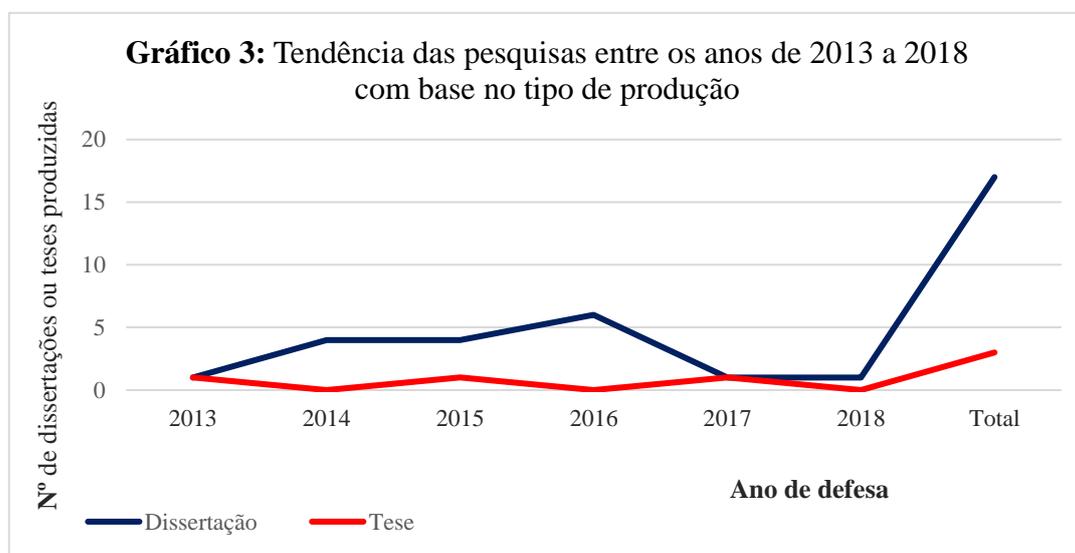
Figura 2: Relação entre orientadoras/es e orientandas/os.



Fonte: Elaborado pela autora.

5.1.2 Tendência das pesquisas com base no tipo de produção e natureza

Quanto ao tipo de produção foi possível observar, desde o Gráfico 1, o predomínio das dissertações em relação às teses. O gráfico abaixo corrobora com essa informação além de possibilitar que visualizemos como ocorreu a distribuição das produções no decorrer do período avaliado. Notem que o ano de 2016 corresponde ao maior número de dissertações defendidas, um total de 6 pesquisas. Na passagem de 2014 para 2015 os números mantiveram-se idênticos, 4 pesquisas em cada ano, totalizando 8 dissertações defendidas no intervalo de um ano.



Fonte: Elaborado pela autora.

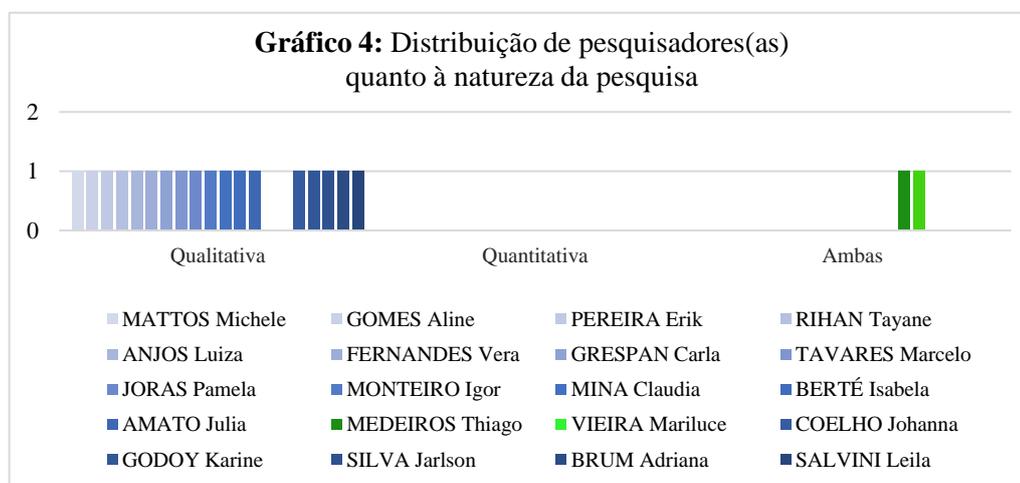
A julgar pelo *corpus* analisado, os anos de 2013, 2017 e 2018 revelaram uma significativa diminuição na quantidade de dissertações defendidas cuja temática envolvesse as questões de gênero, o que possivelmente pode ser um efeito sintomático da ascensão de discursos radicais contra estes estudos. A exemplo disto, o *Proyecto Género y Política en América Latina*, desenvolvido pelo *Observatorio de Sexualidad y Política* (SPW), traçou o percurso de determinados movimentos sociais conservadores até chegar ao momento da intensificação das ofensivas antigênero no contexto da América Latina e dataram a sua efervescência no ano de 2013. Desde o início do século XX, “essas cruzadas” já eram gestadas por atores e instituições católicas como uma “resposta a mudanças muito profundas nos modos de perceber e viver a sexualidade, o gênero e a reprodução”, sendo que o auge da erupção se deu a partir do fim da primeira década do século XXI (G&PAL, 2018)⁷³. Entretanto, caso essa

⁷³ Género y Política en América Latina. Disponível em: <https://sxpolitics.org/GPAL/>. Acesso em: 14 novembro 2019.

seja uma suposição mirabolante, é possível que encontremos as justificativas da descontinuidade destas produções em questões de cunho subjetivo, que se vinculam aos interesses particulares de cada pesquisador@ quanto aos objetos de pesquisa e o próprio ‘campo científico’ da Educação Física.

No caso das teses, os anos de defesa corresponderam respectivamente à 2013, 2015 e 2017, sendo que em cada ano 1 tese foi concluída, o que não representa um valor tão baixo se consideramos a quantidade de Programas de Pós-Graduação em Educação Física que dispõe de doutorado acadêmico ou profissional. A título de curiosidade, Paulo César Soares (2018, p. 290) aponta que, nacionalmente, “o número de programas de doutorado, nas diversas áreas do conhecimento, duplicou entre 2000 e 2010”, em 10 anos o número de doutoras/es formadas/os passou de 4.000 para aproximadamente 15.000 e o de maestr@s saltou de 20.000 para aproximadamente 40.000, sendo que destas/es apenas um terço avançou para o doutorado.

Quanto à natureza das pesquisas analisadas há uma tendência das/os pesquisadoras/es optarem por uma abordagem estritamente qualitativa, uma vez que, apenas as dissertações de *Thiago Medeiros* e *Mariluce Vieira* empregaram abordagem mista (quali e quantitativa). A seguir a representação gráfica:

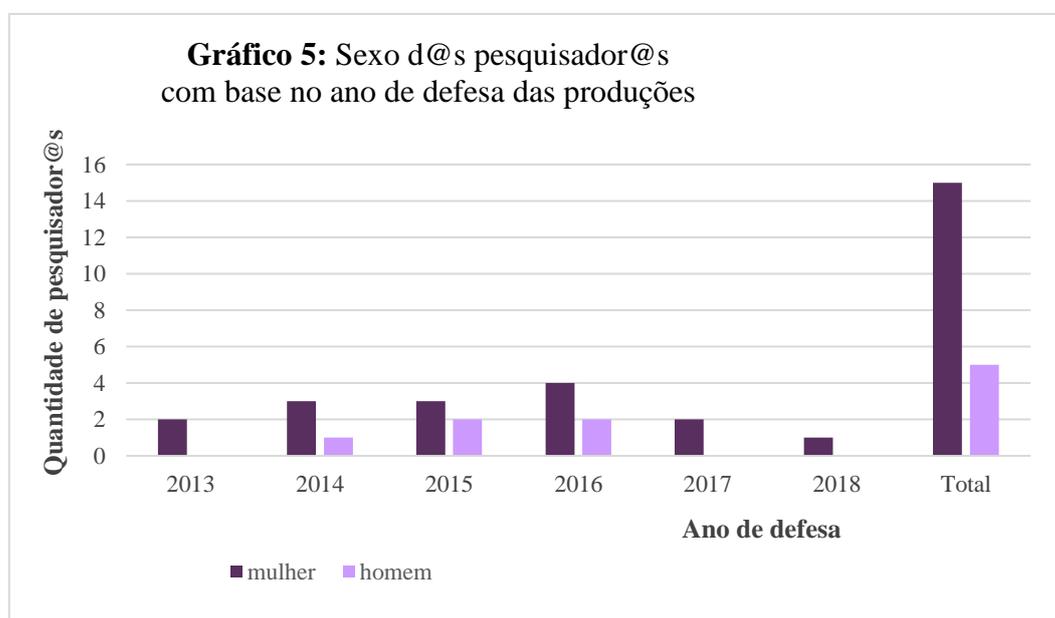


Fonte: Elaborado pela autora.

5.1.3 Tendência das teses e dissertações de acordo com o sexo d@s pesquisador@s, ano de defesa e categorias temáticas

As *Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*, divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2018, apontam que “as

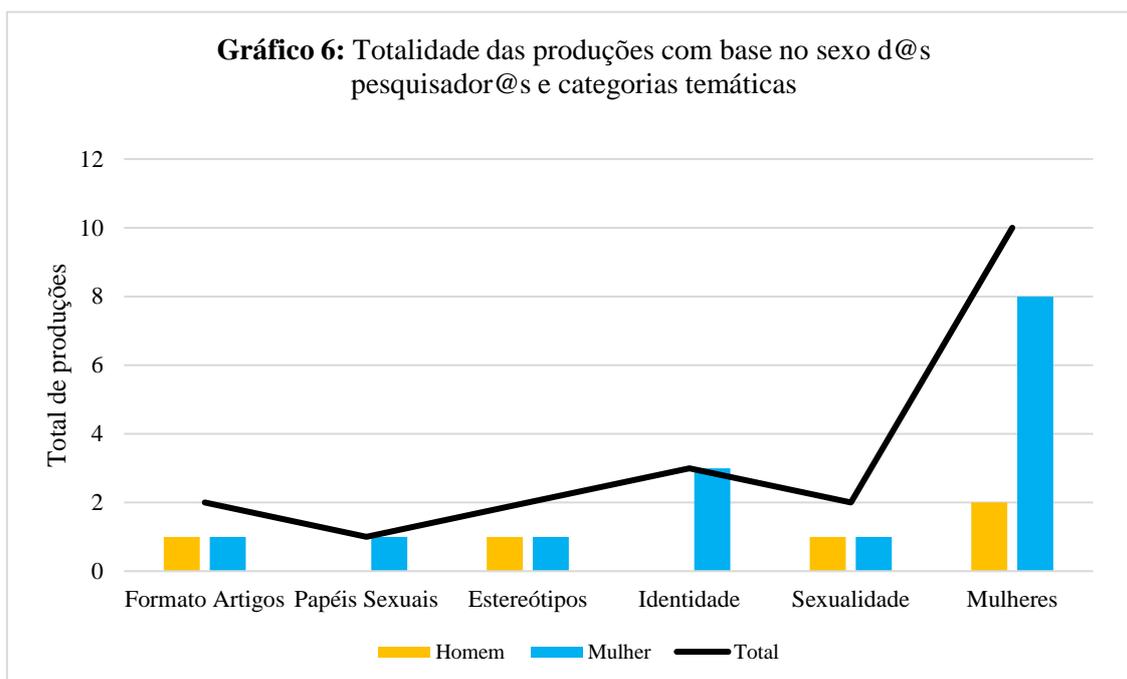
mulheres atingem um nível de qualificação no Ensino Superior que é maior que o dos homens”, entretanto, grandes obstáculos ainda precisam ser superados para que possamos falar em equidade. Segundo consta no documento, “há uma considerável desigualdade entre mulheres brancas e mulheres pretas ou pardas, a qual evidencia que a cor ou a raça é um fator preponderante na desigualdade educacional, mesmo entre as mulheres que mais se beneficiaram da crescente escolarização” (IBGE, 2018). As informações acima coadunam com o gráfico apresentado a seguir, mas, mediante cautela, já que não é possível que afirmemos as cores/raças das/os pesquisadoras/es, bem como as subjetividades que envolvem a escolha pelo objeto de pesquisa. Na análise que segue, a superioridade das mulheres em relação aos homens é notável.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os anos de 2014, 2015 apresentam-se como os períodos em que houve a menor invariabilidade quanto à quantidade de mulheres pesquisando sobre a temática de gênero no contexto dos PPGEF, sendo que, em cada ano, 3 pesquisadoras defenderam suas dissertações ou teses, totalizando 6 produções num período de dois anos. Em 2016 temos 1 produção a mais entre as mulheres. É também em 2014, 2015 e 2016 que os homens figuram entre as pesquisadoras. Especificamente neste *corpus*, o ano de 2018 representa uma das maiores quedas em relação as defesas, pois, até o momento em que realizei o último levantamento, apenas 1 dissertação havia sido incorporada aos repositórios virtuais. Por fim, é possível observar que, no período de seis anos, um total de 15 mulheres e 5 homens encontraram motivações para produzirem conhecimentos sobre gênero.

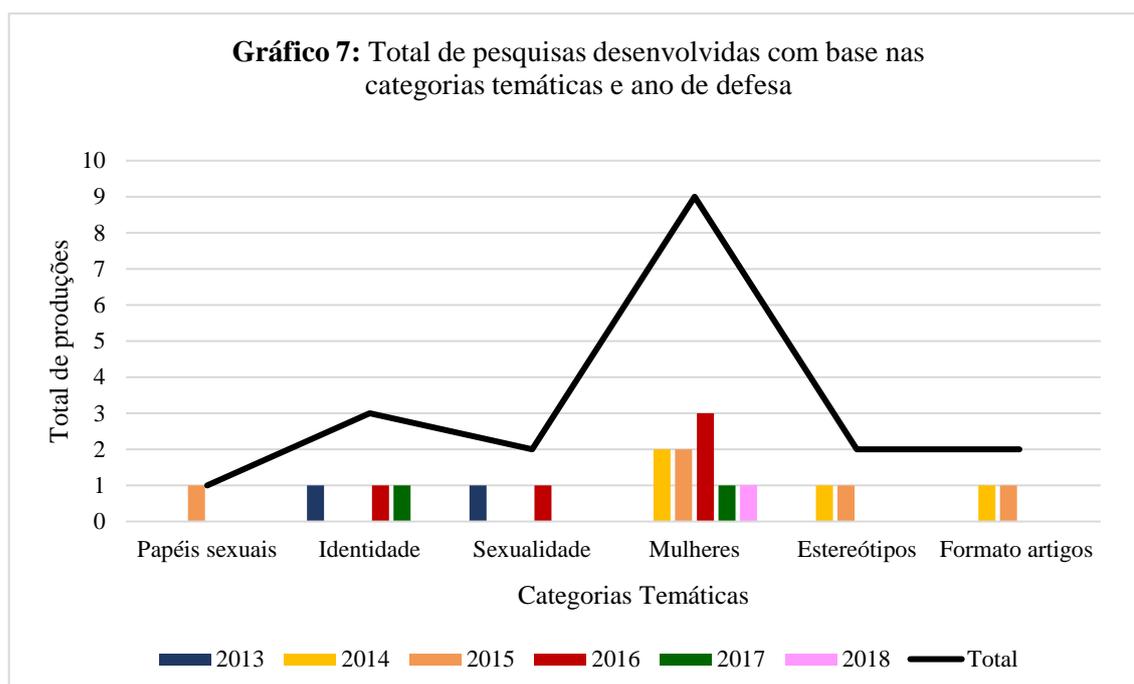
Quanto às categorias temáticas, a tendência foi que mulheres investigassem sobre «mulheres», basta ver que de um total de 20 pesquisas, 8 foram “dedicadas” d’elas para elas, mediante à escrita das histórias de mulheres atletas, ou da apresentação de um processo de construção do *habitus*, e/ou da denúncia de opressões e desigualdades vivenciadas. Em seguida, um gráfico exibindo a disposição das produções agrupando as/os pesquisadoras/es de acordo com as categorias que tornam suas pesquisas semelhantes.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com exceção das teses ou dissertações em formato de artigos, as categorias temáticas em que são verificadas produções desenvolvidas por homens são: «estereótipos», «sexualidade» e «mulheres», cuja predileção é novamente destacada. «Papéis sexuais» e «identidade» figuram entre as categorias pelas quais apenas as mulheres se arriscaram. A linha indicando o total de produções pode ser lida da seguinte forma em relação as mulheres: 1 produção na categoria «formato artigos»; 1 em «papéis sexuais»; 1 em «estereótipos»; 3 em «identidade»; 1 em «sexualidade»; e 8 em «mulheres». Em relação as homens a totalidade compreendeu: 1 produção na categoria «formato artigos»; 1 em «estereótipos»; 1 em «sexualidade»; e 2 em «mulheres».

Quanto à distribuição das categorias temáticas de acordo com o ano de defesa, é possível observar que a linha representando o total de produções apresenta um crescimento nos anos de 2014, 2015, sendo que o pico é em 2016, períodos em que «mulheres» era a categoria em voga.



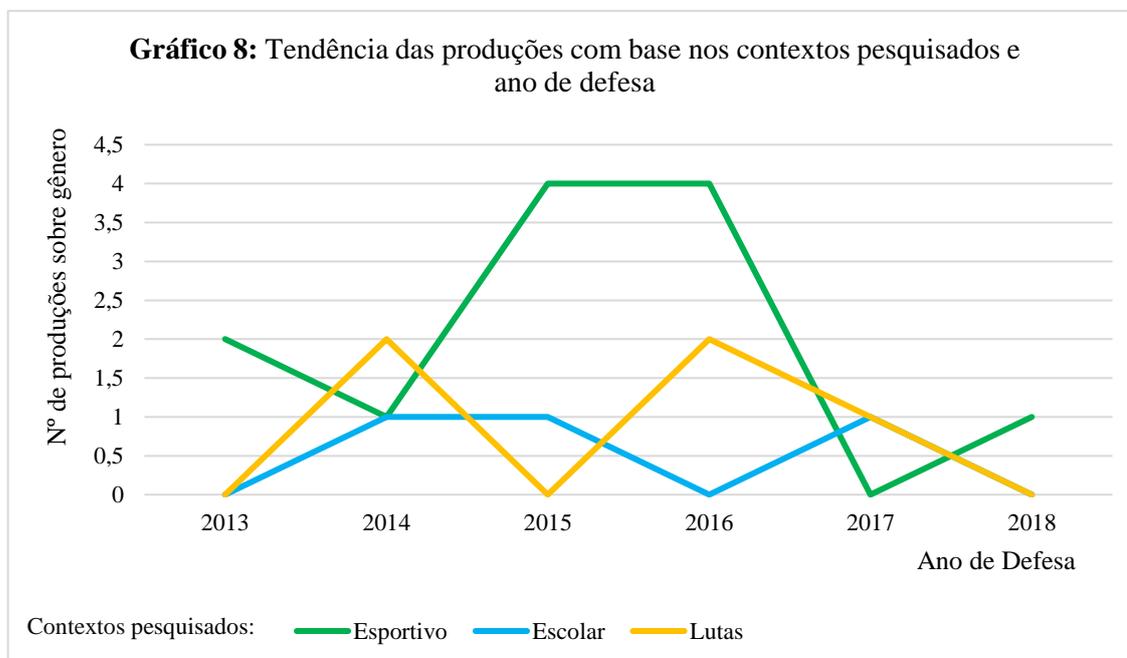
Fonte: Elaborado pela autora.

No contexto esportivo brasileiro estes foram os anos que marcaram a ocorrência de dois megaeventos, a Copa do Mundo FIFA 2014 (disputada por homens) e os Jogos Olímpicos Rio 2016, ambos recepcionados em “nosso” território. A respeito destes eventos, parece oportuno destacar que no quesito desigualdade de gênero, eles batem um bolão, um exemplo, é que além da diferença salarial astronômica existente entre atletas mulheres e homens, a FIFA direciona à Copa do Mundo disputada por mulheres quase dez vezes menos do que o prêmio final oferecido a seus pares. Lamentavelmente, os baixos salários não estão restritos ao universo esportivo, segundo o Fórum Econômico Mundial (2018), “as mulheres recebem em média 32% menos que os homens para desempenhar a mesma função” e está situação se agrava mais ainda em períodos de recessão, quando as mulheres, principalmente pretas/afro-brasileiras, e os homens pretos são as/os primeiras a perderem os empregos, pontua a professora Márcia Lima (2019), do departamento de Sociologia da USP, em entrevista⁷⁴ ao jornal Estadão.

5.1.4 Tendência das teses e dissertações considerando-se os contextos pesquisados, o ano de defesa e a ênfase das investigações

⁷⁴ Matéria: *Desigualdade salarial cresce no Brasil e mulheres são as primeiras a sentir impacto da crise*. Disponível em: <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/mulheres-sao-as-primeiras-a-sentir-impacto-da-crise-enquanto-desigualdade-salarial-cresce-no-brasil>. Acesso em: 14 novembro 2019.

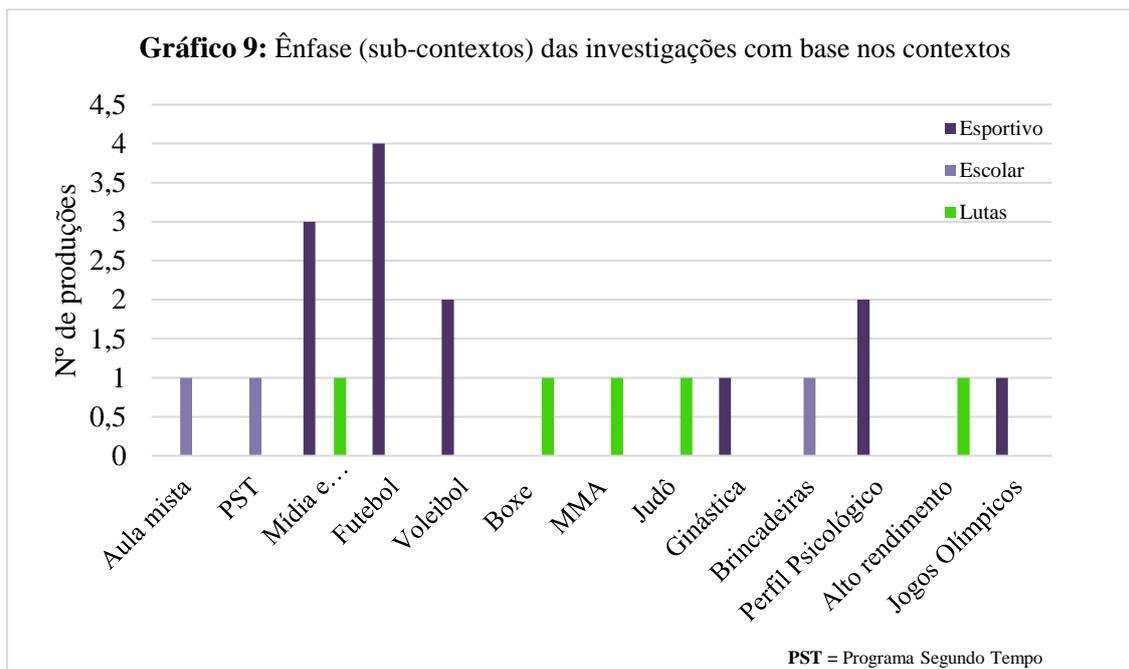
Considerando-se as teses e dissertações analisadas, as dividi em três grupos distintos — esportivo, escolar e lutas [práticas corporais] — tendo por base os contextos em que as pesquisas foram desenvolvidas. Assim, no gráfico a seguir é possível observar as tendências seguidas pelas/os pesquisadoras/es no período entre os anos 2013 a 2018.



Fonte: Elaborado pela autora.

É interessante observar que apesar do contexto esportivo se destacar em relação aos demais, no ano de 2014 as lutas representaram um “cenário” em evidência. Neste caso, é possível que em 2012, dois anos antes, os objetos já estivessem a ser delineados, a julgar pela “importância que a mídia esportiva deu para incorporação das mulheres pelo *Ultimate Fighter Championship* (UFC), a partir do anúncio da contratação de *Ronda Rousey*” (GRESPLAN, 2014), e posteriormente, a divulgação e exibição dos combates entre mulheres.

Quanto ao contexto esportivo os ápices das investigações direcionadas a ele se deram nos anos de 2015 e 2016, sendo que em ambas as épocas foram finalizadas 4 pesquisas, totalizando no intervalo de um ano, 8 produções. Já o contexto escolar foi representado por 2 dissertações desenvolvidas entre os anos de 2014 e 2015. Ademais, seguem as especificidades estabelecidas pelas/os pesquisadoras/es (Gráfico 9).



Fonte: Elaborado pela autora.

No contexto esportivo o foco das pesquisas foram principalmente o futebol e a mídia esportiva/webjornalismo, acompanhados de voleibol e perfis psicológicos de atletas, enfatizados em duas produções. No contexto das lutas, houve uma similaridade no tratamento de todas as especificidades destacadas de verde no gráfico 9, porquanto, 2 pesquisadoras dedicaram-se a focar em mais de uma “modalidade”. Entre as pesquisas desenvolvidas no contexto escolar, as ênfases foram em aula (turma) mista; o Programa Segundo Tempo; e nas brincadeiras; ambas pensando os processos pelos quais a educação e as vivências entre meninas e meninos possam ser transformadas a ponto de gerarem igualdade.

5.2 EM SÍNTESE...

A mensuração das teses e dissertações sobre Gênero concebidas por membros da comunidade científica da Educação Física, no último sexênio, não constitui fim em si mesma, e sim uma tentativa de apresentar a dinamicidade do processo de construção e distribuição de conhecimentos (HAYASHI, 2012). Os resultados evidenciados dizem respeito a informações pontuais, mas cabe destacar que existem professoras/pesquisadoras como *Ludmila Mourão* e *Silvana Vilodre Goellner* que se dedicam e conferem maior espaço em suas agendas, orientações e grupos de pesquisa aos temas Gênero e Sexualidade.

A Profa. Dra. Ludmila Mourão é líder do grupo de pesquisa Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS/CNPq) e desenvolve pesquisas sobre Mulheres no Esporte, Gênero nas Atividades Físico-desportivas e Educação Física Escolar, já a Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner é coordenadora do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e Esporte (GRECCO/CNPq) e desenvolve pesquisas sobre os seguintes temas: Corpo, Gênero, História do Corpo e da Educação Física, Futebol e Mulheres. O predomínio de ambas no quadro das orientações (gráfico 2) releva tanto a qualificação e investimento empreendidos ao longo de suas carreiras, quanto a distribuição desigual do volume da produção relativamente às regiões e estados brasileiros, apesar das/os outras/os professora/es–pesquisadoras/es identificadas/os.

Considerando especialmente os sub-contextos (ênfase) das investigações é possível notar a pluralidade de problemas e objetos que impulsionaram os escritos científicos das autoras/es das teses e dissertações, o que denota a diversidade de referências teóricas trabalhadas [que espero que se confirme] em torno e além dos Estudos de Gênero. O Futebol e as Lutas [Boxe, Judô, MMA] figuraram entre as práticas corporais mais registradas relativamente aos contextos (gráfico 8) que as pesquisas abarcaram, sendo que, ao levar em consideração a dimensão cronológica, um número significativo de produções dedicou-se a contextualização destas práticas no cenário Esportivo.

Por fim, ressalto que a tendência produtiva destes últimos seis anos parece ser um reflexo das demandas políticas e sociais que se apresentam no que diz respeito ao Gênero. Apesar das dificuldades e preconceitos que encontramos ao nos debruçarmos sobre determinados temas de pesquisa, é possível afirmar que, cada vez mais, temos avançado, mas necessitamos expandir nossas discussões, torna-las presentes e pertinentes de serem protagonizadas por outras/os pesquisadoras/es em PPGEF de outras regiões e estados brasileiros, a fim de descentralizar essa “supremacia” Sul-Sudeste, e é claro, sem desconsiderar as grandes contribuições das pesquisas desenvolvidas nestas regiões com relação ao ‘campo científico’ da Educação Física.

Embora esta dissertação não se proponha a centrar-se no julgamento da qualidade das produções analisadas e apresente um caráter eminentemente descritivo, reforço que o detalhamento acerca da tendência das pesquisas sobre Gênero “deve ser entendido apenas como um recurso instrumental para o presente estudo” (BRACHT ET AL., 2012), não significando que os conhecimentos elaborados seguem ou pode ser definidos (exclusivamente) pela categorias temáticas que propus, ou pelas informações e dados que apresentei. Ao sistematizar esta pesquisa cogito que ela sirva para situar novos debates e que estimule novas ideias para que não nos mantenhamos presas/os a “estereotípias que exercem um poder simplificador sobre o que pretendemos elucidar” (BRACHT ET AL., 2012).

5.3 IRAMUTEQ E AS ESCRITAS QUANTO AO GÊNERO: UMA ANÁLISE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA (2013-2018)

Este tópico apresentará as análises de um *corpus* resultante de teses e dissertações produzidas por pesquisadoras/es voltadas/os ao estudo das relações gênero no âmbito da Educação Física e das práticas corporais. Logo, a partir do referencial teórico dos Estudos Feministas e Estudos de Gênero, buscarei evidenciar como a lexicometria, com o software IRAMUTEQ, pode ser integrada a uma investigação de fenômenos acadêmico-científicos e da produção do conhecimento sobre esta temática. No que se refere a gênero, será possível que os saberes disseminados a partir destas pesquisas, conservam efetivamente relações de similaridade? Se sim, em que nível? A escolha desta ferramenta é um dos caminhos para começar a responder essas perguntas.

O *corpus* é composto por 18 capítulos escritos por de maestr@s e/ou doutoras/es, divididos em 5 categorias temáticas para que fosse, aparentemente, alcançada a homogeneidade. Inicialmente a análise demonstrará as Estatísticas Textuais de cada conjunto, seguida de uma apreciação da estrutura dos discursos através da Análise de Similitudes e por fim um exame da conformidade dos discursos mediante a Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

5.3.1 Estatísticas textuais

5.3.1.1 Categoria Temática – “Mulheres”

O *corpus* «mulheres» foi constituído por dez textos separados em 772 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 592 STs que correspondem a 78,68%. Foram evidenciadas de 27.507 ocorrências [palavras ou formas gramaticais], das quais 4.277 palavras distintas e 2.464 *hápax* (com uma única ocorrência). O conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes de vocabulários: **classe 1** – com 126 segmentos de texto (21,28%); **classe 2** – com 79 segmentos de texto (13,34%); **classe 3** – com 188 segmentos de texto (31,76%); **classe 4** – com 96 segmentos de texto (16, 22%); **classe 5** – com 103 segmentos de texto (17,4%).

5.3.1.2 Categoria temática – “Identidade”

O *corpus* «identidade» foi constituído por três textos separados em 167 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 109 STs que correspondem a 65,27%⁷⁵. Foram evidenciadas de 5.927 ocorrências [palavras ou formas gramaticais], das quais 1.290 palavras distintas e 761 *hápax* (com uma única ocorrência). O conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes de vocabulários: **classe 1** – com 31 segmentos de texto (28,44%); **classe 2** – com 28 segmentos de texto (25,69%); **classe 3** – com 19 segmentos de texto (17,43%); e, por fim, a **classe 4** – com 31 segmentos de texto (28,44%).

5.3.1.3 Categoria temática – “Sexualidade”

O *corpus* «sexualidade» foi constituído por dois textos separados em 148 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 110 STs que correspondem a 74,32%. Foram evidenciadas de 5.041 ocorrências [palavras ou formas gramaticais], das quais 1.467 palavras distintas e 951 *hápax* (com uma única ocorrência). O conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes de vocabulários: **classe 1** – com 21 segmentos de texto (19,09%); **classe 2** – com 23 segmentos de texto (20,91%); **classe 3** – com 26 segmentos de texto (23,64%); **classe 4** – com 25 segmentos de texto (22,73%); **classe 5** – com 15 segmentos de texto (13,64%).

5.3.1.4 Categoria temática – “Estereótipos”

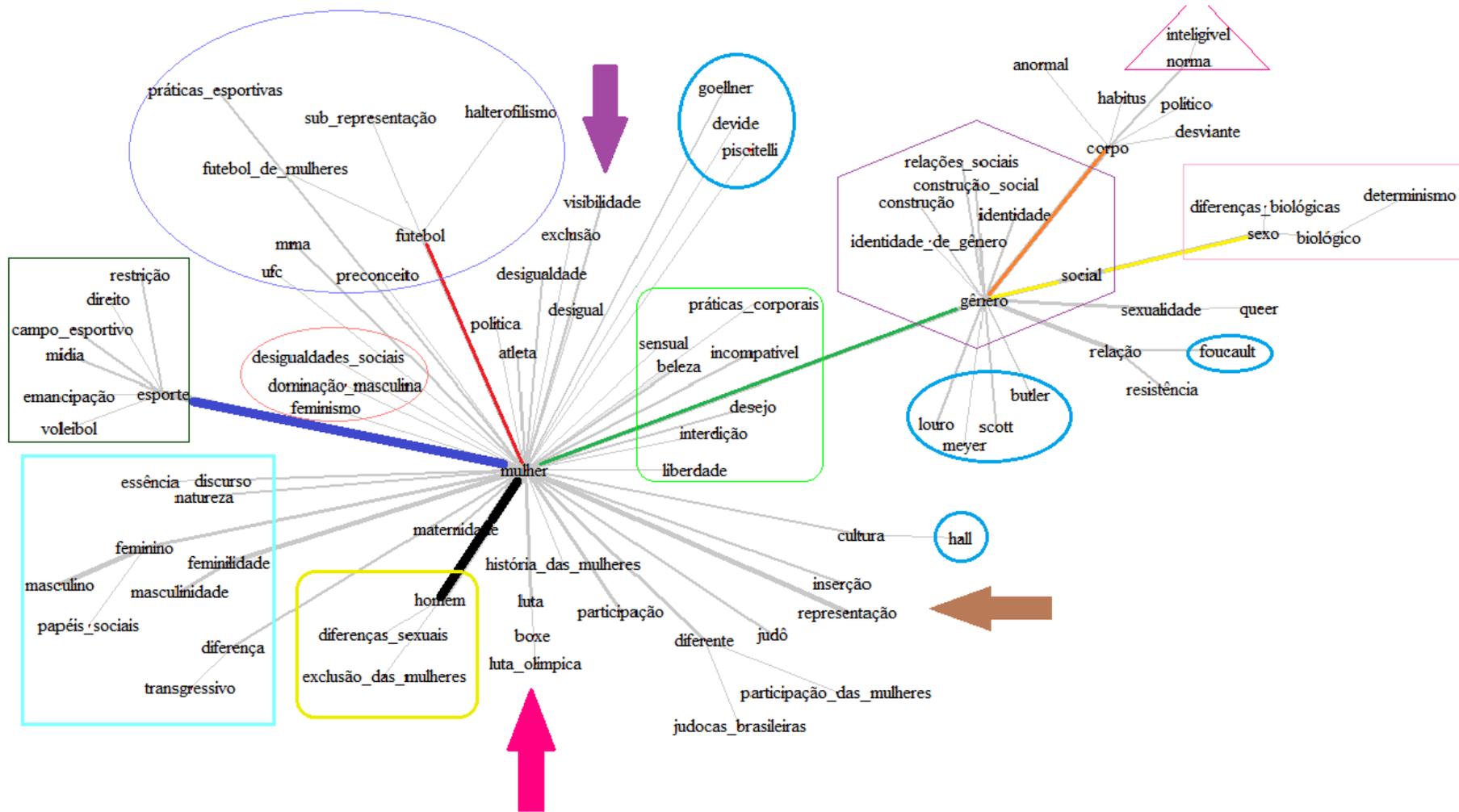
O *corpus* «estereótipos» foi constituído por dois textos separados em 87 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 73 STs que correspondem a 83,91%. Foram evidenciadas de 3.035 ocorrências [palavras ou formas gramaticais], das quais 829 palavras distintas e 468 *hápax* (com uma única ocorrência). O conteúdo analisado foi categorizado em seis classes de vocabulários: **classe 1** – com 9 segmentos de texto (12,33%); **classe 2** – com 14 segmentos de texto (19,18%); **classe 3** – com 10 segmentos de texto (13,7%); **classe 4** – com 12 segmentos de texto (16,44%); **classe 5** – com 13 segmentos de texto (17,81%); e **classe 6** – com 15 segmentos de texto (20,55%).

⁷⁵ Fato que pode consistir em um entrave, a depender dos próximos tipos de análises realizadas, haja vista que o mínimo de aproveitamento de segmentos de texto esperado pelo software é de 70%. Entretanto, darei prosseguimento as próximas etapas, pois é possível que informações importantes sobre esta categoria sejam reveladas. Concluo que um corpus textual com mais amplo (agregando mais capítulos de teses e/ou dissertações) aumentaria este percentual, o que pode ficar como sugestão para pesquisas futuras.

A representação acima, da qual destaques são: *mulher, gênero, corpo, esporte, homem e relação*; é graficamente compatível com as informações numéricas extraídas do *software* por meio do resumo das estatísticas textuais que apresenta a frequência de todas as palavras e classes gramaticais ativas no *corpus* “mulheres”, cujos textos correspondem aos capítulos que incluíam ou eram exclusivamente dedicados aos Estudos de Gênero, da tese *A luta como ofício do corpo: entre a delimitação do subcampo e a construção de um **habitus** do MMA em mulheres lutadoras*, de Leila Salvini, e das dissertações *Mulheres de ouro: trajetórias e representações de atletas de luta*, de Vera Fernandes; *Mulheres no octógono: performatividade de corpos e sexualidades*, de Carla Grespan; *Mulheres em manchete: a potência da geração de Voleibol dos anos 1980*; de Marcelo Tavares; *Futebol de mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pelegrini*, de Pamela Joras; *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional*, de Igor Monteiro; ***Macho varón sin Pepa**: a prática dos futebóis na história de vida de atletas da equipe de futsal da UFRGS*, de Cláudia Mina; *Mulheres no universo cultural do Boxe: as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*, de Isabela Berté; ***Kairós**: o momento da partida na vida de mulheres olímpicas*, de Júlia Amato; *Mulheres que lutam: as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade*, de Adriana Brum. Isto posto, confirmo que estas formas [palavras: mulher, gênero, corpo, esporte, homem e relação] foram encontradas, respectivamente: 264, 131, 122, 107, 99 e 79 vezes no documento submetido a análise.

A seguir, através da árvore de coocorrências (Figura 3) serão apresentadas as conexões que nos levarão a uma ideia mais precisa da estrutura do *corpus*.

Figura 4 Árvore de coocorrência [análise de similitude] correspondente à categoria temática “mulheres”.



É possível inferir que, de uma forma geral, os discursos dos capítulos sobre gênero das teses e dissertações vinculadas à categoria temática «mulheres», apresentaram como referenciais teóricos autoras/es estudiosas/os de gênero, como Judith Butler, Joan Scott, Dagmar Meyer e Guacira Louro, cujos sobrenomes estão circulados de azul claro; para dissertarem sobre mulheres e/ou mulheres nos espaços da Educação Física recorreram, especificamente a autoras/es, como Adriana Piscitelli, Silvana Goellner e Fabiano Deivid [círculo azul claro]. Do mesmo modo, Michel Foucault e Stuart Hall, pós-estruturalistas, também foram requisitados em outros momentos, mas é curioso perceber que sobretudo neste *corpus*, a palavra sexualidade e o sobrenome Foucault guardam uma dependência ínfima.

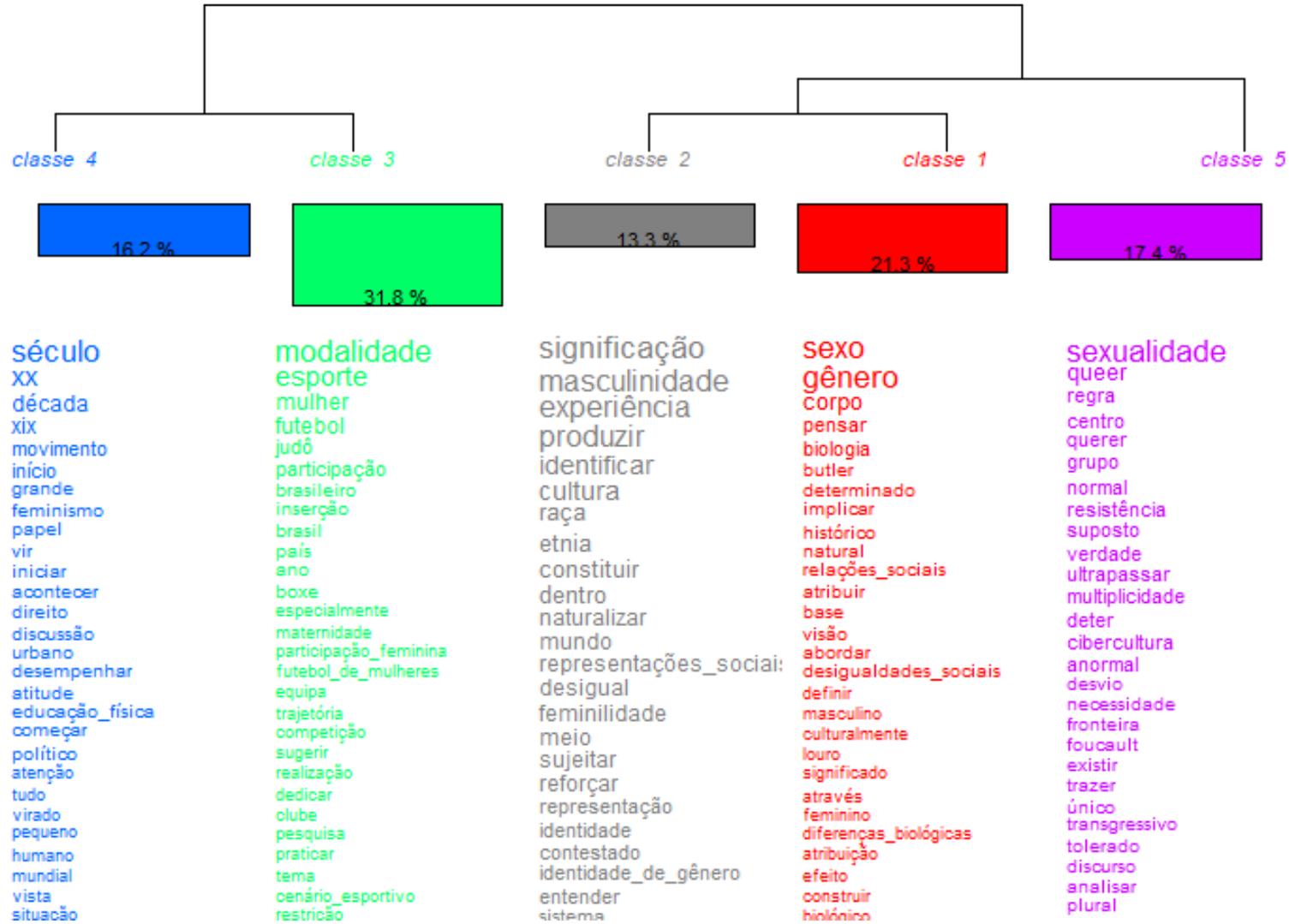
Dada a centralidade do termo “mulher”, questões como a maternidade; a relação de diferença entre os sexos que gera o apagamento/exclusão, bem como os discursos essencialistas acerca dos papéis sexuais masculinos e femininos; a dominação masculina, geradora de desigualdades sociais, e denunciada por vertentes do feminismo; a pauta da interdição da liberdade e dos desejos; as histórias das mulheres e a necessidade de visibilidade; parecem ser assuntos debatidos nos textos, a julgar pela conexão estabelecida entre as palavras⁷⁶.

Ademais, as/os autoras/es parecem tratar da temática de gênero como um recurso analítico para compreensão da categoria «mulher(es)», basta ver que ambos compõem campos léxicos distintos apesar de estarem conectados. Concebem-no como uma construção fruto das relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, e ao que tudo indica, mantêm ou criticam a dicotomia natureza/cultura, sexo/gênero, pois os termos encontram-se correlacionados, e expressões como “diferença biológica”, “biologia”, “determinismo”, “identidade de gênero”, “social”, “construção”, “identidade” são ramificações destes termos [ver hexágono roxo e retângulo rosa].

A razoável conexão, estabelecida entre «mulher» e «esporte», nos leva a perceber que ele é pautado como um “local” de direito, sendo tanto uma prática em que as mulheres encontram restrições, quanto prática capaz de trazer emancipação. São exemplos o Futebol e as Lutas [boxe, luta olímpica, MMA] que parecem ser considerados espaços onde a inserção e representação das mulheres se faz necessária, mas onde elas continuam a serem subrepresentadas e onde sofrem preconceitos [círculo azul escuro e quadrado verde escuro].

⁷⁶ Observar as palavras nos quadrados de borda arredondada: verde fluorescente e amarelo; no quadrado verde-água; no círculo rosa claro e as apontadas pela seta roxa.

Figura 5 Dendograma (CHD) correspondente à categoria temática “mulheres”.



Fonte: IRAMUTEQ

A estrutura desse dendograma será descrita pelos contrastes das classe 1, 2 e 5 com as classes 3 e 4, haja vista que encontram-se divididas em três ramificações, a primeira composta pelas classes: 1 (sexo, gênero, corpo) e 2 (significação, masculinidade, experiência), que juntas dão origem ao segundo ramo, composto pela classe 5 (sexualidade, *queer*, regra). A terceira ramificação compreende as classes: 3 (modalidade, esporte, mulher) e 4 (século, XX, década). Para compreender os tipos de associações existentes entre as palavras que apresentam um vocabulário semelhante, e quais as questões mais relevantes que levaram a certa homogeneidade do corpus, serão analisados os três segmentos de texto, que segundo o próprio software [mediante teste qui-quadrado]⁷⁷ são estatisticamente preponderantes, das duas classes com maior percentual de STs. Nesta categoria, a **classe 1** – 21,28% e **classe 3** – 31,76%.

Na estruturação dos segmentos representativos, abaixo, é possível observar que as/os autoras/es recorrem a momentos históricos para tratar da participação/inserção/interdição das mulheres no cenário esportivo, apontando ainda questões como escassez de representação em cargos de diretoria e gestão e a baixa visibilidade nas mídias. Outro traço comum entre as produções, é discorrerem acerca da necessidade de desconstrução das perspectivas socialmente hegemônicas, as quais justificam que as desigualdades entre mulheres e homens são fruto de suas anatomias.

Figura 6 STs estatisticamente mais relevantes da **classe 3** da categoria temática “mulheres”, cujas linhas de comando correspondem, respectivamente, as pesquisas de: Vera Fernandes, Marcelo Tavares e Pamela Joras

**** *Women_6 *Text_1 *Sex_1

score : 229.27

premiações e salários em algumas modalidades a realização de campeonatos é bastante restrita e por vezes inexistente há pouca visibilidade nos diferentes meios midiáticos a participação de mulheres em órgãos dirigentes e de gestão do esporte é ínfima

**** *Women_8 *Text_1 *Sex_2

score : 229.16

se verificou a inserção e a ampliação da participação feminina em campeonatos_nacionais e internacionais em esportes proibidos até aquele momento como por exemplo o judô a partir da consolidação desse novo cenário esportivo no país os esportes praticados por mulheres ganharam mais adeptos

**** *Women_9 *Text_1 *Sex_1

score : 179.13

esse decreto_lei só foi revogado no ano de 1979 porém as mulheres continuaram a enfrentar sérias restrições para continuarem nesse esporte para justificar tal formação recorro ao exemplo do esporte_clube_radar uma equipe que despontou em 1981 no rio_de_janeiro logo após o término da interdição

Fonte: IRAMUTEQ

⁷⁷ Segundo Ana Paula Correa et. al (s/d, p. 3) Qui-quadrado é um teste de hipóteses que se destina a encontrar um valor da dispersão para variáveis categóricas nominais e avaliar a associação existente entre variáveis qualitativas. Disponível em: http://www.leg.ufpr.br/lib/exe/fetch.php/disciplinas:ce001:teste_do_qui-quadrado.pdf. Acesso em: 21 novembro 2019.

A representação acima, da qual os destaques são: *gênero, identidade, mulher, relação e homem*; é graficamente compatível com as informações numéricas extraídas do *software* por meio do resumo das estatísticas textuais que apresenta a frequência de todas as palavras e classes gramaticais ativas no *corpus* “identidade”, cujos textos correspondem aos capítulos que incluíam ou eram exclusivamente dedicados aos Estudos das Identidades de Gênero, da tese *A inserção de meninos no universo cultural da Ginástica Rítmica: pesquisa-ação na Federação Riograndense de Ginástica*, de Johanna Coelho; e das dissertações *A mídia esportiva e o Futebol de mulheres no Brasil: o que noticiam sobre elas?*, de Tayane Rihan; *A construção de identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e das brincadeiras*, de Karine Godoy. Isto posto, confirmo que estas formas [palavras: gênero, identidade, mulher, relação e homem] foram encontradas, respectivamente: 54, 49, 47, 29 e 28 vezes no documento submetido a análise.

É possível inferir, a partir da árvore de coocorrências da página seguinte, que os discursos vinculados à categoria temática «identidade», apresentaram como referenciais teóricos novamente as autoras dos Estudos de Gênero, Judith Butler e Joan Scott, bem como apontamentos desenvolvidos pela professora Silvana Goellner sobre gênero/mulheres, no contexto da Educação Física [retângulo verde]; para dissertarem sobre mulheres recorreram, especificamente a autora Simone de Beauvoir. Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva, foram requisitados para as elucidações sobre identidade e diferença, palavras que apresentam (figura 8) um forte encadeamento. A seguir, através da árvore de coocorrências será apresentada uma ideia mais precisa da estrutura do *corpus*.

Neste contexto, é interessante perceber que a centralidade não está em «identidade», apesar desta ser a impressão alcançada após a leitura prévia para proceder com a categorização dos textos ou após visualizar a nuvem de palavras formada, fatos que demonstram o quanto podemos “viciar” nossa leitura quando submetidas/os a um grande volume textual. Dada a centralidade do termo «gênero», é importante ressaltar que para além de o conceberem como produto das relações sociais e culturais, aparentemente destacam o seu caráter normativo, todavia, passível de subversão. Ponto ainda que há uma discreta associação entre gênero e os marcadores sociais de diferença: classe e raça, possivelmente decorrente da leitura que fizeram dos referenciais teóricos adotados [ver Joan Scott e Judith Butler]. Feminilidade e masculinidade aparecem interligados às palavras «mulher» e «homem», o que pode sinalizar uma crítica a representação de papéis e a ausência de fundamento natural para o sistema binário de gênero ou, na pior das hipóteses, um reforço a este tipo de ideia, uma vez que quanto mais direcionamos holofotes sobre aquilo que esperamos transformar por meio da simples descrição, mais enrijecido tornamos o objeto de nossas críticas.

As/os autoras/es parecem tratar da temática “identidade” a partir de sua intrínseca conexão com a “diferença”, mas também como algo cambiante, produto da linguagem, que passa por mudança ou que pode ser performativa. Neste ponto, um destaque a ser feito é que, por mais que nos transformemos, a performatividade não se constitui como absolutamente livre [hoje sou X, amanhã sou Y], mas como um meio tencionar a divisão dicotômica entre masculino e feminino, uma possibilidade de ser/ocupar “fronteira(s)” [carregadas de inúmeros marcadores], de transgredir ante a diferentes formas de opressão que se impõem e isso implica ir além do gênero. Portanto, é preciso cuidado ao falar/escrever sobre a performatividade, a fim de que não a esvaziemos de sua potência.

Como o mínimo de aproveitamento de segmentos de texto esperado pelo *software* é de 70% e na categoria temática “identidade” este percentual não foi alcançado, certamente por não haver a homogeneidade esperada, darei prosseguimento a próxima etapa, sem apresentar o dendograma, pois a análise tornou-se “poluída” e incompatível com a apresentação das estatísticas textuais iniciais. A título de curiosidade, serão apresentados os segmentos textuais mais representativos, possivelmente, fruto dos vocabulários associados às palavras “identidade” e “gênero”. Abaixo, é possível observar que as autoras (*Sex_1 - mulheres) apontam que as “identidades” são parcialmente estruturadas, constituindo-se a por meio das relações sociais que estabelecemos e por isso mesmo, passíveis de serem alteradas e discursivamente (re)construídas. Quanto a “gênero” elas ressaltam a importância de requisitá-lo como categoria de análise, tanto no campo esportivo quanto focando em compreender aspectos relacionais, pensando “para além das histórias das mulheres”. Por fim, é proveitoso sublinhar que o realce

a palavra «homem», nas duas categorias temáticas investigadas até aqui, demonstra [com algumas ressalvas] a dificuldade das/os pesquisadoras/es em desfazerem essa polarização fundante ou de evidenciarem as outras formas de operação do(s) poder(es) no âmbito das práticas sociais e é imprescindível que consigamos dar passos adiante.

Figura 10 STs estatisticamente mais relevantes relacionados à palavra “identidade”, cujas linhas de comando correspondem, respectivamente, as pesquisas de: Tayane Rihan, Karine Godoy e Johanna Coelho

**** *Gender_4 *Text_1 *Sex_1

score : 148.35

os instrumentos são passíveis de serem escolhidos pelos sujeitos a partir do momento que sabemos da existência deles por esse motivo a **formação** da **identidade** de gênero é um **processo** inacabado **construído** no **discurso** através de uma sequência de **atos** que se repetem e são reiterados **constantemente ao longo** da **vida**

**** *Gender_17 *Text_1 *Sex_1

score : 127.88

dado o que já foi assinalado sobre a **formação** das **identidades** a partir das relações_sociais dos processos_de_diferenciação da linguagem e dos **discursos** é importante compreendermos que as **identidades vêm** se constituindo **ao longo** da **vida** desde a infância até a idade adulta

**** *Gender_16 *Text_2 *Sex_1

score : 66.58

a **identidade** não é vista mais como algo único ou unitário há deslocamentos nessa lógica de pensamento **dando** lugar à fragmentação e divisão descentralização e multiplicidade afinal se acredita que o **sujeito** não pensa não **fala** não **produz**

Fonte: IRAMUTEQ

Figura 11 STs estatisticamente mais relevantes relacionados à palavra “gênero”, cujas linhas de comando correspondem, respectivamente, as pesquisas de: Tayane Rihan e Johanna Coelho

**** *Gender_4 *Text_1 *Sex_1

score : 104.42

uma **análise** de **gênero** se torna essencial no **campo esportivo** e **também** midiático **visto** que esta **categoria** perpassa essas duas **instâncias sociais** moldando e generificando os corpos e as representações sobre as **mulheres sobretudo** no **futebol**

**** *Gender_16 *Text_2 *Sex_1

score : 84.65

goellner aponta que com a introdução no mundo **acadêmico** do termo **gênero** como uma categoria_de_análise se abre o conceito para **campos** de **estudo** que nos **possibilitam** pesquisar para **além** da história das **mulheres** enquanto um termo **relacional** o foco_da_análise é deslocado

**** *Gender_16 *Text_2 *Sex_1

score : 72.35

não são simplesmente as **mulheres** que são **vistas** como objeto_de_investigação mas **também** os homens na **medida** em que estão situados no polo_de_poder da **relação** com isso mesmo o termo **gênero tendo** sua origem no **campo** dos estudos_feministas

Fonte: IRAMUTEQ

Considerando-se que os Estudos de Gênero e Sexualidade estão imbricados e em muitos casos, resultando quase sempre em sérias confusões, saliento que há diferenças. De acordo com Luiza Anjos (2013, p. 98), “gênero se torna uma categoria útil para distinção entre as práticas sexuais e os modelos impostos socialmente a homens e mulheres” e prossegue

Sobre a relação de gênero e sexualidade, Butler (2006) afirma que, ainda que as práticas sexuais não produzam, de maneira causal, determinados gêneros, sob a condição da heterossexualidade normativa, policiar o gênero é, por vezes, usado como forma de assegurar a heterossexualidade. Além disso, reconhecendo que a regulação de gênero é um instrumento de regulação sexual, ela se constitui, também, como dimensão do funcionamento da homofobia. Assim, compreender como se constituem os dispositivos de poder que regulam as normas de gênero é uma atitude fundamental para os estudos acerca das identidades sexuais não-normativas, entre as quais as homossexualidades (ANJOS, 2013).

É possível inferir, a partir da árvore de coocorrências da página seguinte, que os discursos vinculados à categoria temática «sexualidade», apresentaram como referenciais os Estudos *Queer*, apontados por Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012, p. 570) como as pesquisas que “buscam deslocar a questão da sexualidade e do gênero, focando seu interesse investigativo nos discursos de saber que constituíram determinadas existências como menos legítimas que outras”; a(s) história(s) da sexualidade desenvolvidas por Michel Foucault; as investigações acerca movimento LGBTQIA+ ou movimento homossexual empreendidas por Regina Facchini; bem como apontamentos sobre os Estudos de Gênero realizados por Guacira Louro. A seguir, através da árvore de coocorrências (figura 12) será apresentada uma ideia mais precisa da estrutura do *corpus*.

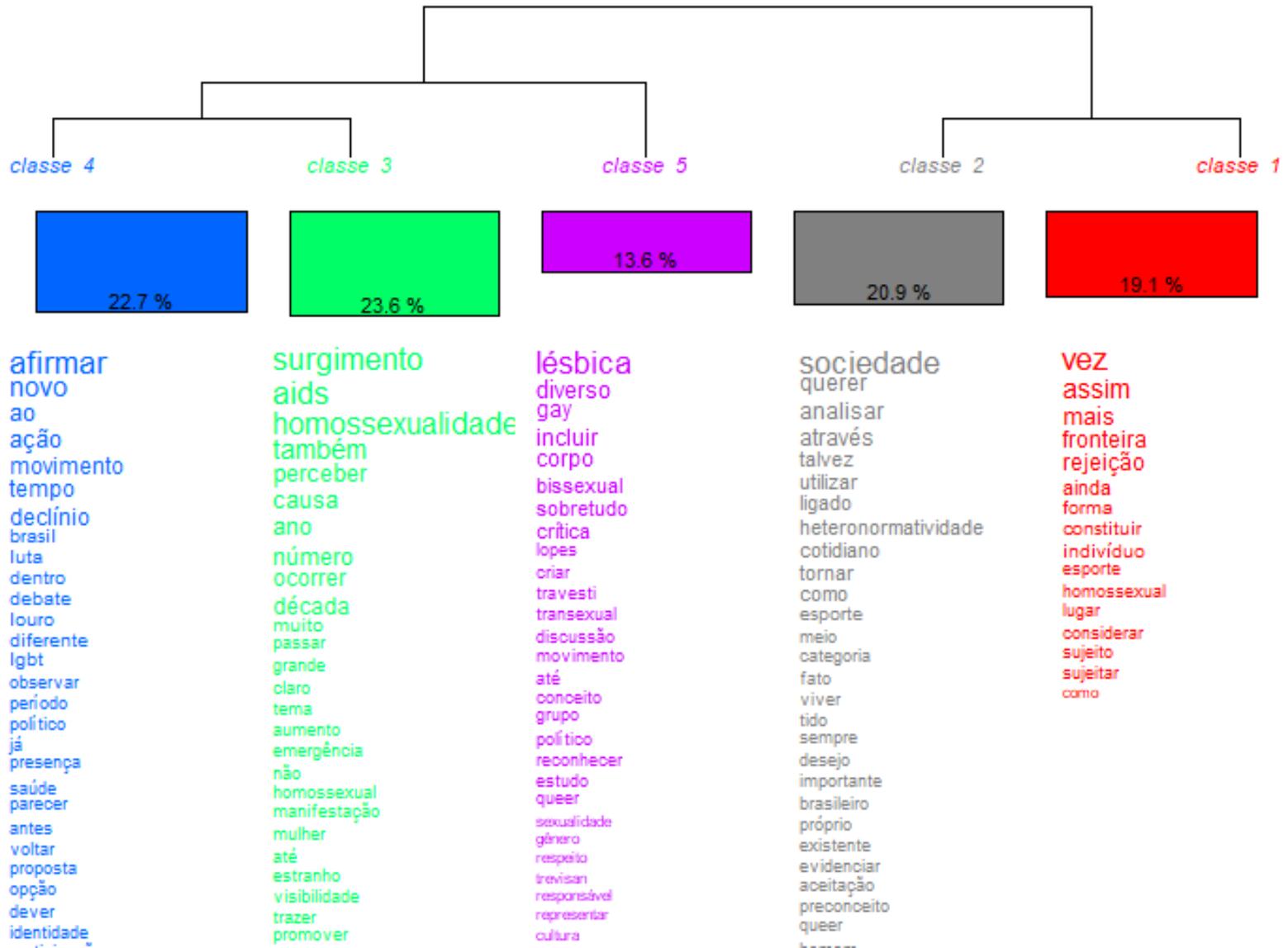
Deduzo que do termo “homossexual” partem todos os argumentos, problemas, objetivos construídos e desenvolvidos pelas/os pesquisadoras/es, basta ver que ele o elemento central da árvore, conectado, paralelamente, aos campos léxicos formados por “movimento” e “homossexualidade”, dos quais resultam ramificações. O realce na linha que faz a junção entre “heterossexual”, “orientação sexual” e “homossexual” [em marrom], indica, hipoteticamente, que as/os autoras/es das dissertações (*Text_1)⁷⁸ evidenciaram, de maneira crítica, a existência de uma tendência normativa acerca dos desejos e comportamentos, sendo que as práticas que se opõem a ela, ou melhor, que são desviantes, tendem a ser rejeitadas e passíveis de sofrerem retaliações devido à visão enrijecida, preconceituosa e discriminatória adotada por instituições religiosas e/ou indivíduos (“homem”; “mulher”) inseridos em contextos sociais onde pensamentos hegemônicos e ideológicos sobre sexo/gênero são disseminados.

A conectividade com “sexualidade” gera ramificações que levam à “Foucault”, “norma” e “sodomia”, pois são feitas citações de trechos de ‘A História da Sexualidade’, em que o autor destaca “as normas rigorosas” que incidem sobre as sexualidades e as limitam, haja vista que o “sodomita” seria alguém a agir “contra a natureza e a lei”, necessitando assim sofrer cerceamentos e proibições dada a perversão/perversidade de seus atos (FOUCAULT, 1988). Ademais, o termo “*queer*” insurge entre as questões de cunho histórico e/ou político levantadas nos textos e, possivelmente, é justificado como componente da crítica à (hetero)normatividade compulsória, sobretudo se transcorreram sobre seu surgimento no contexto norte-americano, onde faz sentido a sua apropriação.

O campo léxico de “homossexualidade” parece abarcar questões relacionadas à visibilidade, a manifestação do desejo entre pessoas do mesmo sexo e ao momento da erupção de casos de AIDS no Brasil, o que culminou na potencialização do preconceito. A palavra “movimento” se ramifica em “luta”, “formação”, “político”, denotando que as/os pesquisadores apontaram a necessidade ou a relevância da ação coletiva (gays, lésbicas, transexuais, bissexuais, travestis) e o estabelecimento de uma identidade a ser “compartilhada”, ainda que com muitas e muitas ressalvas. Por fim, na ponta direita [quadrado verde escuro] os termos “homofobia”, “esporte”, e “educação física” aparecem como prática e espaços que talvez tenham sido descritas por se misturarem e necessitarem ser transformados.

⁷⁸ Notação criada por mim para diferenciar os textos de acordo com o tipo de produção [*Text_1 – dissertações e *Text_2 – teses]. Necessária para que o *software* possa rodar as análises sem que haja erros.

Figura 14 Dendograma (CHD) correspondente à categoria “sexualidade”.



Fonte: IRAMUTEQ

A estrutura do dendograma, na página anterior, será descrita pelos contrastes das classe 1 e 2 com as classes 3, 4 e 5, haja vista que encontram-se divididas em duas ramificações, a primeira composta pelas classes: 1 (vez, assim, mais) e 2 (sociedade, querer, analisar), que juntas dão origem ao segundo ramo, composto pela classe 5 (lésbica, diverso, gay), e pelas classes: 3 (surgimento, AIDS, homossexualidade) A terceira ramificação compreende as classes: 3 (modalidade, esporte, mulher) e 4 (afirmar, novo, ação). Para compreender os tipos de associações existentes entre as palavras que apresentam um vocabulário semelhante, e quais as questões mais relevantes que levaram a certa homogeneidade do corpus, serão analisados os três primeiros segmentos de texto, que segundo o próprio software [mediante teste qui-quadrado]⁷⁹ são estatisticamente preponderantes, das duas classes com maior percentual de STs. Nesta categoria, a **classe 3** – 23,6% e **classe 4** – 22,7%.

Na estruturação dos segmentos representativos, abaixo, é possível observar que as/os autoras/es recorrem mesmo a fatos históricos para tratar da relação “homossexualidade” – “AIDS”, evidenciando o seu aparecimento na década de 80 e ainda o quanto “os discursos tradicionais creditavam a doença aos homossexuais” (câncer gay). Quanto a classe 4, evidencia-se que as associações feitas entre os termos corroboram com questões levantadas quando da interpretação da árvore de coocorrências. Saliento ainda que dos dois capítulos de dissertações, referentes a esta categoria temática, que foram tratados pelo *software*, apenas um foi considerado estatisticamente relevante, possivelmente pela densidade com que a autora, Luiza Anjos, abordou o conteúdo em sua dissertação. A propósito, de todas as 20 produções que tive a oportunidade de ler na íntegra, esta (***) *Sexuality_5), foi uma das que mais apreciei — pois houve outras — e julguei como comprometida com o aprofundamento, complexificação e qualidade dos debates acerca dos Estudos de Gênero e Sexualidade no contexto da Educação Física. Os segmentos de texto selecionados abaixo evidenciam estas ponderações.

⁷⁹ Segundo Ana Paula Correa et. al (s/d, p. 3) Qui-quadrado é um teste de hipóteses que se destina a encontrar um valor da dispersão para variáveis categóricas nominais e avaliar a associação existente entre variáveis qualitativas. Disponível em: http://www.leg.ufpr.br/lib/exe/fetch.php/disciplinas:ce001:testes_do_qui-quadrado.pdf. Acesso em: 21 novembro 2019.

Figura 15 ST's estatisticamente mais relevantes relacionados à classe 3 da categoria “sexualidade”, cuja linha de comando corresponde a pesquisas de Luiza Anjos

**** *Sexuality_5 *Text_1 *Sex_1

score : 73.20

a aparente linearidade com que a **homossexualidade** vai ganhando visibilidade e aceitação na sociedade_brasileira é fortemente abalada pelo **surgimento** da **aids** nos **anos** 80 sendo chamada de o **câncer_gay** a doença renovou a homofobia antes aparentemente abrandada pela militância_homossexual

**** *Sexuality_5 *Text_1 *Sex_1

score : 71.69

para lopes essa politização da academia é um acontecimento sobretudo estadunidense **percebido** a partir dos **anos** 1970 é **também** principalmente nessa **década** que um conjunto de circunstâncias **passa** a questionar e abalar os discursos_tradicionais que creditavam uma anormalidade à **homossexualidade**

**** *Sexuality_5 *Text_1 *Sex_1

score : 63.15

apesar do imaginário popular manter a preconceituosa associação entre a **aids** e a **homossexualidade** os **números** demonstraram que o vírus **não** escolhia predileções_sexuais se na **década** de 1980 a proporção de mulheres infectadas era de uma para cada 40 homens

Figura 16 STs estatisticamente mais relevantes relacionados à classe 4 da categoria “sexualidade”

**** *Sexuality_5 *Text_1 *Sex_1

score : 73.67

ela **afirma** que houve sensível aumento do número de **grupos lgbt** assim como de sua **participação** nos encontros_nacionais realizados pelo **movimento organizados** por algumas dessas entidades essas reuniões visavam discutir e deliberar **propostas** de **ação** de forma a promover uma **luta** comum e organizada

**** *Sexuality_5 *Text_1 *Sex_1

score : 70.54

al deslocamento epistemológico pode ser também **observado dentro** dos **movimentos lgbt** ao longo da década de 1970 segundo **louro** o **movimento** propunha um projeto_coletivo que buscava alcançar igualdade de direitos no interior da ordem_social existente **afirmando**

**** *Sexuality_5 *Text_1 *Sex_1

score : 61.99

principalmente **ao** longo desse **período** de **declínio** ainda que também anteriormente se identifique uma série de rupturas dissidências dissoluções e **novas** formações de grupos_ativistas **lgbt** em boa parte das ocorrências o motivo era a divergência quanto a reivindicações e projetos para os **movimentos**

Fonte: IRAMUTEQ

5.2.3.4 A categoria “estereótipos” na nuvem e a coocorrência entre palavras

Figura 17 Nuvem de palavras correspondente à categoria “estereótipos”

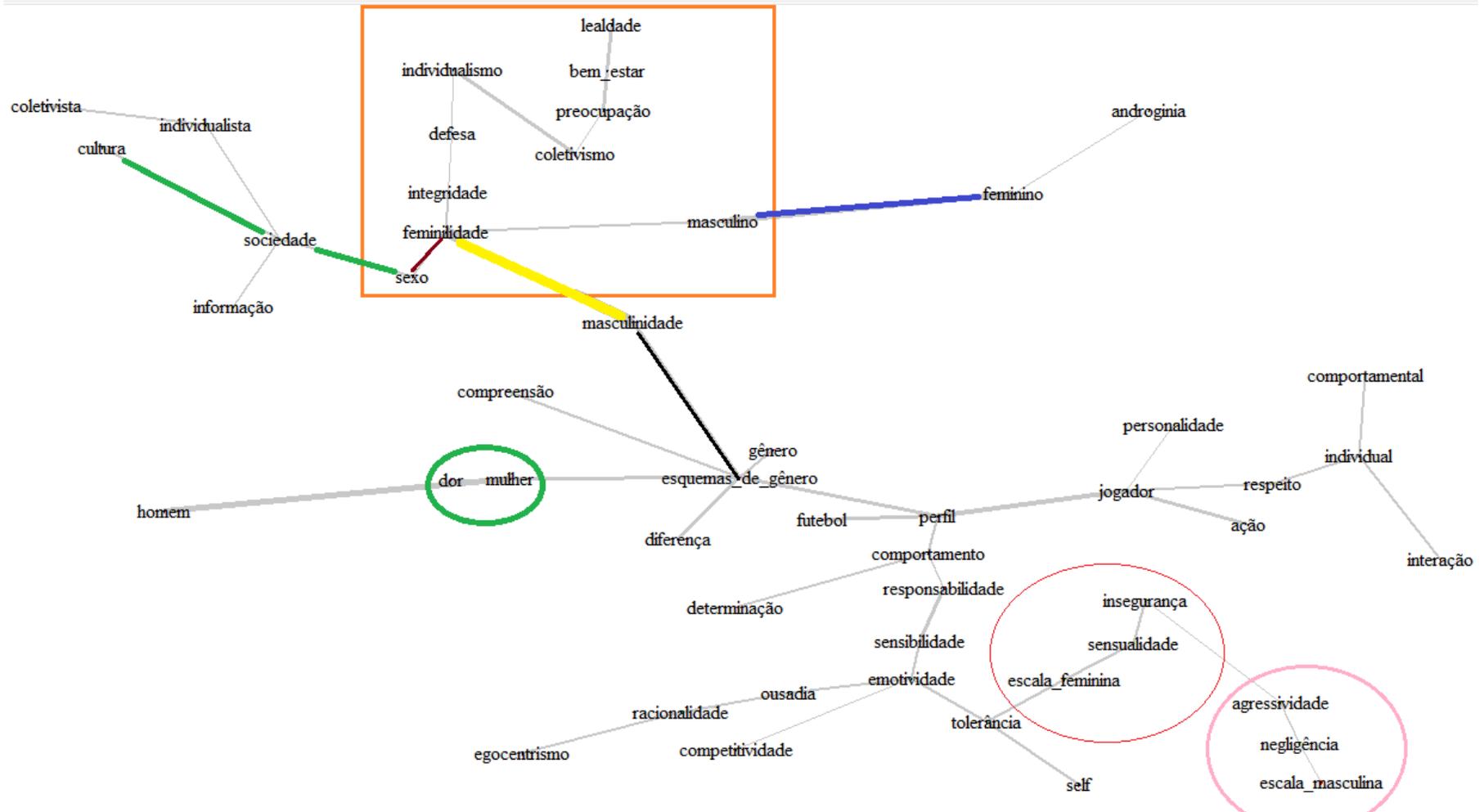


Fonte: IRAMUTEQ

A representação acima, da qual os destaques são: *indivíduo*, *apresentar*, *atleta*, *fator*, *autoconceito*, *avaliar* e *esquemas de gênero*; é graficamente compatível com as informações numéricas extraídas do *software* por meio do resumo das estatísticas textuais que apresenta a frequência de todas as palavras e classes gramaticais ativas no *corpus* “estereótipos”, cujos textos correspondem aos capítulos que incluíam ou eram exclusivamente dedicados aos Estudos dos Perfis Psicológicos de Gênero, das dissertações *Traços de personalidade em jogadores de Futebol*, de Thiago Medeiros; *Nível de Satisfação com a vida de atletas segundo o sexo, perfil psicológico de gênero e status social subjetivo nas modalidades desportivas*, de Mariluce Vieira. Isto posto, confirmo que estas formas [indivíduo, apresentar, atleta, fator, autoconceito, avaliar e esquemas de gênero] foram encontradas, respectivamente: 26, 23, 22, 21, 19, 16 e 16 vezes no documento submetido a análise.

A seguir, através da árvore de coocorrências (figura 18) serão apresentadas as conexões que nos levarão a uma ideia mais precisa da estrutura do *corpus* “estereótipos”.

Figura 18 Árvore de coocorrências correspondente à categoria “estereótipos”



Fonte: IRAMUTEQ

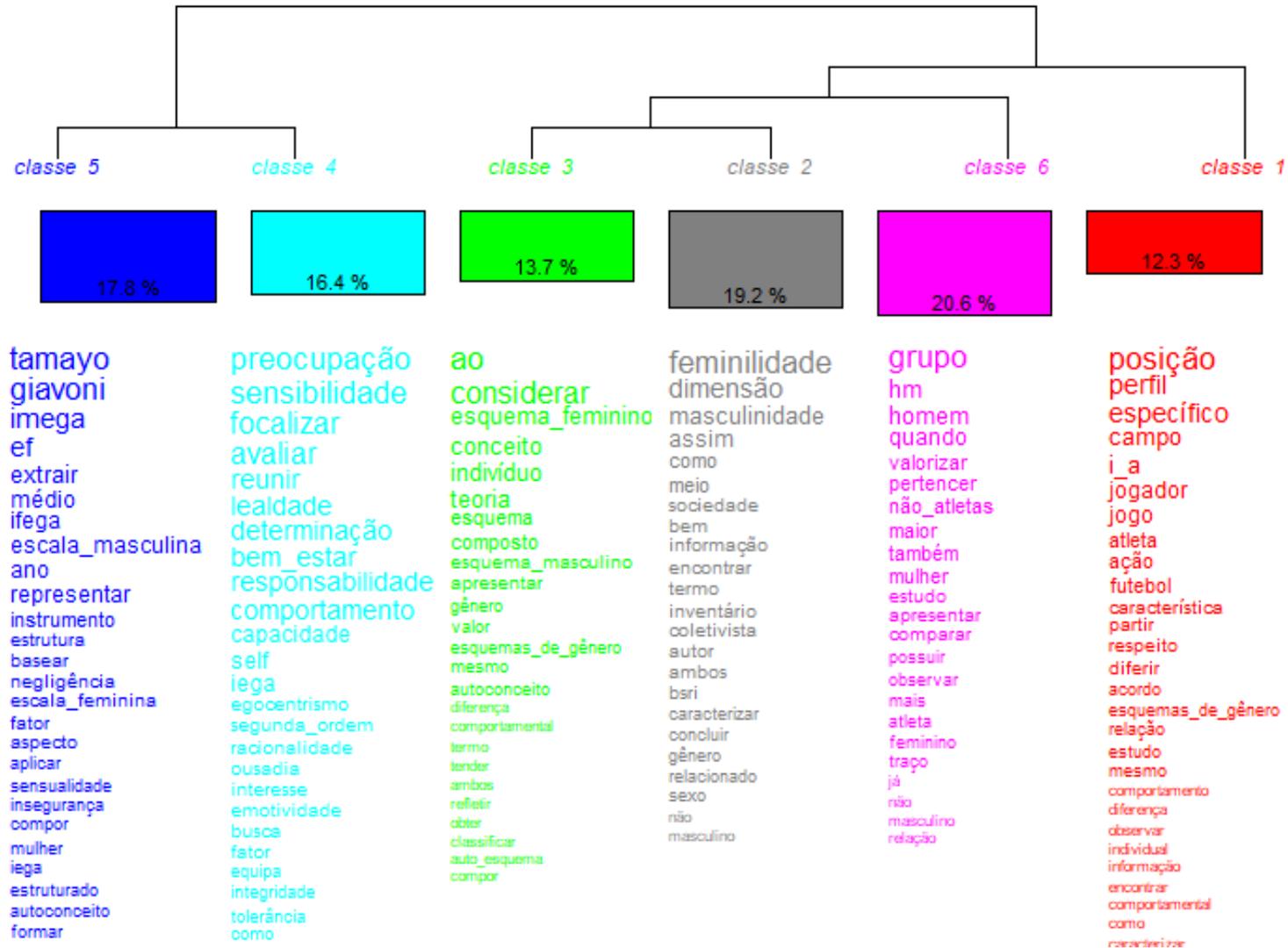
A escolha por categorizar duas dissertações na temática “estereótipos”, é resultado da inquietação inesperada que experimentei durante a fase de leitura. A priori pensei em excluí-las da análise, devido ao fato de estarem “incorporadas”, em partes, pela subárea da biodinâmica. No entanto, percebendo que uma/um das/os pesquisadoras/es tentou um diálogo embrionário com as Ciências Humanas para tratar da avaliação dos esquemas de gênero [autoconceito], achei por bem lhes dar merecida atenção. Diferentemente das árvores correspondentes às categorias temáticas «mulheres», «sexualidade» e «identidade», a representação acima deixa dúvidas quanto ao termo de maior centralidade, o que não impede que tenhamos atenção a algumas conexões.

Iniciando por “esquemas de gênero”, aparentemente, as/os autoras/es abordam a questão da diferenciação entre masculino e feminino, visto que ambos os termos e suas variações se apresentam destacadamente conectados [traços azul e amarelo]. A perspectiva adotada para a compreensão da divergência entre os sexos parece bastante conformada a afirmações normativas, que direcionam homem e mulher [no singular] a ocuparem lugares específicos na sociedade, desprezando todas as possibilidades de leitura das feminilidades e masculinidades.

A título de exemplo se observarmos a distância que as palavras “homem” e “mulher” estabelecem em relação à palavra “dor”, podemos inferir como “esquemas de gênero” pode estar sendo empregado para delimitar as características, que entendemos ser social e culturalmente construídas, a partir das distinções biológicas observáveis. Neste sentido, a proximidade entre “dor” e “mulher” resultaria do discurso cunhado pelas ciências “duras”, [como a biologia ou a medicina] que atribuem a mulher a característica de fragilidade, e que implicitamente sugere a desestruturação de “uma ampla matriz de investigação nas ciências sociais e humanas” (BRACKE; PATERNOTTE, s/d, p. 9).

Além disto, o campo léxico de “perfil” abarca vocábulos relativos a fenômenos mentais e emocionais das pessoas/atletas investigadas/os, dando a entender que aquelas/es classificadas/os em dentro da “escala feminina” apresentariam comportamentos como “tolerância”, “insegurança” e “sensualidade”; e aquelas/es enquadrados na “escala masculina” seriam agressivas/os ou negligentes, deixando claro, como aponta Thomas Laqueur (1994), que “a ciência tem atuado, historicamente, para racionalizar e legitimar as distinções não só do sexo, mas também da raça e classe, em detrimento dos ‘débitos’”, ou melhor, “mediante uma relação arbitrária entre os signos masculino e feminino”.

Figura 19 Dendograma (CHD) correspondente à categoria “estereótipo”



Fonte: IRAMUTEQ

A organização do dendograma, na página anterior, será visualizada para que possamos compreender os tipos de associações existentes entre as palavras que apresentam vocabulário semelhante, bem como as questões mais relevantes que culminaram em uma certa homogeneidade do corpus, serão analisados os três primeiros segmentos de texto, que são estatisticamente preponderantes, das classes com maior percentual de STs. Nesta categoria, a **classe 6** – 20,6% e **classe 2** – 19,2%.

Na estruturação dos segmentos representativos, abaixo, é possível observar que a autoras e o autor tratam das construções de gênero sob um ponto de vista ideologicamente carregado, “homens/ativos/fortes; mulheres/passivas/fracas”, e neste caso, ambos os textos carregam um potencial de gerar e, especialmente de maximizar as diferenças, sem se quer terem a noção do quanto estas perspectivas impactam na política de gênero, pois cria estereótipos e nos obriga a reproduzi-los. Aqui, evidencio que o diálogo entre a subárea sociocultural e biodinâmica, é urgente, e exige que juntas/os modifiquemos nossas formas de pensar a ciência e nossos objetos de pesquisa, o que de certa maneira seria revolucionário, a julgar pela notória interdisciplinaridade [concebível na prática] do ‘campo científico’ da EF. A intenção não é de que ignoremos o corpo, mas de que interpretemos o mundo de formas mais justas e melhores. Quanto a classe 6, sendo «hm» um perfil psicológico heteroesquemático masculino, evidencia-se que as associações feitas entre os termos corroboram com questões levantadas quando da interpretação da árvore de coocorrências, basta ver o segmento de texto cujo score é **48.26**, destacando que “a masculinidade possui traços de tolerância à dor, superação de limites, coragem, força e perseverança”. Saliento que os testes aplicados detectam “graus de androginia” e os apontam como “estratégias eficientes para que as/os atletas sobrevivam em esportes incompatíveis com suas condições físicas”. A propósito, creio que acabar com os estereótipos não seria um meio de dar fim a sexismo ou adentrarmos em um futuro mais justo, mas, acima de tudo, ajudaria a libertar as mentes que são oprimidas por eles e talvez fosse o início da abertura dos caminhos para escrevermos (sobre) a emancipação.

Nas Figuras 19 e 20 estão os ST_s mais relevantes das classes 6 e 2.

Figura 20 STs estatisticamente mais relevantes relacionados à classe 6 da categoria “estereótipos”, cujos segmentos de texto correspondem a pesquisa de Mariluce Vieira

**** *Esqbin_15 *Text_1 *Sex_1

score : 147.43

as **hm** **apresentam maior** ganho_de_força o que está diretamente associado ao treinamento da musculação **possuir** fortes traços_de_masculinidade e **quando observados homens** e **mulheres atletas** e **não_atletas** em relação à tolerância_a_dor se **observa** que o **grupo** dos **atletas**

**** *Esqbin_15 *Text_1 *Sex_1

score : 105.36

homens e **mulheres** os **hm** são **mais** tolerantes à dor do que os **não_atletas** e os demais **grupos** tipológicos respectivamente isto ocorre devido às experiências_esportivas do **atleta** e suas habilidades em lidar com a dor

**** *Esqbin_15 *Text_1 *Sex_1

score : 48.26

já a tolerância por parte dos **hm** é explicada visto que a masculinidade **possui traços** de tolerância_à_dor superação_de_limites coragem força e perseverança além dessas populações os esquemas_de_gênero **também** são percebidos nos **estudos** com idosos

Figura 21 STs estatisticamente mais relevantes relacionados à classe 2 da categoria “estereótipos”, cujos segmentos de texto correspondem, respectivamente, às pesquisas de Mariluce Vieira e Thiago Medeiros

**** *Esqbin_15 *Text_1 *Sex_1

score : 65.59

desta forma os indivíduos **caracterizados** por sexo processam as **informações** recebidas em **termos** de definições_de_ **masculinidade** e **feminilidade** as quais já se **encontram** estruturados na **sociedade** e se fazem presentes em todas as culturas

**** *Esqbin_14 *Text_1 *Sex_2

score : 43.58

com os goleiros e zagueiros responsáveis pela defesa da equipe esquemas_femininos e aloclétricos defesa coletividade integridade e os laterais e meio_campistas esquemas_equilibrados de **masculinidade** e **feminilidade** e perfil i a isoquemáticos e isocêntricos

**** *Esqbin_15 *Text_1 *Sex_1

score : 31.49

assim como os bailarinos apresentam um maior_grau de androginia wilinski também detectou que a androginia está presente nas jogadoras de futebol_feminino o que provavelmente é uma estratégia eficaz para a sobrevivência em condições que não são adequadas em esportes_típicos_masculinos inadequados em **termos** de gênero **bem como** os bailarinos na dança

Fonte: IRAMUTEQ

6 “DE TODAS AS COISAS SEGURAS, A MAIS SEGURA É A DÚVIDA”: ALGUNS PONTOS IMPORTANTES DE SEREM CONSIDERADOS

Quando me propus a desenvolver uma pesquisa de caráter “revisionista” acerca do conhecimento produzido sobre gênero no contexto da Educação Física brasileira, não imaginei que pudesse aprender tanto. Utilizei *softwares* de análise e armazenamento de dados sem que estivesse em meus planos todo um projeto de sistematização, mas foi esse o resultado, fruto de todos os desconfortos e dificuldades vivenciadas... e que bom que elas existiram. Certamente, esta dissertação retirou várias e várias vezes, o “chão” que havia logo embaixo dos meus pés, mas é gratificante concluí-la, assim como foi gratificante ampliar um pouco mais aquilo que sei, e talvez multiplicar. Por isso, ao finalizar esta pesquisa a expectativa que fica é de que ela possa ser capaz de contribuir, ainda que timidamente, com aquelas/es que se debruçarão sobre a questão [labiríntica] da produção acadêmico-científica.

Os resultados alcançados revelaram algumas das tendências e a evolução das teses e dissertações defendidas entre os anos de 2013-2018, bem como as similaridades epistemológicas e metodológicas que elas guardaram entre si. Neste sentido, é notável a preponderância da produtividade nas regiões sul e sudeste em relação as demais, sendo que as mulheres se destacam em relação as autorias quando comparadas aos homens. A natureza das pesquisas é predominantemente qualitativa, assim como o tipo de produção é majoritariamente de dissertações. Os contextos pesquisados figuram entre os vários campos de atuação da Educação Física, sendo o cenário esportivo destaque entre as práticas corporais citadas.

No processo de compreender as possíveis conexões entre os *corpus* textuais, após tê-los categorizado, percebi que conseguimos avançar muito nos debates, mas ainda permanecemos a realizar estudos descritivos. É como se duvidássemos das nossas capacidades de revelar o que está além do “ponto” que nossos olhares alcançam. Assim, considerando-se a abrangência do conceito de gênero, é importante destacar que sua elaboração está associada a uma preocupação política [de evitar problemas decorrentes da essencialização das identidades] e a uma busca por apreender, de modo mais prudente, como este marcador age em diversas sociedades e/ou culturas, o que exige de nós um pensamento mais complexo a respeito do poder e das desigualdades. Para além de pensarmos em descrever como os papéis sexuais/sociais se distribuem, são (também) estes os estudos que nos levam a refletir sobre os lugares para os quais as violências se dirigem, e/ou porque tendem a ser naturalizadas e reproduzidas, tornando-se cada vez mais cruéis.

No meu caso, as ferramentas utilizadas reduziram, em partes, o meu expediente, haja vista que me auxiliaram a refletir sobre as pesquisas, apresentando alguns dos dados

estatisticamente mais relevantes. A possibilidade de armazenar e/ou submeter os dados a “tratamento” minimizou a predisposição de uma leitura enviesada/viciada quando submetida a demanda extenuante proporcionada por um grande volume de textos. Os programas usados possibilitaram que a quantidade de informações relativas à gênero fossem ampliadas, propiciando uma “imagem” um pouco mais apurada acerca da produção deste conhecimento no âmbito da Educação Física e evidenciando alguns dos diálogos que precisam ser urgentemente estabelecidos, entre subáreas, grupos de pesquisa, pesquisadoras/es, etc.

Compreender o gênero e os marcadores que potencialmente se inter-relacionam a ele, é uma maneira de “radicalizar” as lutas contra estruturas/instituições que adotam posicionamentos endurecidos, antiquados, opressores, desiguais, limitantes, hierárquicos, que geram apagamentos, subalternizações e até mortes [necropolítica]⁸⁰. Logo, pesquisas sobre gênero constituem-se como possibilidades de (re)direcionamento de nossas atitudes para que pensemos novos projetos de sociedade e, logicamente, não apenas nas opressões que nos dizem respeito. As leituras que fazemos, bem como as transformações que iniciamos, certamente podem dar espaços para que aconteçam (re)significações em torno do(s) poder(es).

Se faz necessário que apresentemos, de maneira mais didática, à sociedade em geral, as formas como a academia interpreta o gênero e todas as opressões passíveis de estabelecerem intersecções com ele, a fim de busquemos abrir espaços para nos fortalecermos e para que (re)signifiquemos nossas relações, especialmente em contextos de exceção, cenários de extremo autoritarismo e conservadorismo, como esse que, por enquanto, se esconde [dentro de um armário de porcelana] enquanto arquiteta mil maneiras caóticas de sair sem ser notado.

Finalmente, apesar das limitações de qualquer pesquisa científica e pesquisador@, espero que esta dissertação aponte para caminhos que ainda não foram percorridos, pois existem “problemas”/desafios que merecem ser examinados com maior afinco e profundidade.

⁸⁰ In: MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016.

7 CRONOGRAMA

Tendo em vista o objetivo central e os objetivos secundários definidos, sistematizou-se a execução desse projeto de pesquisa em etapas, a saber:

Tabela 2. Cronograma de execução do Projeto de Pesquisa.

ETAPAS	PERÍODOS
Cursar disciplinas obrigatórias	Mar./2018 a Jul./2018
Mapeamento das teses e dissertações	Agosto/2018 a Dezembro/2018
Levantamento bibliográfico	Maior/2018 a Novembro/2019
Qualificação do pré-projeto	Julho/2019
Aprender a utilizar os <i>softwares</i> de análise textual e o banco de dados;	Abril/2018 a Outubro/2019
Análise dos dados	Setembro/2019 a Novembro/2019
Revisão e redação final	Setembro/2019 a Novembro/2019
Defesa da dissertação	Dezembro/2019

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

7.1 PLANILHA DE ORÇAMENTO

Os valores provenientes da bolsa de demanda social da CAPES foram destinados exclusivamente para atender às demandas da pesquisa e adicionalmente, para participação em eventos e publicações de artigos em periódicos.

Tabela 3. Orçamento aplicado na execução da Pesquisa.

SERVIÇOS E MATERIAIS	VALOR
Udemy - Curso <i>Microsoft Access</i> 2019	R\$ 150,00
Pacote <i>Office</i> 365	R\$ 299,00
Passagens (2 anos)	R\$ 1.000,00

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Idayany Araújo Cardoso. **O trabalho docente na produção acadêmica da Educação Física brasileira: um olhar para teses e dissertações dos Programas de Pós-graduação em Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí, 2018.

ALUÍSIO, Sandra M.; ALMEIDA, Gladis M. de B. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para pesquisa linguística. **Revista Calidoscópico**, Rio Grande do Sul, v. 4, n.3, p. 156-178, 2006.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na internet**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013.

ARENDRT, Hannah. **Verdade e política**. Tradução: Manuel Alberto. Título original: Truth and Politics. *The New Yorker*, 1967.

BAPTISTA, Maria M. **Gênero e Performance: textos essenciais**. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**; tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELO HORIZONTE (Estado). **Ânima Educação a Distância. Manual – Revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 20, p. 569-581, 2012.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de historiador**. Título original: *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRACHT, Valter. **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. 30 anos do CBCE: os desafios para uma associação científica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, vol. 30, n. 3, p. 31-44, 2009.

BRACHT, Valter; FARIA, Bruno; MORAES, Claudia; FERNANDES, Erivelton; ALMEIDA, Felipe; GHIDETTI, Filipe; GOMES, Ivan; ROCHA, Celeste; MACHADO, Thiago; ALMEIDA, Ueberson; PENHA, Vinícius. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte II. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 18, n. 2, p. 11-37, 2012.

BRACKE, Sarah; PATERNOTTE, David. **Desentrañando el pecado del género**. In: BRACKE, Sarah; PATERNOTTE, David (org.). ¡Habemus Género! La iglesia católica y ideología de género. Rio de Janeiro: SPW, s/d.

BRAIDOTTI, Rosi. **Quatro teses sobre feminismo pós-humano**. In: BAPTISTA, Maria M. Género e Performance: textos essenciais. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

BUTLER, Judith. Conhecimento contra o medo. [Entrevista concedida a] Maria Martha Bruno. **Gênero e Número**, 2019. In: O Reino Sagrado da Desinformação. Disponível em: <http://www.reinodadesinformacao.com.br/>

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**. São Paulo, vol. 42, p. 249-274, 2014.

_____. Lenguaje, poder y identidad. Madrid: Editorial Síntesis, 2001.

CAMARGO, Brigido V.; JUSTO, Ana M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Revista Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMARGO, Brigido V. **ALCESTE**: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: A. S. P, Moreira; J. C, Jesuíno & S. M, Nóbrega (Org.) Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais, p.511-539. João Pessoa: Editora da UFPB.

CAMARGO, Brigido V.; JUSTO, Ana M. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**, 2013, p. 1-18.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo C. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Paraná, vol. 7, n.1, p. 173-188, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e Raça. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC, 2002. p. 169-193.

CASTILLO, Otto René. Intelectuales Apolíticos / Apolitical Intellectuals. **Berkeley Journal of Sociology**, vol. 20, p. 8-11, 1975. JSTOR, <https://www.jstor.org/stable/41336288> .

CASTRO, Pedro Henrique Zubcich Caiado de; SILVA, Alan Camargo; Lüdorf Sílvia Maria Agatti. Dissertações e teses em Educação Física: uma investigação sobre abordagens metodológicas. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 25, e25013, 2019.

CASTRO, Pedro Henrique Zubcich Caiado de; SILVA, Alan Camargo; SILVA, Luiz Aureliano Imbiriba; Lüdorf Sílvia Maria Agatti. Dissertações e teses em Educação Física: uma investigação sobre abordagens metodológicas. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 23, n. 3, p. 869-882, 2017.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Diretoria Colegiada. Análise Técnica e Parecer. [Solicitação de Criação do GTT “Gênero” no CBCE]. **Florianópolis**: direção científica do CBCE, Santa Catarina, p. 1-11, 2013.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Coordenação GTT Gênero. Relatório do Grupo de Trabalho Temático Gênero. **Florianópolis**: Coordenação e Comitê Científico, Santa Catarina, p. 1-8, 2015-2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, p. 171-88, 2002.

DA SILVEIRA, Raquel. **Vivendo Ciências: as (co)existências de diferentes ontologias científicas da Educação Física**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

DELPHY, Christine. **Pensar o gênero: problemas e resistência**. In: BAPTISTA, Maria M. Gênero e Performance: textos essenciais. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

DUNNING, Eric; MAGUIRE Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**. Vol. 5, No. 2 (1997), p. 321-348.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 5, p. 07-41, 1995.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **As universidades públicas e a pesquisa no Brasil**. 1998. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (documento de trabalho) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

EINSTEIN, Albert. **Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento**. In: Lorentz, H. A.; Einstein, A. & Minkowski, H. Princípio de relatividade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1958 [1905]. p. 47-86.

_____. **Einstein’s manuscript on the special theory of relativity**. In: Klein, M.; Kox, A. J.; Renn, J. & Schulmann, R. (Ed.). The collected papers of Albert Einstein. Princeton: Princeton University Press, 1995 [1912]. v. 4: The Swiss years: writings 1912-1914. p. 9-108.

_____. **Como Vejo o Mundo**. Zurich: Europa Verlag, 1953.

_____. **Autobiographical notes**. In: Schilpp, P. A. (Ed.). Albert Einstein: philosopher-scientist. La Salle: Open Court, 1949. p. 1-94. (Trad. em português: Notas autobiográficas. Trad. de A. S. Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2009.

_____. **As palavras e as coisas**: um arqueologia das Ciências Humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRAISSE, Geneviève. **Los excesos del género**: concepto, imagen, desnudez. Traducción: Antoni Domènech. Madrid: Ediciones Catedra, 2016.

FRAISSE, Geneviève. **El concepto filosófico de género**. In: TUBERT, Silvia. Del sexo al género: los equívocos de un concepto. Madrid: Cátedra, 2003.

_____. Entre igualdade e liberdade. Colóquio Internacional Mulheres, Homens, Identidade, Igualdade e Diferença. **Estudos Feministas**, ano 3, n. 1, p. 164-171, 1995.

GATTI, Bernardete. **O uso do computador no processamento de dados** in: SELLTIZ, Claire; WRISGHTSMAN, Lawrence S.; COOK, Stuart W. Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais: análise de resultados; tradução: Maria Martha Hubner d'Oliveira e Miriam Marinotti del Rey. 2ª edição. São Paulo, SP: EPU, 1987.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução: Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esporte: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, vol.13, n.02, p. 171-196. Porto Alegre, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e Educação Física: inclusão da temática nos CONBRACES. Paraná. VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2014.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. [texto digitado a partir do original por Joana Plaza Pinto, versão disponível em pdf].

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, vol. 5, p. 07-41, 1995.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, São Paulo, vol. 22, p. 201-246, 2004.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Sociologia da ciência, bibliometria e cientometria: contribuições para a análise da produção científica. In: IV EPISTED: Seminário de Epistemologia e Teorias da Educação. 2012, Campinas. **Anais Eletrônicos[...]** Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2012.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène ; SENOTIER, Danièle. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2009.

INSTRUÇÃO NORMATIVA nº 01/2017 do PPGEF/UEL-UEM. **Modelo Escandinavo**, Londrina, PR, p. 1-4, 2017.

KELLE, Udo. **Análise com auxílio de computador**: codificação e indexação in: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático; tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LA BOÉTIE, Étienne. **Discurso da servidão voluntária**. Tradução: Casemiro Linarth. São Paulo: Martin Claret, 2009.

LAQUEUR, Thomas. **La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud**. Madrid: Ediciones Catedra, 1994.

MANCINI, Marisa C.; SAMPAIO, Rosana F. Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão (editorial). **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v.10, n. 4, p.361-472, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução: Freda Indursky. 2ªed. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MANOEL, Edison de Jesus; CARVALHO, Iara Maria de. Pós-graduação na Educação Física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 37, n. 2, p. 389-406, 2011.

MARICATO, João de M.; NORONHA, Daisy P. **Indicadores bibliométricos e cientométricos em CT&I**: apontamentos históricos, metodológicos e tendências de aplicação. In: HAYASHI, M. C. P. I.; LETA, J. (Org.). Bibliometria e Cientometria: reflexões teóricas e interfaces. São Carlos: Pedro & João, 2012, v. 1, p. 21-41.

MARICATO, J. M. **Procedimentos metodológicos em estudos bibliométricos e cientométricos**: opções e reflexões no contexto dos processos de recuperação e organização da informação. In: Costa, R. L. M. Estudos Contemporâneos em Comunicações e Artes: melhores teses e dissertações da ECA/USP 2010. São Paulo: ECA/USP, 2011.

MAYOR, Federico; FORTI, Augusto. **Science et pouvoir**. Paris: UNESCO, Maisonneuve & Larose, 1996.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. O Brazil-Médico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da Educação Física brasileira. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, vol. 15, n. 1, p. 209-219, 2008.

MONCAU, Gabriela. 2018. “**Sistema sexo/gênero – Gayle Rubin**”. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/sistema-sexo-g%C3%AAnero-gayle-rubin>.

MORANT, Isabel. **Geneviève Fraisse**: a contracorrente. In: FRAISSE, Geneviève. Los excesos del género: concepto, imagen, desnudez. Traducción: Antoni Domènech. Madrid: Cátedra, 2016.

NSI TRAINING TECNOLOGIA. **Treinamento em Microsoft Access 2010**. Rio Grande do Norte, 2010.

OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 23, n. 37, p. 113-129, 2007.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminists Concepts and the challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. **CODESRIA Gender Series**. Dakar, vol. 1, p. 1-8, 2004.

PIOVESAN, Flávia. Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 16, n. 3, p. 887-896, 2008.

RAMOS, Guerreiro. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque; SZWAKO, José Eduardo (Orgs.) *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p.116-149.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**. 2005, p. 117-142.

Disponível em:

http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 38, n. 138, p. 9-26, 2017.

RODRIGUES, Carla. Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Judith Butler no Brasil. **Em Construção**. Rio de Janeiro, n. 5, p. 59-72, 2019.

SACARDO, Michele. **Estudo bibliométrico e epistemológico da produção em Educação Física na região Centro-Oeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Reações ao giro linguístico: o resgate da ontologia ou do real, independente da consciência e da linguagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife. **Anais[...]** Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/upload/file/gttepistemologia/REA%C3%87%C3%95ES%20AO%20GIRO%20LINGU%C3%8DSTICO%20Silvio%20S%C3%AInchez%20Gamboa.pdf>.

SANTOS, Akiko. O que é transdisciplinaridade. **Rural Semanal**, Rio de Janeiro, parte I, 2005.

SEGATO, Rita L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico decolonial. **E-Cadernos CES** (18), 2012, p.106-131. pdf

ROSEVICS, Larissa. **Do pós-colonial à decolonidade**. In: CARVALHO, Glauber; ROSEVICS, Larissa (Org.). *Diálogos Internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Perse, 2017.

RUBIN, Gayle. “**The traffic in women: notes on the political economy of sex**”. In: REITER, Rayna (Org.). *Toward an anthropology of women*. New York, Monthly View Press, 1975.

SCAVONE, Lucila. **Prefácio à Edição Brasileira**. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène ; SENOTIER, Danièle (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.

SCOTT, John (Org.). **Sociologia: conceitos-chave**. Tradução: MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SIDONE, Otávio José G.; HADDAD, Eduardo A.; MENA-CHALCO, Jesús P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e redes de colaboração científica. **TransInformação**, Campinas, vol. 28, p. 15-31, 2016.

SILBERSCHATZ, Abraham; KORTH, Henry F.; SUDARSCHAN, S. **Sistema de Banco de Dados**. São Paulo: Makron Books, 1999.

SILVA, Tomás T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SMITH, Dorothy Edith. El punto de vista (*standpoint*) de las mujeres: conocimiento encarnado *versus* relaciones de dominación. **Revista del CEHIM**, año 8, n. 8, 2012.

SOARES, Ademilson de Sousa. Licenciatura versus Bacharelado: a cultura da polarização na formação inicial de professores. **Póiesis Pedagógica**, v.09, n.01. Jan/jun de 2011. p. 109-123.

SOARES, Carmen Lúcia. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 9, n. 3, p. 125-147, 2003.

SOARES, Paulo César. Contradições na pesquisa e Pós-graduação no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 32, p. 289-313, 2018.

SOUZA, Ana Paula Hilgert de. O “gênero” para além de uma proposição filosófica. Resenha de: FRAISSE, Geneviève. Los excesos del género: concepto, imagen, desnudez. Madrid: Ediciones Catedra, 2016. In: **Civitas**, Porto Alegre, vol. 18, n. 1, p. 204-211, 2018.

SPIZZIRRI, Giancarlo; PEREIRA, Carla Maria de Abreu; ABDO, Carmita Helena Najjar. **Diagnóstico & Tratamento**, vol. 19, n.1, p. 42-44, 2014.

TRINDADE, Hélió. Saber e poder: os dilemas da universidade brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 14, n. 40, p. 122-133, 2000.

TRINDADE, Hélió. Universidade em perspectiva: sociedade, conhecimento e poder. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.10, p. 5-15, 1999.

TOLMASQUIM, Alfredo Tiomno; PIMENTA, Ricardo Medeiros; OLINTO, Gilda. Entre a memória e a informação: cientistas perseguidos na ditadura militar. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2014. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ANCIB, 2014. GT10, p.5037-5049.

VAITSMAN, Jeni. Hierarquias de Gênero e Iniquidade em Saúde. **Revista de Saúde Coletiva (PHYSIS)**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, p. 7-22, 1994.

APÊNDICE A

Relatório extraído da “tblPesquisadorxs”: OficialDataBase_Gênero&EducaçãoFísica, criada no Microsoft Access por Jéssica de Moura Pereira em outubro de 2019, onde constam os dados: Código das/os pesquisadoras/es (chave principal de relação com as outras tabelas), identificação das/os pesquisadoras/es, sexo, orientação, ano de defesa, localização e Currículo Lattes acessível, basta selecionar o hiperlink para que seja direcionada/o à página.

IDPesquisadorxs		Sobrenome	Nome	Sexo	Orientação	Ano de Defesa	Região	Currículo Lattes
1	MATTOS	Michele	Mulher	Márcio	2014	Sul	http://lattes.cnpq.br/2899982654724924	
2	GOMES	Aline	Mulher	Ludmila	2015	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/4106461478917701	
3	PEREIRA	Erik	Homem	Monique	2015	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/2639550563831479	
4	RIHAN	Tayane	Mulher	Ludmila	2016	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/7937031202525552	
5	ANJOS	Luiza	Mulher	Rafael	2013	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/7236003364163208	
6	FERNANDES	Vera	Mulher	Ludmila	2014	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/6565787161853082	
7	GRESPLAN	Carla	Mulher	Silvana	2014	Sul	http://lattes.cnpq.br/6737407504534212	
8	TAVARES	Marcelo	Homem	Ludmila	2015	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/9620173885930319	
9	JORAS	Pamela	Mulher	Silvana	2015	Sul	http://lattes.cnpq.br/2805818211406372	
10	MONTEIRO	Igor	Homem	Ludmila	2016	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/1865734545357805	
11	MNA	Claudia	Mulher	Silvana	2016	Sul	http://lattes.cnpq.br/4675775387972511	
12	BERTÉ	Isabela	Mulher	Silvana	2016	Sul	http://lattes.cnpq.br/4459224973380079	
13	AMATO	Júlia	Mulher	Katia	2018	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/2097097380220609	
14	MEDEIROS	Thiago	Homem	Fernando	2014	Sul	http://lattes.cnpq.br/8371394876016588	
15	VIEIRA	Mariluce	Mulher	Fernando	2015	Sul	http://lattes.cnpq.br/2497135591897947	
16	COELHO	Johanna	Mulher	Silvana	2013	Sul	http://lattes.cnpq.br/0371449483650701	
17	GODOY	Karine	Mulher	Ludmila	2017	Sudeste	http://lattes.cnpq.br/3548228200501462	
18	SILVA	Jarlson	Homem	Iraquitã	2016	Nordeste	http://lattes.cnpq.br/3583292247516126	
19	BRUM	Adriana	Mulher	André	2016	Sul	http://lattes.cnpq.br/3991608550599100	
20	SALVINI	Leila	Mulher	Wanderley	2017	Sul	http://lattes.cnpq.br/3097196815033290	

Fonte: Elaborado pela autora através do *Microsoft Access*

APÊNDICE B

Relatório extraído da “tblMetodo”: OficialDataBase_Gênero&EducaçãoFísica, criada no Microsoft Access por Jéssica de Moura Pereira em outubro de 2019, onde constam os dados: código das/os pesquisadoras/es, natureza da pesquisa, contextos pesquisados, especificidade.

rptMetodo		quinta-feira, 21 de novembro de 2019 00:20:32	
DPesquisadorxs	Natureza da pesquisa	Contextos Pesquisados	Especificidade
1	Qualitativa	Escolar	Turma mista
2	Qualitativa	Escolar	Segundo Tempo (PST)
3	Qualitativa	Esportivo	Mídia
4	Qualitativa	Esportivo	Mídia
5	Qualitativa	Esportivo	Webjornalismo
6	Qualitativa	Lutas	Alto rendimento
7	Qualitativa	Lutas	MMA
8	Qualitativa	Esportivo	Voleibol
9	Qualitativa	Esportivo	Futebol
10	Qualitativa	Esportivo	Futebol
11	Qualitativa	Esportivo	Futebol
12	Qualitativa	Lutas	Boxe
13	Qualitativa	Esportivo	Jogos Olímpicos
14	Ambas	Esportivo	Futebol (Perfil psicológico)
15	Ambas	Esportivo	Perfil psicológico
16	Qualitativa	Esportivo	Ginástica
17	Qualitativa	Escolar	Brincadeiras e brinquedos
18	Qualitativa	Esportivo	Voleibol
19	Qualitativa	Lutas	Judô
20	Qualitativa	Lutas	MMA

Fonte: Elaborado pela autora através do *Microsoft Access*

APÊNDICE C

Relatório extraído da “tblProducao”: OficialDataBase_Gênero&EducaçãoFísica, criada no Microsoft Access por Jéssica de Moura Pereira em outubro de 2019, onde constam os dados: Código das/os pesquisadoras/es, tipo de produção, título da tese ou dissertação, subtítulo, categoria temática e obra completa anexada e passível de ser acessada.

rptProducao		quinta-feira, 21 de novembro de 2019 00:22:07			
DPesquisadora/s	Tipo de Produção	Título	Subtítulo	Categoria	Obra Complet
1	Dissertação	Aulas mistas na EF	tensões e contradições	Formato Artigos	
2	Dissertação	Discursos e experiências pedagógicas de gênero	no programa Segundo Tempo	Papéis Sexuais	
3	Tese	Relações de gênero	na mídia esportiva	Formato Artigos	
4	Dissertação	A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil	o que noticiam sobre elas?	Identidade	
5	Dissertação	Quando o silêncio é rompido	homossexualidades e esportes na internet	Sexualidade	
6	Dissertação	Mulheres de ouro	trajetórias e representações de atletas de lutas	Mulheres	
7	Dissertação	Mulheres no octógono	performatividades de corpos e sexualidades	Mulheres	
8	Dissertação	Mulheres em manchete	a potência da geração de Voleibol dos anos 1980	Mulheres	
9	Dissertação	Futebol de mulheres no Brasil	a história de vida de Aline Pellegrino	Mulheres	
10	Dissertação	Mulheres de preto	trajetórias na arbitragem do futebol profissional	Mulheres	
11	Dissertação	Macho varão sin pepa	a prática dos futebolistas na história de vida de atletas da equipe de futsal da UFRGS	Mulheres	
12	Dissertação	Mulheres no universo cultural do boxe	as questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no pugilismo	Mulheres	
13	Dissertação	Kairós	o momento da partida na história de vida de mulheres olímpicas brasileiras	Mulheres	
14	Dissertação	Traços de personalidade	em jogadores de futebol	Esterótipos	
15	Dissertação	Nível de satisfação com a vida de atletas segundo sexo, perfil psicológico de gênero e status social subjetivo	nas modalidades esportivas	Esterótipos	
16	Tese	Inserção dos meninos no universo cultural da GR	pesquisa-ação na federação riograndense de ginástica	Identidade	
17	Dissertação	Construção de identidades de gênero na infância	os discursos dos brinquedos e brincadeiras	Identidade	
18	Dissertação	Esporte e heteronormatividade	preconceitos encontrados e enfrentados por homossexuais	Sexualidade	
19	Dissertação	Mulheres que lutam	as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade	Mulheres	
20	Tese	A luta como ofício do corpo	entre a delimitação do subcampo e a construção de um hábitus do MMA em mulheres lutadoras	Mulheres	

Fonte: Elaborado pela autora através do *Microsoft Access*

APÊNDICE D

Formulário extraído da OficialDataBase_Gênero&EducaçãoFísica, criada no Microsoft Access por Jéssica de Moura Pereira em outubro de 2019. Pronto para a inserção de novas teses e dissertações.

frmPesquisadorxs

Formulário Teses e Dissertações sobre a temática 'Gênero' no contexto da EF brasileira

Código da Pesquisa	(Novo)
Sobrenome d@ Pesquisador@	
Nome d@ Pesquisador@	
Sexo	
Tipo de Produção	
Título	
Subtítulo	
Sobrenome d@ Orientador@	
Nome d@ Orientador@	
Ano de Defesa	
Natureza da Pesquisa	
Tese ou dissertação. pdf	
Estado	
Região do Brasil	
Curriculo Lattes	

Registro anterior Próximo registro

Novo Registro

Registro: 14 de 21 de 21 Sem Filtro Pesquisar

Fonte: Elaborado pela autora através do *Microsoft Access*